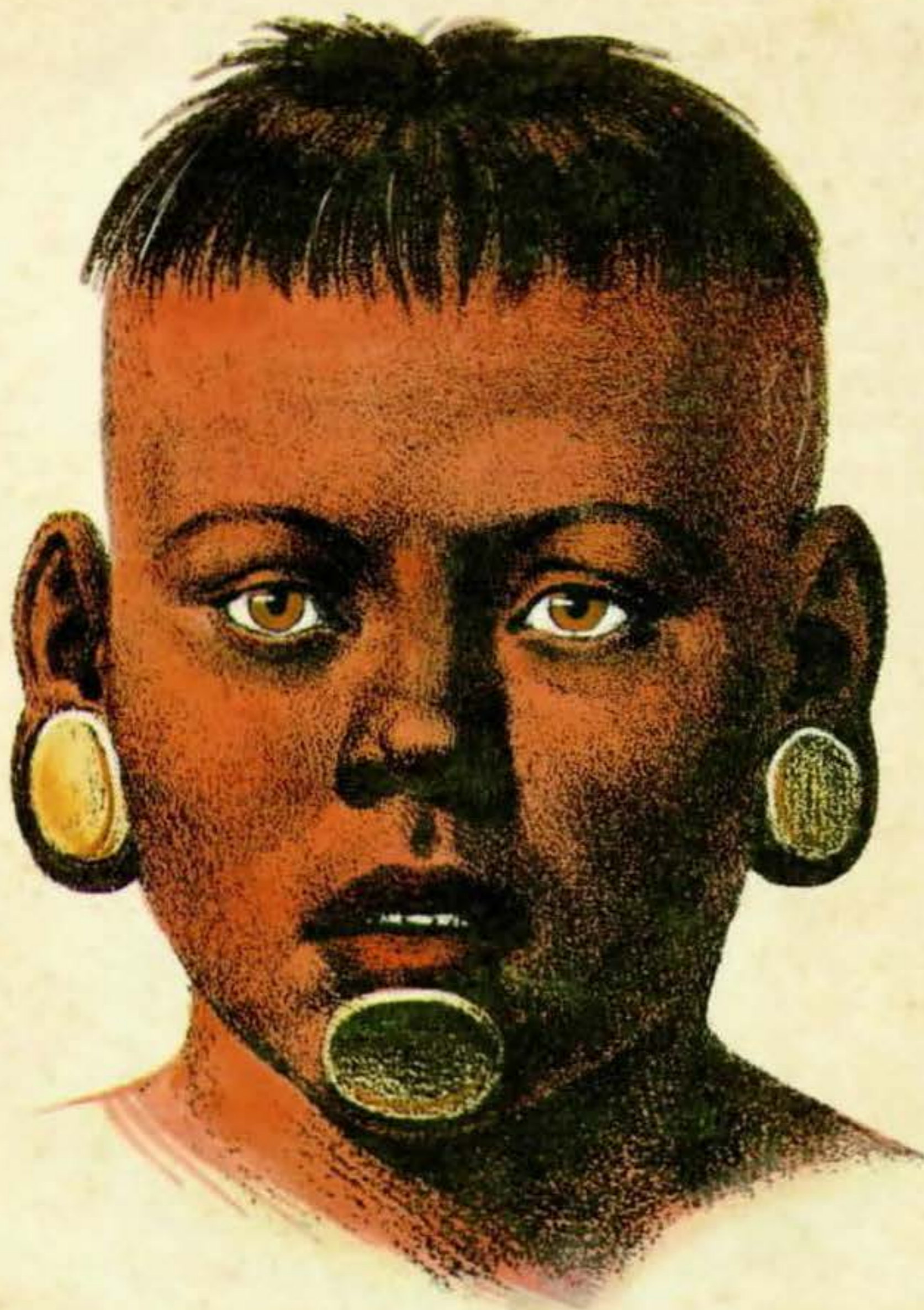


REVISTA DO PATRIMÔNIO

Histórico e Artístico Nacional

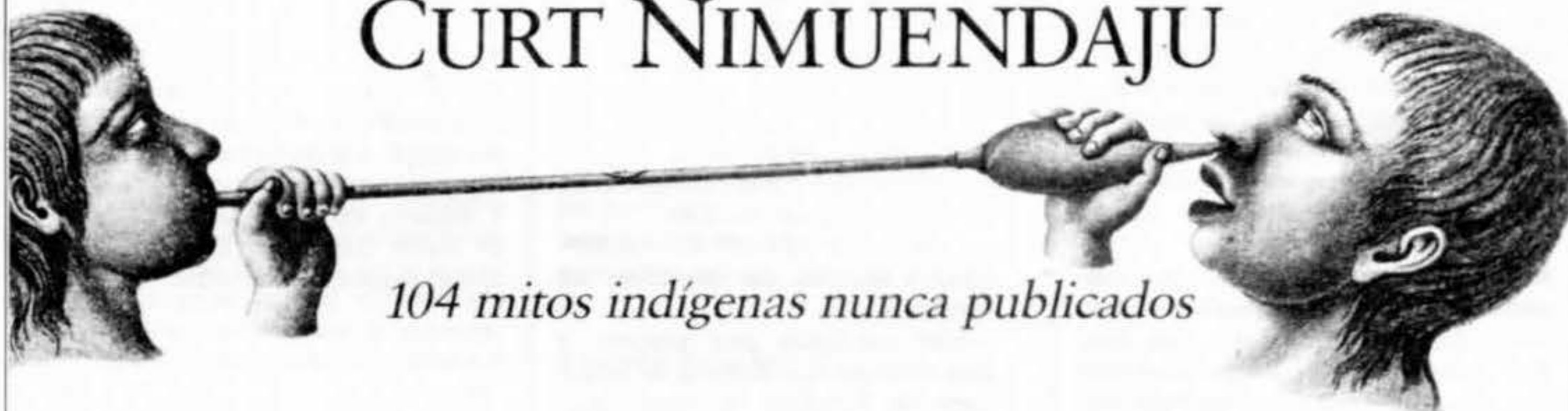
Nº 21/1986

*Mitos Indígenas Inéditos
na obra de
Curt Nimuendaju*



DOCUMENTO

CURT NIMUENDAJU



104 mitos indígenas nunca publicados

A redescoberta
do etnólogo
teuto - brasileiro

*Eduardo Batalha
Viveiros de Castro**



*Homem Tupinikim
de Olivença*



Curt Nimuendaju, local e fotógrafo não identificados. Museu Nacional, c. 1937.

Nimuendaju é talvez o nome mais conhecido da etnografia indígena brasileira, coisa que não se pode dizer de sua obra, vasta mas em grande parte inédita em português. A tradição lendária que cerca sua vida tem, igualmente, recebido mais atenção que as lendas e tradições dos índios a cujo estudo ele se dedicou durante quarenta anos, desde a sua chegada ao Brasil em 1905 até sua morte em 1945, numa aldeia Tikuna do Alto Solimões. A edição desta pequena amostra de mitos indígenas, nunca publicados, coletados por Curt Nimuendaju, é a contribuição da Revista do Patrimônio ao recente movimento de "redescoberta" da obra do grande etnó-

grafo teuto-brasileiro, obra essa de importância decisiva na consolidação dos estudos indígenas em nosso país.

Nimuendaju nasceu Curt Unkel em Jena, 1883. Chegando ao Brasil em 1905, já no ano seguinte iniciava sua convivência com os Guarani (Apapocúva) do Estado de São Paulo. Esta era

(*) Eduardo Batalha Viveiros de Castro é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). É especialista em etnologia indígena brasileira, tendo realizado pesquisas no Alto Xingu (Yawalapíti), Acre (Kulina), Roraima (Yanomami) e entre os Araweté do Pará. Trabalha atualmente sobre a organização social e a cosmologia dos povos Tupi-Guarani.

a época em que o noroeste paulista e o sul do Mato Grosso conheciam um movimento de colonização por imigrantes, apoiado pela construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil, de triste memória para os povos indígenas da região (Guarani, Kaingang, Xokleng, Ofaié). Foi neste contexto que surgiu o famoso debate entre Von Ihering, seguidor de tradição de Varnhagen no propor o extermínio dos povos indígenas para liberar suas terras aos imigrantes, e a corrente positivista que, vitoriosa, levou à criação do Serviço de Proteção aos Índios, agência oficial com a qual Nimuendaju veio a colaborar desde cedo, incorporando-se a ela em 1922. Nimuendaju passou cinco anos entre os Apapocúva-Guarani, acompanhando suas migrações em busca da "Terra sem Mal"; foi adotado e renomeado por eles, vindo a publicar em 1914 um relato dramático e etnograficamente magistral sobre a religião Apapocúva¹. A partir desta primeira experiência com os Guarani, Nimuendaju ampliou seu interesse e atuação até abarcar toda a realidade indígena brasileira, tornando-se o principal especialista na matéria por toda a primeira metade do século XX. Entre 1906 e 1945, realizou 38 expedições etnográficas e arqueológicas, cobrindo os quatro cantos do país, desbravando conjuntos culturais até então ignorados, desenvolvendo talentos de etnógrafo, linguista, arqueólogo, historiador e cartógrafo de um modo dificilmente emulável em qualquer época. Nas duas últimas décadas de sua vida, Nimuendaju lançou-se ao estudo dos povos de língua Jê do Brasil Central, empresa que resultou em três monografias clássicas, sobre os Xerente, os Apinayé e os Timbira Orientais (Krahó e Canela), trabalhos que, além de terem estabelecido um padrão técnico até então inexistente na antropologia brasileira, fizeram seu autor mundialmente conhecido. Robert Lowie e Claude Lévi-Strauss, a partir destas monografias, lançaram hipóteses que conduziram a um movimento de reestudo dos Jê, da década de 1960 em diante, responsável por uma mudança de rumo decisiva na etnografia indígena do continente.

Autodidata, sem qualquer espécie de formação acadêmica, Nimuendaju veio a adquirir um conhecimento enciclopédico sobre os índios brasileiros não apenas por sua associação com autoridades no assunto, como Nordenskiöld, Métraux e Rivet, mas principalmente por experiência de primeira mão, no campo, nas bibliotecas e arquivos. Em tudo isso, foi guiado por um compromisso radical – ético, político, epistemológico e vital – com as formas de vida e a sorte dos povos indígenas. Mais que teuto-brasileiro (naturalizou-se em 1922 com o nome de Curt Nimuendaju), ele foi um teuto-ameríndio: pois Nimuendaju nunca escondeu seu desprezo e sua indignação face aos habitantes de origem ou identidade européia do Brasil, responsáveis pela miséria física e psicológica dos índios, incapazes, em geral, de perceber e admirar a dignidade intrínseca das formas culturais nativas; incorporando antifrasticamente o uso local, Nimuendaju os chamava de "cristãos", e mais tarde veio a classificá-los de "neobrasileiros", anacronismo nem por isso menos eloquente.

Além deste compromisso existencial com os povos indígenas, Nimuendaju foi guiado por uma sensibilidade inata, capaz de apreender os temas essenciais, as questões fundantes de cada cultura que estudava: assim a escatologia religiosa dos Guarani, assim o refinamento sociológico dos Jê. O privilégio que sempre concedeu à palavra dos índios, em seus trabalhos, fê-lo sempre subordinar a especulação à descrição, a opinião ao registro do ouvido e testemunhado; foi isto também que o levou ao aprendizado e ao domínio de várias línguas indígenas, capacidades que hoje todo antropólogo sabe serem essenciais para

quase todo tipo de descrição etnográfica séria; deste interesse central pela palavra indígena são testemunhos valiosos os inúmeros mitos que colheu nas mais diversas tribos que visitou, alguns dos quais são aqui publicados.

Praticamente toda a produção etnológica de Nimuendaju já foi publicada, embora muito dela o tenha sido em edições hoje esgotadas, de acesso difícil, ou em alemão. Nos últimos anos, entretanto, algumas traduções, reedições e coletâneas vêm contribuindo para maior divulgação desta obra (ver a bibliografia abaixo). A maior parte dos inéditos de Nimuendaju consiste em materiais lingüísticos (vocabulários), apontamentos, rascunhos, fotos, e uma importante correspondência; salvo engano, apenas um ensaio descritivo sobre os Kayapó de Pau d'Arco (Irāamrayre) e, sobretudo, uma versão em português de sua monografia sobre os Timbira, que difere bastante da versão inglesa editada por Lowie (The Eastern Timbira) em 1946, são os trabalhos etnográficos importantes ainda inéditos. De toda forma, as monografias sobre os Xerente, os Timbira Orientais e os Tikuna ainda estão à espera de uma edição em português; mas seus trabalhos lingüísticos e sua correspondência também merecem uma edição crítica.

O Museu Nacional é o depositário do Arquivo Curt Nimuendaju, cujos materiais vem publicando com a rapidez e nas condições possíveis. Em 1981 veio à luz uma versão em português dos "Fragmentos de religião e tradição dos índios Sipaia" (Religião e Sociedade, 7); em 1985 preparamos uma tradução de As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani, que deverá vir à luz em 1986 pela Editora Hucitec, com o apoio da Secretaria de Cultura de São Paulo. E os mitos que ora publicamos são mais um passo neste esforço de divulgação dos materiais do Arquivo Nimuendaju.

Existe neste arquivo uma coletânea de mitos indígenas (um original e duas cópias-carbono, datilografadas pelo próprio Nimuendaju, com anotações e correções ortográficas à margem, a lápis, devidas provavelmente à Professora Heloísa Alberto Torres) coletados por Nimuendaju entre diversos povos indígenas brasileiros. Organizada pelo autor, esta coletânea visava claramente uma publicação, que reunisse em livro todo o corpus de mitos registrados pelo autor ao longo de sua carreira; não sabemos a data de sua confecção, mas tudo indica tratar-se de obra em que o autor trabalhava pouco antes de sua morte.

Os 397 relatos nela contidos são divididos por tribo, e cada conjunto é precedido de uma breve notícia etnográfica, especificando quase sempre a data e as condições da coleta. Começando pelos Apapokuva (18 mitos), seguem-se cinco mitos dos índios de Santa Rosa; 24 mitos dos Tembé; 63 mitos dos Shipaya; um mito Kuruáya; 48 mitos Timbira; 33 mitos Apinayé; 35 mitos Kayapó-Irāamrayre; 18 mitos Sherente; cinco mitos Kaingang; um Kuniba, dois dos Palikur; 23 Botocudo, um Maxakali, 27 Kamakā, um dos Gamela; cinco mitos Mura; e por fim 87 mitos Tikuna.

Grande parte destes mitos já havia sido publicada, fosse como parte de monografias gerais (Apinayé, Timbira, Tikuna) ou específicas (Apapokuva), ou fora objeto de publicação em forma de artigo (Sherente, Tembé). Toda vez que se tratava de um relato publicado anteriormente, Nimuendaju indicava, após o título do mito, a edição original. Na impossibilidade de publicarmos em sua íntegra esta volumosa coletânea na Revista



Curt Niemundaju, local e fotógrafo não identificados. Museu Nacional, c. 1937.

do Patrimônio, optamos por excluir aqueles mitos que já se encontram publicados, mesmo que em livros ou periódicos de acesso difícil. Havendo que adotar algum critério de seleção, adotamos o do ineditismo; assim, ora se publicam os mitos de "Santa Rosa", Kayapó-Irãamrayre, Kaingang, Kuniba, Palikur, Botocudo, Maxakali, Kamakã e Mura, que, mais uma vez salvo engano, preenchem tal critério. Vários mitos Tembê, Timbira, Apinayé e Tikuna, entretanto, também são inéditos, não tendo sido incluídos nas monografias sobre estas tribos publicadas por Nimuendaju; eles se constituem, aliás, em complemento valiosíssimo à etnografia destes povos, e esperamos publicá-los um dia. Na verdade, esperamos poder um dia publicar a coletânea na íntegra, tal como idealizada por Nimuendaju. O motivo de termos excluído os mitos Timbira, Tikuna, etc. inéditos, é que não nos pareceu adequado mutilar o corpus mitológico destas tribos reunido pelo autor; publicamos, assim, apenas os mitos de tribos que nunca tiveram sua mitologia publicada por Nimuendaju. Tribos aliás, que não foram objeto de etnografias detalhadas por parte de Nimuendaju, em muitos casos porque elas simplesmente não mais existiam, senão na memória de alguns poucos sobreviventes. Em alguns casos aqui publicados, os mitos são o magro e precioso resultado de uma "etnografia de rescaldo", são tudo o que restou de povos desaparecidos.

Na edição do texto, Divanila Moreira Breves de Lima procedeu a uma atualização da ortografia de Nimuendaju, bem como a algumas correções do português. Eu fiz uma revisão geral, com pequenas correções adicionais, acrescentando notas (chamadas por asterisco e marcadas N. do R.) sobre alguns regionalismos, nomes de animais e plantas; acrescentei ainda breves informações sobre a situação atual das tribos mencionadas: isto é sobretudo necessário, porque Nimuendaju, por motivos tanto objetivos como subjetivos, afirma por vezes a extinção — já cumprida ou iminente — de povos que existem e resistem até hoje. As notas explicativas do autor, numeradas serialmente e localizadas no final do texto, sofreram alguns remanejamentos por mim, visto trazerem, em alguns casos, referências a outras notas sobre tribos não incluídas aqui; parafraseei estas notas referentes a trechos eliminados, embutindo-as no corpo das notas que remetiam a elas.

A numeração dos mitos da versão original foi abandonada; em alguns casos ainda, Nimuendaju numerava sucessivamente relatos que, como ele mesmo indicava nos títulos, continuavam relatos anteriores; nesses casos, separamos as seqüências em blocos espaçados. O material iconográfico desta edição foi levantado pelo pesquisador Hamilton Botelho Malhano.

Agradecemos a colaboração de Vincent Carelli, editor de foto da série Povos Indígenas no Brasil do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI/São Paulo), e do fotógrafo Lamônica, do Museu do Índio, Rio de Janeiro.

Quemos crer, enfim, que a publicação destes mitos, sobre contribuir para a divulgação da obra de Nimuendaju para além do círculo estreito dos especialistas, vem enriquecer consideravelmente o corpo da mitologia indígena brasileira, ajudando a que se perceba o valor da contribuição específica das culturas indígenas para o patrimônio cultural de nosso país. Patrimônio esse que, ao contrário do que muitos pensam, não se constrói pela fusão crepuscular das diferenças em um "sincretismo" falsamente democrático, morno, inosso e incolor; mas que se constrói, sim, pela coabitação de tradições culturais distintas no mesmo espaço político-cultural, onde a diferença é um valor mais que positivo, é um valor vital. Con-



Curt Nimuendaju, local e fotógrafo não identificados. Museu Nacional, c. 1937.

tra o mito autoritário da identidade cultural nacional como espelho narcísico de indiferenças, aqui vai a modesta contribuição dos mitos resgatados por Nimuendaju, que falam de um patrimônio mais rico, mais complexo, mais diversificado, que infelizmente só sabemos, ou fingimos, respeitar sob a espécie do pretérito.

NOTA

(1) *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der religion der Apapocúva-Guarani. Zeitschrift für Ethnologie*, 46, Berlin 1914: 284-403. Há uma edição em castelhano: *Los Mitos de Creación y de destrucción del Mundo como Fundamentos de la Religion de los Apapocúva-Guarani. Trad. de J. Banadas, ed. de J. Riestler. Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Pratica (serie antropologica I)*, 1978. A tradução em português sairá em 1986, pela Editora Hucitec (tradução de Charlotte Emmerich e E. Viveiros de Castro).

BIBLIOGRÁFICA BÁSICA DE NIMUENDAJU

- The Serente. Los Angeles: The Southwest Museum (Publications of The Frederick Web Hodge Anniversary Publication Fund, 4), 1942.
 The Eastern Timbira. Berkeley and Los Angeles: University of California Press (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41), 1946.
 The Tukuna. Berkeley and Los Angeles: University of California Press (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 45), 1952.
 Os Índios Tikuna. Boletim do Museu do Índio, *Antropologia* nº 7. Rio de Janeiro, 1977.
 Los Mitos de Creación y de Destrucción del Mundo como Fundamentos de la religion de los Apapocúva-Guarani. Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Pratica (serie Antropologica I), 1978.
 Fragmentos de Religião e Tradição dos Índios Sipaia. *Religião e Sociedade* nº 7, julho de 1981: pps. 3-47.
 Textos Indigenistas. Prefácio e coordenação de Paulo Suess. São Paulo: Edições Loyola, coleção "Missa Aberta" nº 6, 1982.
 Os Apinayé. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1983.
 Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju. IBGE/FNPM, 1981.

OS MITOS



Índio Mura inalando piracá/Alexandre Ferreira, Viagem Filosófica à Capitania do Ceará-Para

ÍNDICE

Índios da ex-aldeia de Santa Rosa			
Os gêmeos	71	A mulher e o tapir	85
O fim do mundo	72	O homem-tapir	85
A cabeça sem corpo	72	O homem-tucunaré	86
Perna de lança	72		
A cerimônia da jurema	73	Kaingang	
Kayapó (Horda Irãamráyre)	73	A origem dos Kaingang	86
Como descobriram os Karayá	74	A criação dos animais	87
A origem dos Gorotire	74	A origem dos nomes de pessoas	87
A guerra contra os Gorotire	74	As almas de defuntos	88
A campanha de Nokára	74	O dilúvio	88
Tribos lendárias:			
1. Os Kubē-nyep	76	Kuniba	
2. Os Kubē-rop	76	A lua	89
3. Os Kubē-pári-kam-nó	76		
4. Os Kubē-amnét	77	Palikur	
Os dois <i>vayaná</i>	77	A origem do clã Kamohi-yúne	90
Karakī, o <i>vayaná</i>	78	A origem dos Galibí	90
A seca (I)	79		
A seca (II)	79	Botocudos	
A visão do Sol (Gorotire)	79	Tribos lendárias:	
O Trovão	80	1. Os Tombrék	91
O filho do Trovão	80	2. Os Poyekrégn	91
O dilúvio	80	Os espíritos <i>Marét</i>	91
O Arco-íris	80	A força mágica	92
O bólido	80	Transformações	92
Constelações	81	A ressurreição de um cadáver	93
A descida do céu	81	Ressurreição de um morto	93
A origem da tribo Kayapó	81	As almas	93
A dispersão dos povos	81	Os fantasmas	93
A Moça da Estrela e a Moça da Lagarta	81	A mulher que se transformou em onça	94
A árvore do milho	82	Sol, lua, eclipses, noite	95
A aquisição do fogo	82	A origem da trovoada	95
Perna de lança	83	A água	95
O menino e o jacaré	83	A aquisição do fogo	95
Anmekaprán	84	Contos de animais e de caçadores:	
Akrét e Kenkutá: o gavião grande	84	1. Arara e morcego	96
Nyére	85	2. Arara e urubus	96
Onça, sapo e tamanduá mixila	85	3. Origem da hostilidade entre os animais	96
A mãe das cobras	85	4. Os homens-guaribas	96
		5. O macaco vingativo	96
		6. Katnáp morto pela onça	96
		7. Como Berén matou a onça	96
		8. Outra história de onça	97
		9. Mais uma história de onça	97
		Mašakarí	
		Sol e Lua (Fragmento)	97
		Kamakā	
		Sol e Lua:	
		1. Os preás e os caratingas	98
		2. A enchente	98
		3. O enfeite do pica-pau	98
		4. O roubo das flechas	98
		5. Lua na caverna	99
		Eclipses e incêndio mundial	99
		A moça-estrela	99
		O Trovão	100
		Kečaxkwenyóí	100
		A origem das mulheres	100
		O homem que queria morrer	101
		Wadyé	101
		A mulher que ressuscitou como onça	102
		A festa das almas de defuntos	102
		O Sagüi	102
		O Pica-pau e as <i>Kanondarätsi</i>	103
		O herói Korō	103
		O jaguar na festa dos índios	104
		A mulher e o casal de jaguares	104
		A onça teimosa	105
		O homem entre as antas	105
		A batalha das aves	106
		Os irmãos encantados	106
		O viajante	106
		A mulher-anta	107
		Os pigmeus	107
		Lutas com os Patašó	107
		Mura	
		Constelações	108
		O arco-íris	108
		O dilúvio	108
		O incêndio universal	109
		A flauta dos porcos-do-mato	109





Os índios da ex-aldeia de Santa Rosa

A aldeia de Santa Rosa, um pouco ao norte de Jequié, Estado da Bahia, foi fundada em mil e oitocentos e sessenta e tantos com alguns índios descendentes dos Tupiniquim da aldeia Trancoso, perto de Porto Seguro. Algum tempo depois, reuniram-se a estes os remanescentes dos Kamuru-Kariri da aldeia da Pedra Branca, destruída por causa de sua resistência ao recrutamento para a guerra do Paraguai. Expulsos os índios de Santa Rosa em começos do século XX, eles se retiraram ao Gongogi e, enxotados dali, se estabeleceram mais ao sul, num afluente do rio Pardo. Sendo-lhes tomado novamente o lugar pelos neobrasileiros, alguns remanescentes se refugiaram, em 1938, nas terras do Posto Paraguaçu do Serviço de Proteção aos Índios, no rio Cachoeira, onde os conheci naquele ano. Meu informante, Apolinário, tinha a idade de oitenta e tantos anos, tendo vindo, na idade de uns dez, de Trancoso para Santa Rosa. Os seus conhecimentos da cerimônia da jurema, ele os adquiriu, sem dúvida, em convívio com os Kamuru-Kariri, mas as lendas parecem-me ser legitimamente Tupi. Nenhum desses índios conservou o menor conhecimento de sua língua original.

Os gêmeos

Uma índia vagava só pelo mundo. Um dia ela se encontrou com Jesus Cristo, que apontou para ela com o seu cajado, e com isto ela ficou grávida. Ao anoitecer, ela chegou a uma casinha modesta, onde morava o rato *Xupaty*. Ela passou a noite numa rede armada por baixo da de *Xupaty* e, do calor do corpo deste, ela ficou grávida pela segunda vez. Depois, ela chegou à casa da onça que tinha muitos filhos. A velha quis matar a mulher mas os filhos lhe pediram que os deixasse criá-la como xerimbabo*. Mas a onça velha terminou por matar a mulher. Quando ela abriu o corpo, saltaram dele dois meninos, um índio e um branco. A velha quis comê-los, mas os filhos dela pediram para criá-los, e os protegeram contra a voracidade de sua própria mãe.

O índio fez arco e flechas e, com o irmão branco, foi caçar passarinhos, que ele trazia à velha para que esta não comesse

a ele e a seu irmão. Entretanto, ela acabaria por fazê-lo, se os seus filhos não a tivessem impedido.

Caçando passarinhos, os irmãos chegaram à margem de um rio largo. Do outro lado eles avistaram jabuticabeiras com frutas maduras. O índio passou por cima da água como se fosse terra firme mas o branco não conseguiu imitá-lo. Então o índio esticou a corda do seu arco de uma margem à outra, e o branco conseguiu passar por cima dela. Eles comeram jabuticabas e trouxeram também uma quantidade delas para as onças. Estas, achando-as boas, resolveram ir, no dia seguinte, ao lugar das jabuticabeiras. Quando chegaram à margem do rio, elas perguntaram: "Como havemos de passar?" Outra vez o índio esticou a corda do seu arco de margem a margem e mandou primeiro o branco passar. Atrás dele seguiram as onças mas, quando estas estavam bem no meio do rio, o índio cortou a corda, elas caíram n'água e morreram afogadas.

"Vamos agora procurar nosso pai!", disse o índio. "Onde estará ele?", perguntou o branco. O índio apontou para longe: "Lá, já estou vendo sua casa!" O branco porém nada via, por mais que se esforçasse. A caminho de casa, eles tiveram de passar os dois rochedos que constantemente batem um contra o outro e se afastam. O índio saltou pela fenda quando esta se abriu; mas o branco, quando tentou imitá-lo, foi esmagado pelas pedras. O índio chorou a morte de seu irmão. Então um santo que ia passando pelo mesmo caminho ressuscitou o branco.



Apolinário, informante Tupiniquim de Curt Nimuendaju. Habitante da aldeia Trancoso, BA, o informante tinha 80 anos quando desta foto, em 1938.

(*) Animal de estimação (do tupi *xe-reimbab*, "meu animal de estimação"). (N. do R.)

Eles chegaram onde estava Jesus Cristo e lhe pediram a bênção. Este abençoou o índio mas negou a bênção ao branco. Ele chamou o índio para o seguir, deixando o branco atrás; mas o índio pediu para levá-lo também, pois era seu irmão. Então Jesus Cristo finalmente consentiu. Eles chegaram a uma grande casa cheia de mercadorias, tanto velhas como novas. "Meu filho, disse Jesus Cristo ao índio, tudo isto é teu, tira tudo que precisas!" Mas o índio só queria roupa ruim e ferramentas de má qualidade; ele nada sabia fazer com os objetos bons. "Que se fará agora das outras mercadorias que tu não quiseste?", perguntou Jesus Cristo. "Dai-as ao meu irmão", disse o índio, e Jesus Cristo assentiu. O branco encheu logo um navio com as mercadorias boas e partiu com ele, sem se despedir sequer. "Podes ir", disse Jesus Cristo. "Quanto mais tens tanto mais cobiçarás!"

O fim do mundo

Não demorará muito mais, e o mundo se acabará. Então a terra tremerá e soltará gemidos. Ela se incendiará e desmorona. O sol se obscurece e nas trevas vêm os animais ferozes que devoram os homens. Quando toda a terra estiver queimada, o mar se derramará sobre ela para esfriá-la. Então começará um outro mundo novo. A terra se cobrirá de flores e os anjos descerão.

A cabeça sem corpo

Um homem estava acampado na mata em companhia de sua mulher e do irmão desta. Eles fizeram mundéus* e mataram muita caça, mas o homem sempre encontrava em seu mundéu a caça sem a cabeça. Ele dormia com a mulher na rede, e seu cunhado, ao lado, numa cama de varas.

À noite, o homem observou como seu cunhado deixava pender a cabeça do jirau. Depois de algum tempo, esta se desprende do corpo, pulou zunindo duas vezes contra a rede e saiu voando: zzznnn! Quando, na manhã seguinte, o homem foi ver o seu mundéu, encontrou outra vez a presa com a cabeça comida, enquanto a caça no mundéu de seu cunhado estava intacta. Então ele conheceu que era seu cunhado quem roía durante a noite a caça.

No dia seguinte, ele contou a história a sua mulher; depois juntou uma boa quantidade de lenha. O cunhado, desconfiado, perguntou para que era tanta lenha, mas ele explicou que tinha sentido muito frio na noite anterior e que queria fazer uma boa fogueira. De noite, ele esperou até que a cabeça do cunhado se desprendesse outra vez do corpo e voasse. Então ele pegou o corpo, atirou-o na fogueira e o queimou. Passado algum tempo, a cabeça voltou e, como não achasse mais o corpo, saltou na nuca do homem, onde se fixou.

Durante um ano inteiro, o homem andou com a cabeça de seu cunhado, sem poder livrar-se dela. Um dia, ele pediu à cabeça que descesse e esperasse na beira do caminho, enquanto ele ia ao mato defecar. A cabeça obedeceu. Depois de esperar por muito tempo, ela gritou: "Depressa, meu cunhado, vamos!" — "Espere", respondeu este, "eu estou com dor de barriga!" Então ele fugiu pela mata, rumo à aldeia. Quando a cabeça não obteve mais resposta, ela voou ao lugar onde o homem tinha

estado, mas só encontrou os excrementos deste, que ela devorou. Ela ainda perseguiu o homem até a beira do roçado, depois voltou.

O homem não se atreveu a ir ao mato por um ano inteiro, com medo da cabeça do cunhado. Um dia, porém, ele notou que debaixo de um oitizeiro, na beira da roça, reuniam-se muitas pacas, cutias e tatus para comerem as frutas que caíam. Então ele fez um jirau nos galhos da árvore, subiu com a sua arma e esperou. Ele matou um animal após outro, levando sempre a presa para cima do jirau. De repente apareceu também a cabeça sem corpo, devorando com aidez todas as frutas que ainda restavam no chão. Então ela olhou para cima e, vendo o homem sentado no jirau, mostrou-se muito satisfeita: "Oh meu cunhado! Há quanto tempo eu queria me encontrar contigo! Desce já!" O homem, porém, cheio de medo, negou-se a obedecer. Então a cabeça ameaçou-o, dizendo que havia de buscá-lo no jirau se ele não descesse. O homem perguntou se ela não queria uma cutia e ela respondeu que sim. Ele atirou uma das cutias que tinha matado, e a cabeça devorou-a num instante, exigindo mais. O homem jogou uma paca para baixo. Ele atirou-a para longe mas a cabeça, num instante, a alcançou e devorou, voltando imediatamente à árvore para exigir mais. O homem jogou-lhe um por um todos os animais que ele havia morto. Depois começou a derribar frutas para a cabeça. Um delas ele atirou longe, para dentro das moitas, onde ela veio cair nas costas de um veado que aí estava deitado escondido. O animal correu assustado pela mata afora, fugindo para um tabocal que rompeu com grande barulho. A cabeça, que tinha corrido atrás da fruta, ouvindo este ruído, julgou ser o cunhado que ia fugindo dela. Abandonando a fruta, ela perseguiu o veado, inter-nando-se cada vez mais na mata. Quando a cabeça havia desaparecido, o homem desceu e correu para casa a toda pressa. A cabeça ainda hoje vaga pela mata.

Perna de lança

Um homem estava acampado na mata com seu cunhado, passando a noite deitados na beira do fogo. Vendo que o cunhado estava metendo a perna na fogueira, ele o acordou para que retirasse o pé. Algum tempo depois, porém, ele meteu-o novamente na fogueira. Quando a carne da perna estava assada, ele se sentou, cortou-a do osso e a comeu. "Que estás fazendo?", perguntou o outro. "Cunhado", respondeu ele, "eu tenho tanta fome!" Quando só restava o osso limpo, ele pulou numa perna só a uma laje de pedra onde amolou a extremidade do osso, fazendo nele uma ponta bem fina. Feito isto, ele pulou até um pé de barriguda* e lhe aplicou tamanha estocada com a ponta do osso que esta penetrou profundamente na madeira. Seu cunhado, vendo isto, ficou com medo e fugiu para casa. Quando chegou sozinho, a avó do cunhado lhe perguntou onde tinha ficado seu neto, e ele respondeu que este, provavelmente, tinha-se perdido na mata. Então a avó fez beijos de mandioca, colocou-os na cabeça, e foi para o mato, gritando: "Meu neto! Meu neto!" Não demorou muito e este chegou, pulando numa perna só. "Meu neto", gritou a velha ao avistá-lo, "vem, que eu te trouxe beijos de mandioca!" — "Minha avó", respondeu ele, "eu quero comer a ti mesma!" Dizendo isto, ele trespassou-a com a ponta de osso e a devorou.

(*) Armadilha de caça. (N. do R.)

(*) *Cavanillesea arborea*, uma bombacácea, ou talvez a paineira (*Chorisia speciosa*), também uma bombacácea. (N. do R.)



Curt Nimuendaju, Museu Nacional, 1938

Família Tupinikim da aldeia de Olivença

Seu cunhado, então, coletou uma grande quantidade de cera de abelhas e com ela fez um boneco do tamanho de um homem, que ele colocou num caminho do mato. Depois ele chamou pelo Perna de Lança, escondendo-se depressa. Este veio pulando e, tomando o boneco por um homem, deu-lhe uma estocada. Mas a ponta de osso ficou presa na cera e ele não se pôde mais livrar. Seu cunhado então saiu e o matou.

A cerimônia da jurema*

Iam-se buscar, a leste do sítio da cerimônia, pedaços de galhos de jurema dos quais se tirava a casca, de cima para baixo, com um bastão de pau. A massa lenhosa era posta em infusão com água e depois espremida numa cuia especial (com um prolongamento que servia de cabo). A cerimônia era executada durante a noite para os neobrasileiros não saberem dela. Um certo número de moças sentava-se ao redor da cuia. Elas fumavam de um grosso cachimbo de barro e sopravam a fumaça sobre a bebida, onde ela formava uma camada espessa. Um velho, com um maracá enfeitado com um mosaico de penas grudadas, dançava, com o torso curvado, ao redor do grupo, cantando: *Endarindandá nafé nafé nafé!* e as moças respondiam: *Darindarindandá!* Em seguida, o velho dava às moças e aos homens, que formavam uma fileira ao lado, um pouco da bebida de jurema numa pequena tigela de barro.

A jurema mostra o mundo inteiro a quem a bebe: vê-se o céu aberto, cujo fundo é inteiramente vermelho; vê-se a morada luminosa de Deus; vê-se o campo de flores onde habitam as almas dos índios mortos, separadas das almas dos outros. Ao fundo vê-se uma serra azul. Vêm-se as aves do campo de flores: beija-flores, sofrês e sabiás. À sua entrada estão os rochedos que se entrechocam, esmagando as almas dos maus quando estas querem passar entre eles. Vê-se como o sol passa por debaixo da terra. Vê-se também a ave do trovão, que é desta altura (um metro). Seus olhos são como os da arara, suas penas são vermelhas e no alto da sua cabeça ela traz um enorme penacho. Abrindo e fechando este penacho, ela produz o raio e, quando corre para lá e para cá, o trovão.

(*) Nos anos de sua mocidade, o meu informante ainda tomou parte na cerimônia da jurema que os descendentes dos Kamuru-Kariri celebravam na aldeia de Santa Rosa. (N. do A.)



Kayapó (Horda Iraamráyre)

A subtribo Irãamráyre dos Kayapó Setentrionais é conhecida desde o começo do século passado, habitando os campos a oeste do Araguaia, na bacia do rio Pau d'Arco. De um modo geral, eles se conservaram pacíficos. Seus vizinhos e inimigos pelo lado do oeste eram os Kayapó da subtribo dos Gorotire. De 1891 em diante, a tribo foi objeto da catequese de Frei Gil de Villanova, que em 1897 fundou Conceição do Araguaia. Nessa época contavam os Irãamráyre 1.500 cabeças. Os missionários não conseguiram a conversão da tribo mas, em 1940, esta estava reduzida a três mulheres e dois homens, dispersos entre os neobrasileiros. O material presente foi obtido com esses dois últimos homens, na margem do Arraias, em 1940.

A língua Kayapó é um membro do grupo do norte e oeste da família Gê, parente próxima da língua Timbira e, especialmente, do Apinayé.*



Curt Nimuendaju, Museu Nacional, 1940

Cícero Bepkrit, informante Kayapó um dos dois únicos homens sobreviventes da subtribo Irãamráyre, que relataram, em 1940, às margens do rio Arraias, Goiás, os mitos Kayapó a Curt Nimuendaju.

(*) Os povos Kayapó estão hoje concentrados na bacia do Médio Xingu, e totalizam cerca de 3.000 indivíduos distribuídos em 13 aldeias. (N. do R.)

Como descobriram os Karayá

Os Irãamráyre tinham duas espécies de máscaras: as máscaras de tamanduá, próprias deles e comuns aos Apinayé e Serente, e as máscaras *Bo* que, segundo eles mesmos afirmam, lhes vieram dos Karayá.

Um homem vestira a máscara *Bo* e estava dançando com ela. Mandou chamar seu *Kram*¹ para que vestisse a outra máscara e lhe viesse fazer companhia; este, porém, estava ocupado em fazer flechas e declarou não ter tempo para tal. Seu *Kram*, porém, mandou chamá-lo novamente. Ele levantou-se por fim, com enfado, e pôs a outra máscara. Os dois dançaram durante todo o dia e toda a noite e ainda no dia seguinte até o meio-dia. Quando finalmente quiseram despir as vestimentas da máscara, os cordões sobre a cabeça tinham-lhes crescido crânio adentro, saindo pelas narinas; os cordões da nuca da máscara saíam-lhes pela boca e os do ombro haviam-lhes penetrado entre as costelas. Não puderam mais tirar as máscaras e ninguém os pôde socorrer. Então os dois foram ao rio, acompanhados por todo o povo. Os dois mascarados caminharam sobre a água como se fosse terra firme mas, quando chegaram no meio do rio, submergiram repentinamente. Ao mesmo tempo, ouviu-se no fundo do rio um grande barulho: eram os Karayá, os senhores das máscaras *Bo* que moravam ali embaixo. Quando os dois Kayapó chegaram junto deles, tiraram-lhes as máscaras. Depois de muito tempo, os dois voltaram outra vez para a terra e contaram que no fundo do rio moravam os Karayá.

A origem dos Gorotire

Os piores inimigos dos Irãamráyre foram, durante mais de meio século, seus vizinhos a oeste, os Gorotire-Kayapó da região do rio Fresco, além do divisor das águas do Xingu. Sobre a origem dos Gorotire e da inimizade entre a tribo do Pau d'Arco e eles conta a tradição o seguinte.

A princípio habitavam todos os Kayapó uma só aldeia grande. Era esta tão grande que era preciso um dia inteiro para se dar a volta pelo círculo todo das casas². Os *Me-norō-ni-re*³ preparavam-se para uma festa, aprendendo um número de cantigas para ela. Depois foram caçar para trazerem a carne para a festa. Nesse meio tempo, os *Me-kra-re*⁴ dançaram com as cantigas dos *Me-norō-ni-re*. Quando estes voltaram e viram que os homens haviam se apoderado de suas cantigas, tornando com isto impossível a celebração de sua festa, aborreceram-se grandemente. Consultaram-se com um velho que conhecia as regiões a oeste dos Irãamráyre. À tarde este velho foi ao pátio e chamou os *Me-norō-ni-re*: "Vinde! Vinde todos! Amanhã eu quero comer *krōe-ti* (trairão, *Hoplias macropthalmus*, um peixe que não existe no Araguaia mas na bacia do Xingu)!" Os outros habitantes da aldeia estranharam tal convite mas o velho



combinou tudo com os dois *Ka-dywūdn*⁵ dos *Me-norō-ni-re* para o dia seguinte. Na manhã seguinte eles partiram da aldeia, levando suas raparigas. Foram quase todos os *Me-norō-ni-re*. Emigraram para o Oeste, onde fundaram uma aldeia própria. Depois fizeram flechas de guerra e voltaram para lutar com os *Me-kra-re* que os haviam ofendido. Multiplicaram-se e formaram a tribo dos Gorotire. — As hostilidades continuaram até 1939.

A guerra contra os Gorotire

Os Gorotire atacaram os Irãamráyre no Arraias. Haviam-se dividido para isso em dois grupos: enquanto um lutava com os homens, o outro aprisionou todas as mulheres. A tia de minha mãe (disse o meu informante Cícero Bepkprít) contava que, por toda parte, no campo e nas moitas, jaziam espalhados feridos e mortos em grande número. Entre as mulheres aprisionadas, estava uma cujo filho sempre lhe dizia que o chamasse se, um dia, caísse em poder do inimigo. Ela chamou-o, nessa ocasião, pelo próprio nome e ele apareceu atrás de uma moita. Atirava com flechas de guerra (com ponta de taquara) aos inimigos, fazendo sempre pontaria para a barriga. Os inimigos procuravam capturá-lo mas ele escapava, aparecendo de novo em outro lugar, continuando a lhes atirar flechas. Dois outros rapazinhos se reuniram a ele, e os três lutaram até não terem mais flechas. Então fugiram, enquanto os Gorotire foram levando as mulheres capturadas. Estas, porém, fugiram todas, voltando, em grupos de duas e de três, à aldeia do Arraias, justamente na ocasião em que os guerreiros da aldeia estavam se armando para tomarem vingança contra os Gorotire. Os Irãamráyre marcharam contra a aldeia dos inimigos que, na ocasião de sua chegada, estavam todos reunidos numa grande casa de festa, no pátio da aldeia. Tomando a única saída, os Irãamráyre atearam fogo em redor da casa de festa dos Gorotire. Dos que estavam dentro ninguém escapou, senão uma mulher do Arraias, capturada. Quando ela apareceu à porta da casa incendiada, um de seus parentes reconheceu-a e, conseguindo apanhar-lhe um dedo, puxou-a para fora. Bepkprít ainda conheceu essa mulher quando menino. Os atacantes capturaram diversas mulheres Gorotire mas estas também escaparam todas, voltando para a sua tribo.

A campanha de Nokára

Naquele tempo existiam no Arraias uma aldeia maior e outra menor da tribo Irãamráyre. Os homens da menor tinham ido pescar com timbó.* Nesse meio tempo uma velha que fora buscar lenha viu, nas moitas junto da aldeia, dois guerreiros inimigos, enfeitados para a guerra. Deixou a lenha no chão, correu imediatamente para a aldeia e disse à sua filha mais velha: "Foge! Os inimigos já vêm aí!" Esta, porém, respondeu: "Eu não fugirei, mas ficarei aqui!" — "Então não espere, também, que eu te socorra", disse a velha; tomou sua filha mais nova pela mão e fugiu com ela rumo à aguada. Logo as duas ouviram a gritaria na aldeia, quando os inimigos mataram os velhos e as mulheres. Três moças e um menino foram capturados. Um dos inimigos pegou a filha mais velha da mulher, mas ela disse: "Espera um pouco! Na choça de meu pai há muitas coisas bonitas, vai primeiro buscá-las!" — "Então espe-

(*) Cipó icotóxico. (N. do R.)

ra-me aqui”, disse o Gorotire, correndo em direção à choça indicada. A moça aproveitou a oportunidade para fugir em busca de sua mãe. As três procuraram os homens que estavam pescando e lhes contaram o que havia acontecido. Estes, deixando tudo, correram imediatamente à aldeia mas só acharam os mortos, que sepultaram.

Depois, um deles foi avisar a aldeia maior. Chegando diante dela, subiu a uma árvore e gritou, mas um dos dois chefes da aldeia maior⁶ disse: “Por que ele está gritando agora? Não podia estar morando conosco? Ninguém o atenda!” Nokára, o outro chefe, era de opinião diferente. Quando no dia seguinte todos os homens se acharam reunidos no pátio, ele entrou, enfeitado e armado de lança, no meio deles, e os convidou para a guerra contra os Gorotire. Todos os guerreiros se levantaram, prontos para acompanhá-lo; ele, porém, escolheu os melhores, primeiro entre os maiores e depois entre os menores, saindo com eles da aldeia. No caminho, encontrou com os *Me-norō-ní-re* que vinham da pescaria com timbó. Nokára fê-los parar e, quando estavam formados diante dele, escolheu os melhores para tomarem parte na guerra. Depois encontraram com os *Goromanoro*⁷ que traziam os peixes. Fazendo-os parar também, Nokára comeu com eles e escolheu, dentre todos, um certo Kadyaminró, que levou também.

Seguiram o rastro dos inimigos. O pai do menino que havia sido capturado sempre lhe recomendava que, no caso de um dia ser capturado novamente, deixasse sinais pelo caminho para que ele, seu pai, pudesse alcançá-lo e libertá-lo. Por isso agora o menino, quando passava com os outros prisioneiros pelo campo, arrancava folhas de pati, tecendo com elas cestinhos que deixava cair pelo caminho. Quando depois entraram na zona da mata, fazia o mesmo com folhas de açai; os Gorotire, por fim, descobriram a sua manobra e ameaçaram-no de morte se continuasse.

Depois de alguns dias, os perseguidores verificaram que os rastros dos Gorotire se dirigiam para todos os lados. Procurou-se por toda parte mas não foi mais possível determinar para onde os inimigos se haviam dirigido. Ora, achava-se também na tropa um sobrinho de Nokára, um rapaz de quem ninguém gostava. Este desapareceu de repente, sem dizer palavra a ninguém. Uns diziam: “Voltou para casa!”, mas outros eram de opinião que estava algures, escondido no mato. Entretanto, o rapaz estava fazendo um grande semicírculo pela mata, até que chegou no trilho em que os rastros do Gorotire, paulatinamente, se reuniam outra vez. Seguiu por esse trilho até que o rastro de toda a tropa inimiga estava junto novamente. Então pôs seu arco com as flechas e a borduna em pé, na mata, orientou-se e voltou, quebrando galhos com a mão, em linha reta à sua tropa.

De noite, Nokára mandou que seus guerreiros fossem dormir; ele, porém, ficou sentado com a sua lança na mão. “Podeis dormir”, disse ele, “ficarei acordado para ver o que acontece.” Já era madrugada quando ouviu o rapaz gritar de longe: “Wa! Wa!” — “Será meu sobrinho?”, pensou, “vou esperar.” Outra vez o rapaz gritou e, depois, pela terceira vez. Então Nokára chamou os guerreiros e estes choraram, considerando a si-

tuação horrível do rapaz sozinho e sem fogo, embrenhado na mata tenebrosa. Depois ouviram-no, já mais perto, gritar por fogo e, então, foram encontrá-lo com tições, trazendo-o ao acampamento. Depois de descansar, o recém-chegado contou que tinha achado outra vez o rastro dos inimigos. Entre os guerreiros estavam também três velhos, que entraram a rolar pelo chão, satisfeitos com a notícia e roncavam como onças: “He-hehe!”

No outro dia, eles partiram pela manhã, indo dois guerreiros adiante como espias (*me-apkara*). À boca da noite voltaram e relataram: “Estão perto, achamos seus fogos abandonados há pouco tempo!” Então apressaram a perseguição. Outra vez os espias voltaram e contaram que haviam encontrado um fogo onde os inimigos acabaram de fazer sua refeição. À tarde, alcançaram os Gorotire mas Nokára não os atacou logo, dizendo: “Deixai-os, primeiro, aprontar a comida para nós!”

Um dos espias era o irmão de uma das mulheres capturadas. Cada uma das três prisioneiras já recebera um Gorotire por companheiro. A mulher cujo irmão vinha entre os atacantes estava no alto de uma bacabeira para cortar-lhe o cacho, enquanto seu companheiro a esperava embaixo, junto à palmeira. O irmão a viu. Apanhou um galho seco e quebrou-o. A mulher, ouvindo o estalo, olhou ao redor. Então o irmão saiu para o limpo para que pudesse ser visto por ela. A mulher, na bacabeira, começou então a gemer baixinho. “Que há?”, perguntou-lhe o companheiro. “Muitas formigas”, respondeu. “Então deixa o cacho e desce”, disse o Gorotire. Ela desceu e voltou com ele ao acampamento. Ali chamou suas companheiras: “Vinde buscar água!” Quando estavam a sós na aguada, ela contou-lhes: “Vi meu irmão! Antes de anoitecer os nossos atacarão!”

Os inimigos tinham matado muita caça. Por toda parte viam-se enormes fornos de terra.⁸ Só com as vísceras da caça eles se haviam fartado tanto que quase não se podiam mais mexer. Então Nokára mandou cercar, de dois lados, o acampamento. Em cada bando estava um menino com um cinto maracá (*nridn-nyi*);⁹ também Nokára trazia um na mão. Atrás dele vinha seu sobrinho Kadyaminró. Quando os extremos das duas linhas se tinham encontrado, estando o inimigo completamente cercado, Nokára deu com o próprio cinto, baixinho, o sinal e os dois outros portadores de cintos responderam com sinais igualmente baixos. Mas um dos chefes dos Gorotire ouviu o



Desenhos de máscaras Bo, de origem Karayá, e das máscaras de tamanduá, próprias aos Kaiapós, Apinayé e Serente. Os desenhos foram colhidos por Curt Nimuendaju entre os sobreviventes Irãamrayre, em 1940.

som do maracá e gritou para o outro: "Estás vendo, Kram? Eu não te disse que marchássemos mais para diante com os prisioneiros? Agora os inimigos já chegaram! Agora vai matá-los!" Então os guerreiros de Nokára atacaram de todos os lados, matando os Gorotire dos quais somente três conseguiram escapar.

Tribos lendárias: 1. Os Kubē-nyep

Fora esses inimigos históricos, falam os Irãamráyre ainda em diversas tribos lendárias com as quais pretendem ter lutado em tempos remotos. Uma destas é a dos Kubē-nyep (*kubē* – índio, *nyep* – morcego) que habitava ao sul dos Kayapó e era inimiga destes. Tinham forma humana mas possuíam também asas como morcegos e matavam os seus adversários a dentada. Ninguém sabia ao certo onde moravam. Uma vez, porém, alguns índios que estavam caçando viram voar um grupo de Kubē-nyep sobre eles, carregando seus filhos nas costas. Seguiram no rumo em que voavam e descobriram a habitação dos Kubē-nyep numa galeria subterrânea que tinha duas bocas. Quando os Kayapó atacaram por uma delas, a maior parte dos Kubē-nyep voou pela outra, levando seus filhos às costas e conseguiram escapar. Os Kayapó fizeram fumaça em ambas as bocas e assim sufocaram os que haviam ficado. Examinando, depois, a habitação dos Kubē-nyep encontraram a um canto um menino ainda vivo que levaram e criaram. O pequeno, a princípio, só queria dormir pendurado, de cabeça para baixo, e só se acostumou a dormir no chão, como os Kayapó, depois de lhe terem cortado as asas. A sua única comida era pipoca de milho. Ele ensinou aos Kayapó as cantigas de Kubē-nyep, que cantam até hoje.¹⁰



2. Os Kubē-rop

Uma tropa de caçadores Kayapó estava acampada à margem de um pequeno lago muito profundo e de águas bem claras. As margens eram estranhamente limpas, como se fossem constantemente pisadas por gente, mas os Kayapó não deram importância a esse fato. Depuseram na margem os jabutis que tinham apanhado no caminho e foram caçar. Só deixaram atrás um menino que tinha subido a uma árvore. Algum tempo depois este viu como dois Kubē-rop (*rop* – onça) assomaram d'água e saíram em terra. Tinham formas humanas mas as suas presas eram de um palmo de comprimento. Nos pulsos e abaixo dos joelhos usavam ligas vermelhas com borlas. Rodeando um deles o lago pela direita, e o outro pela esquerda, os dois recolheram todos os jabutis que os Kayapó tinham deixado, desaparecendo com eles nas profundezas do lago. Quando os caçadores voltaram, o menino contou o acontecido a seu pai. "Que estás dizendo aí?", perguntou um outro que ti-

nha apanhado algumas palavras do relato do menino. "Nada, nada!", disse o pai. Quando anoiteceu, os caçadores prepararam sua dormida rente à margem do lago. Depois de algum tempo, porém, o pai do menino declarou que ali não se podia agüentar, devido às formigas, e retirou-se com os seus parentes um pouco mais para longe. Mas também lá ele tornou a afirmar que as formigas não o deixavam dormir, mudando, sob este pretexto, o seu acampamento ainda mais para diante, no interior da mata. Durante a noite, enquanto os Kayapó estavam dormindo, subiram os Kubē-rop do fundo do lago, matando a todos e carregando os cadáveres para a sua habitação subaquática. Na margem só ficou sangue.

A família do menino, que nada tinha sofrido, voltou à aldeia e contou o que se havia passado. Então, toda a aldeia dos Irãamráyre saiu contra os Kubē-rop; também as mulheres foram. Chegadas ao lado, estas fizeram ao seu redor enormes fogueiras nas quais esquentaram pedras, como para um forno de terra. Quando as pedras estavam em brasa, atiraram-nas, ao mesmo tempo, de todos os lados na água do lago, que logo começou a fumer e ferver. Então apareceram primeiro as crianças dos Kubē-rop na superfície e foram mortas. Depois subiram também os adultos com os quais se procedeu da mesma maneira, ficando os Kubē-rop extintos.¹¹

3. Os Kubē-pári-kam-nó

Este nome significa "índios" (*kubē*) com olhos (*no*) em (*kam*) os pés (*pári*).

Dois mulheres Kayapó foram à mata para buscar bacaba quando encontraram com os Kubē-pári-kam-nó que estavam tirando mel. Então disse uma das mulheres: "Vamos ter com eles para que nos dêem algum mel!" A outra porém avisou-a: "Não vás! Tu gostas de rir muito!" Finalmente, foram sempre com Kubē-pári-kam-nó; mas, quando estes se roçaram na mulher com o seu pênis muito comprido e lambuzado de mel, ela começou a rir. Imediatamente os Kubē-pári-kam-nó gritaram: "Esta nos pertence!", e, carregando-a, copularam com ela até matá-la, enquanto a outra fugiu e se escondeu. Quando os Kubē-pári-kam-nó finalmente tinham ido embora, foi procurar a companheira, mas só encontrou seu cadáver. Correu para a aldeia e contou a desgraça. Então os Irãamráyre saíram contra os Kubē-pári-kam-nó e mataram muitos, esmagando-lhes, segundo o costume dos Kayapó, o crânio e deixando-os no chão. Quando, porém, pouco tempo depois voltaram ao lugar da luta, todos os cadáveres haviam desaparecido. Seguiram pelos rastros, alcançaram os inimigos e abateram outra vez diversos deles a borduna. Depois colocaram os corpos uns ao lado dos outros e se esconderam perto. Então observaram como os Kubē-pári-kam-nó levantavam os pés, olhando cautelosamente





Grupo Górotire, inimigos dos Kaiapó, em 1937.

ao redor com os olhos que tinham nos dedos destes. Mas os Kayapó, desta vez, esmagaram-lhes, também, os pés e as pernas, matando-os, assim, verdadeiramente.

4. Os Kubē-amnét

Um bando de Kayapó saiu da aldeia e, na sua peregrinação, chegou às vizinhanças dos Kubē-amnét. Estes mataram e devoraram um Kayapó após outro, sem que os vivos o soubessem. Quando encontravam com algum Kayapó, convidavam-no a desentocar preás de um buraco de pedra, matando-o nessa ocasião com um tiro no olho. Afinal só ficaram quatro Kayapó. "Teriam todos os nossos companheiros voltado à aldeia sem nos avisar?", eles se perguntaram. Procuraram, nas cercanias, pelos desaparecidos, e assim chegaram à aldeia dos Kubē-amnét. Só encontraram ali uma velha cega que estava roendo um crânio humano. "Que estás comendo aí?", perguntaram os Kayapó. "Isto não é absolutamente da vossa conta", respondeu a velha, "é a cabeça de um macacão!" Mas os Kayapó reconheceram que era a cabeça de um de seus companheiros. Nisto chegou um dos Kubē-amnét e, como sempre, convidou logo um dos Kayapó a acompanhá-lo para desentocar preás. Ele mandou-o olhar para o interior do referido buraco na pedra, mas o Kayapó notou também que se preparava para atirar. "Não!", gritou ele, "estás querendo matar-me!" Olhou ao redor e viu, por toda parte, os restos de fornos de terra e cabelos humanos. Então os quatro sobreviventes do bando retiraram-se. Os Kayapó nunca se resolveram a uma guerra contra esses Kubē-amnét, que habitam na região que fica ao norte de sua aldeia.

Os dois vayaná

Numa aldeia viviam dois irmãos que eram grandes vayaná; o povo, a princípio, não suspeitava disso. De uma feita, quando as mulheres estavam estufando bolos de carne no forno de terra, eles chegaram e disseram: "Tirai os bolos e dai-nos deles para comer!" — "Nós os cobrimos com terra há pouco", responderam as mulheres, "estarão ainda crus!" — "Bom", disseram os irmãos, "quando os retirardes estarão queimados." De fato, quando as mulheres, depois de decorrido o prazo regular, descobriram o forno de terra, só acharam as cinzas dos bolos.

De outra vez os irmãos tornaram a pedir bolos de carne que ainda estavam no forno de terra e, outra vez, as mulheres lhes responderam que era cedo para os tirar. "Então deixai-os ainda estufar durante um bom tempo!", recomendaram os irmãos e foram embora. Quando as mulheres, depois de muito tempo, abriram o forno, os bolos estavam ainda completamente crus. Então perceberam, finalmente, que os dois eram mágicos, e que lhes tinham pregado uma peça.

Em outra ocasião, estavam os Kayapó acampados no meio do tabuleiro, muito distantes de água. Então as mulheres pediram aos irmãos que lhes trouxessem alguns peixes. Imediatamente um deles saiu, enquanto o outro ficou no rancho. O primeiro matou um tamanduá-d'água cuja pele felpuda estava fervilhando de acarizinhos.* Quando voltou, seu irmão lhe perguntou o que havia matado, mas ele respondeu que não havia pegado nada. "Mataste um tamanduá-d'água", disse-lhe o ou-

(*) Acari, peixe-cascudo (fam. locarídeos). (N. do R.)

tro sem demora, “antes o tivesses trazido logo!” Ele foi e voltou com um grande cesto cheio dos melhores peixes: corvina, cachorra, pacu, etc. Então todos do grupo acreditaram que os dois eram mágicos.

Certo dia, a classe *Me-ók-re*¹² estava reunida no pátio quando chegaram os dois irmãos. Havia no pátio uma pequena árvore, em cuja casca estava sentada uma única abelha tiúba. “Que-reis comer mel de tiúba?”, perguntaram os dois irmãos aos *Me-ók-re*. “Queremos”, responderam estes, “mas onde é que se encontra mel de tiúba?” — “Aqui nesta pequena árvore”, disseram os irmãos. Mandaram buscar um machado de pedra e derrubaram a árvore. Então se verificou que todos os galhos, até os de um dedo de diâmetro, e até as raízes, eram ocos e estavam cheios de mel de tiúba.

Os dois irmãos tornaram-se, então, publicamente conhecidos como grandes *vayaná*, pois executavam coisas maravilhosas. Quando alguém morria e eles eram chamados, pegavam o cadáver e, sacudindo-o, faziam-no voltar à vida. Mas os outros *vayaná* e os *u-kane-dywúdn*¹³ ficaram com inveja e disseram ao povo: “Somos nós quem fazemos os curativos, e eles recebem as gratificações pelo que fazemos, sendo que, em verdade, nada podem! Quem possui os remédios somos nós!” Uma mulher, que também era *vayaná*, contou isto aos irmãos, e estes convidaram todos os outros mágicos para o concurso. Foram todos, juntos, para um grande bloco de pedra que existe no meio do campo, junto à antiga aldeia Noinuati dos Irãamráyre. Ali, diante de todo o povo, eles desafiaram os outros mágicos a atravessarem a pedra. Estes se transformaram em beija-flores, caracará ou coleópteros. Voavam com toda a força contra a pedra, mas ricocheteavam. Depois de todos terem tentado em vão, um dos irmãos transformou-se num coleóptero, voou contra a pedra, de onde saiu fumaça, atravessou-a e ficou do outro lado de pé, transformado num buritizeiro. O mesmo fez o outro irmão que, depois de atravessar a pedra, transformou-se numa macaúba. Também a *vayaná* perfurou a pedra em forma de beija-flor, transformando-se, do outro lado, num arbusto em flor. — Aquela pedra, com os três furos, pode-se ver ainda hoje junto à tapera de Noinuati.

Karakī, o *vayaná*

Um caso especial, mas não único pela sua natureza, de um grande e temido *vayaná* oferece a vida de Karakī, que morreu lá pelo ano de 1910.

Karakī era um homem que tratava amigavelmente com as onças, que caçavam para ele e lhe traziam a presa, e com as quais conversava. Tinha um sobrinho, filho de sua irmã, que queria instruir também no trato com as onças, dando-lhe as substâncias mágicas que tornam mansos esses animais. Depois de haver-lhe dado a última substância mágica, Karakī levou o sobrinho ao campo, para que travasse conhecimento com as onças. No meio do campo limpo, quebrou a ponta de uma casa de cupim, pondo-se com o sobrinho em pé sobre ela. O rapaz começou a gritar, e logo vieram onças de todos os lados, mas também maracajás, iraras e outros animais de rapina. Todo o campo ao redor dos dois fervilhava de tais bichos. A onça preta, que era a mais atrevida de todas, gritava de longe: “Por que então ele está gritando? Quererá brigar conosco?” — “Não”, disse Karakī, “eu vim para apresentar-vos meu sobrinho!” Este, porém, estava tremendo de pavor. Mas Karakī tomou um caracol (*nowúdn*)¹⁴ e com ele tocou o alto da cabeça de todas

as onças, uma após outra, para que ficassem mansas. Depois mandou-as embora, com exceção de duas que mandou caçar. Estas obedeceram, e logo voltaram com jabutis e porcos. Karakī recebeu a caça e levou-a para casa.

Karakī tinha também trato com cobras de toda espécie, mesmo com os gigantes *Ikati* que habitam nos poços do Ar-raias e têm o comprimento e a grossura de uma árvore de grande porte da mata virgem. Depois de entregar ao sobrinho a última substância mágica para o trato com cobras, levou-o a um talhado de pedra onde habitavam duas enormes cobras. Chamou-as e elas se apresentaram, perguntando se alguém o havia ofendido, mas ele respondeu que só tinha vindo para vê-las e lhes apresentar o sobrinho. Encorajou a este para que não tivesse medo dos animais, porque estes já estavam serpenteando ao redor do novato, subiam-lhe pelas costas e deitavam-se pesadamente nos seus ombros. Colocaram suas cabeças junto ao rosto do moço, rindo para ele, isto é, jogando-lhe as línguas, pois é assim que as cobras riem. Depois os animais deixaram-no, mas antes ele ainda teve de sentar-se de pernas escanchadas sobre eles. Depois de se ter cumprido isto também, Karakī mandou as cobras embora e foi com seu sobrinho para casa.

A mulher do sobrinho de Karakī estava de resguardo por uma criança, quando Karakī mandou dizer à velha tia da mãe do meu informante Bepkrít que aprontasse massa de mandioca, enquanto ia com o sobrinho ao campo. A mulher nova teve muito medo que isto pudesse prejudicar o recém-nascido¹⁵, mas Karakī tranqüilizou-a. Deu ao sobrinho o cesto com a massa para que o carregasse, e foram. Abaixo daquele lugar onde habitavam as duas cobras grandes moravam, numa caverna, muitas outras cobras. Karakī mandou o sobrinho descer o cesto com a massa e preparar um forno de terra. O sobrinho estranhou muito essa ordem, porque ainda não tinham pegado caça nenhuma. Mas Karakī tomou um feixe de palha e foi com ele à caverna das cobras. A um chamado vieram todas as cobras até a boca da caverna, onde ficaram deitadas, a cabeça de uma junto à de outra.

Karakī escolheu uma *kanati* ovada e mandou as outras novamente para dentro. Atirou o feixe de palha na cabeça da *kanati* e mandou que o sobrinho a matasse. Feito isto, amarrou um laço de cipó no pescoço da cobra e arrastou-a ao forno de terra. Cortou-a em pedaços, meteu também os ovos na massa de mandioca e estufou depois o bolo de cobra. Quando estava estufado, o sobrinho teve muito medo de comer dele, porque pensava que isto havia de prejudicar seu filhinho novo, mas Karakī persuadiu-o, por fim, a comer um pedaço. Depois de terem comido juntos, levaram o bolo de cobra para casa. Também a parturiente, a princípio, não quis prová-lo de forma alguma, mas Karakī persuadiu-a, também, dizendo que isto havia de dar-lhe muito leite. Ela comeu do bolo sem que a ingestão desse alimento tivesse tido a menor má consequência para o filho. Ainda guardaram um pedaço para ela, para o dia seguinte.

Quando Karakī morreu, diversos índios foram, alguns dias depois do seu enterro, caçar nas vizinhanças de sua sepultura. Então viram de longe que ao redor dela estavam deitadas quatro onças, enquanto algumas outras estavam sentadas nos galhos de uma árvore ao lado. Os caçadores voltaram cheios de



Sant'Ana Kukrít-kãe, o outro homem Irãamrãyre sobrevivente, informante de Curt Nimuendaju.

pavor. O próprio Karakī transformou-se, depois de sua morte, num jaguar: a sua cabeça e os seus braços eram como os dessa fera, mas a parte inferior do corpo e as pernas se conservaram humanas. Certo dia os vaqueiros da Missão Dominicana o surpreenderam numa serra perto da fazenda Santa Rosa. Ele havia abatido uma novilha e a devorava. Os vaqueiros fugiram horrorizados.

A seca (I)*

Meu avô contava que uma vez um homem fez uma magia ruim, de maneira que houve uma grande seca, morrendo todas as plantas na roça. *Mudurué* (Lua) estava de pé na roça, em forma humana, com uma coroa de penas na cabeça. Seu rosto estava pintado, metade preto, metade vermelho, e seu corpo trazia listras pretas transversais. Uma batatinha foi a primeira que se aproximou dele, pedindo que a acudisse contra o mau feiticeiro que estava prestes a matá-las todas. Depois veio também o milho de caroços miúdos e lhe pediu socorro. Então *Mudurué* apareceu a um *vayaná* que estava deitado de barriga para baixo em sua própria casa: "Acorda, *Kra*", disse-lhe, "socorre tua gente (— as plantas da roça) contra o mau feiticeiro que a está matando!" Quando o *vayaná* se virou, viu *Mudurué* diante de si, e, ao lado deste, a Estrela d'Alva na sua pintura de pintinhas. *Mudurué* deu ao *vayaná* diversas substâncias mágicas; depois todos os três foram à roça. À entrada da mata, eles dissolveram as substâncias, dentro de uma folha de bananeira, em água que o *vayaná* aspergiu sobre as plantas, bradando em alta voz. Depois ele tomou uma cabacinha fechada que *Mudurué* lhe tinha dado também e atirou-a ao ar, de maneira que se despedaçou no chão. Da cabacinha

saiu *Mut* (Sol) com a sua enorme coroa de penas de arara e as suas pestanas refulgentes e disse: "*Kra*, a magia sou eu!" — "Quem foi que te prendeu dentro da cabacinha?", perguntou o *vayaná*. "Foi *Mudurué*!", respondeu *Mut*. Logo começou a chover fino. "Depressa! Fazei um rancho", gritou *Mut*, "a chuva já vem!" Mal eles haviam feito um abrigo, caiu uma chuva pesadíssima, não obstante ser pleno verão. Depois os três astros foram embora, dizendo: "*Kra*, quando precisares de nós, chama-nos! Nós te ajudaremos!"

A seca (II)**

Havia uma grande seca. As plantas na roça morriam. Um *vayaná* estava deitado na sua choça quando lhe apareceu a sombra da batatinha, pedindo-lhe socorro, pois todas as plantas estavam morrendo por falta de chuva. Um feiticeiro mau, cujo nome a sombra citou, havia causado a seca. Pouco depois, apareceu-lhe também a sombra do milho dos índios, com o mesmo pedido. Então o *vayaná* tomou as suas substâncias mágicas e foi com o povo à roça. Ali, aspergiu as plantas com água mágica e recomendou ao povo que levantasse um rancho, pois havia de cair uma grande chuva. Ele tomou uma pequena cabaça bem arrolhada, na qual havia água da primeira chuva do inverno do ano anterior, e atirou-a para cima, de maneira que ela, ao cair, rebentou-se numa pedra. Logo veio uma grande chuva que salvou a plantação. O mágico esperou, com seus companheiros, no rancho, que a chuva cessasse. Depois contou-lhes que a seca tinha sido obra de um feiticeiro mau, cujo nome a sombra da batatinha lhe havia dito. Então todos correram para a aldeia para matarem o malfeitor. Este, porém, desconfiou e fugiu a tempo de não ser alcançado.

A visão do Sol (Gorotire)

Tepkrít contou-me o seguinte: Entre os Gorotire que, em 1939, estiveram durante algum tempo no Arraias, havia um certo Kraité. Este e Nreitumtí, a velha tia da mãe de Bepkrít, costumavam contar um ao outro muitas histórias. Entre outras, o Gorotire contou na presença de Bepkrít a aventura seguinte:

"Eu sei", disse ele, "como *Mut* se apresenta, porque eu mesmo o tenho visto. Ele é um dos nossos. Eu estava só no campo quando o avistei, de pé, sobre um cupinzeiro. Seus olhos eram deste tamanho (duas polegadas de diâmetro) e resplandeciam, seus cabelos atrás desciam até a cintura e de cada canto da sua boca corria uma listra vermelha, verticalmente, pelo queixo, o pescoço e o lado do corpo. Sua cor era clara, e no mais era exatamente como um índio. Ele estava de pé, com os braços abertos. Atrás, na cabeça, tinha uma roda de penas de arara, sempre alternando uma comprida e uma curta. Achava-se a esta distância (— 100 passos) de mim. Aproximei-me devagar. Ele se voltou, e eu pude ver o enfeite da sua cabeça por trás: no meio, por cima da roda de penas, ele trazia uma pequena chapa occipital (*Kenkrí*). As penas de arara pareciam constantemente crescer e diminuir outra vez, e suas pontas refulgiam e cintilavam. Então não me atrevi a chegar mais perto, e, pouco depois, ele desapareceu."

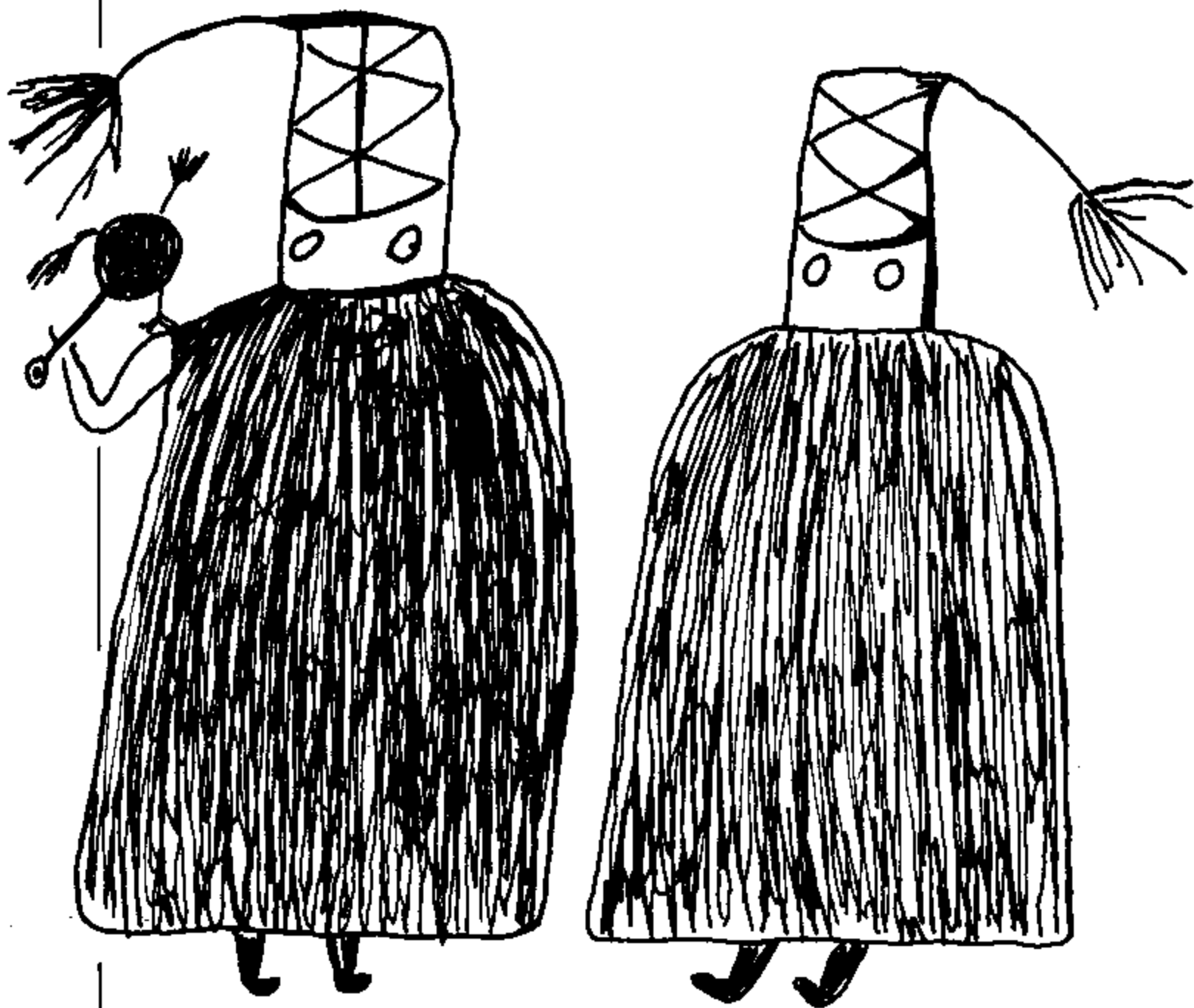
(*) Contado por Cícero Bepkrít (N. do A.)

(**) Contado por Sant'Ana Kukrít-Kaê (N. do A.)

O Trovão

Três fenômenos naturais aparecem personificados nos contos dos Irãamráyre: o trovão, o arco-íris e os bólidos luminosos. De todos, o mais importante é o trovão, que mais uma vez deriva de um *vayaná* terrestre.

Um índio de nome Bebó tinha matado e esquartejado uma anta. Seus companheiros repartiram entre si a carne, e não deixaram nem um pedacinho para Bebó. Então este foi para casa e se deitou para dormir. Suas mãos estavam sujas de sangue da anta e, vendo-o assim, sua mulher o aconselhou a lavá-las antes de dormir. Ele, porém, respondeu-lhe que queria mesmo dormir com as mãos sujas. No dia seguinte, quando os outros foram caçar, ele ficou em casa. Foi tirar uma acha de madeira na mata e começou a fazer com ela uma espada de pau. Enquanto trabalhava, contemplava de vez em quando a sua obra, e então via da madeira resplandecente saírem fulgurações de relâmpago. Quando a arma estava pronta, ele mandou sua mulher buscar látex de pau e pintou o corpo inteiro de preto, só deixando limpo o rosto. Depois disse à sua mulher: "Agora vou-me embora, mas quando me vires voltar pelo Oriente, procura com teus filhos a terra firme, porque então virá a época das enchentes!" Então, tomou sua espada de pau e foi atrás dos caçadores. Quando chegou perto deles, pendurou a arma no ombro pela alça de corda e subiu com ela numa árvore alta. Começou a gritar, e todos se juntaram debaixo da árvore. Finalmente, o *Kabén-dywudn*¹⁶ declarou que se devia tirar Bebó da árvore e, subindo atrás dele, agarrou-o por um pé e o puxou um pouco para baixo. Mas, de repente, houve um raio e um trovão, e o *Kabén-dywudn* e alguns outros que estavam mais perto do tronco da árvore caíram mortos. Os outros sentiram um choque tão violento no espinhaço que caíram no chão. Quando se ergueram outra vez, penosamente viram que Bebó tinha subido novamente ao cimo da árvore. Depois ele se elevou por sobre ela até o céu, e, em meio a raios e trovões, desapareceu entre as nuvens.



O filho do Trovão

Antigamente havia homens que tinham trato com Bebó; um destes foi Be/prónt, um dos avós de Cícero Bepkrít. Costumava, para este fim, sair sozinho para o campo, onde ficava deitado de rosto para baixo. Sua sombra saía então do corpo, subia ao céu e visitava Bebó.

Certo dia, depois de uma trovoada, Be/prónt achou um filho do Trovão (e da mulher do Arco-íris?): o raio tinha ferido uma árvore do campo e aberto a terra ao pé dela, em forma de uma vala; no fim desta estava a criancinha; ela tinha lábios grossos, cheirava mal e estava coberta de abelhas. Be/prónt tomou-a nos braços e a contemplou, repondo, depois, o pequeno no lugar onde o havia encontrado. Pouco depois desapareceu.

Esta história foi-me contada de maneira igual por ambos os meus informantes.

O dilúvio

Bebó tinha um sobrinho, filho de sua irmã, ao qual satisfazia todos os desejos. O sobrinho notou que outros habitantes da aldeia furtavam-lhe os produtos da roça, e fez uma magia: arrancou os grelos de um pati pequeno e meteu penas de xexéu (*Belonopterus cayenensis*) em seu lugar. Então choveu durante muitos dias sem parar. A água subia, cobrindo a plantação. Ninguém podia caçar nem buscar mantimentos na roça. A enchente só poupou o lugar onde morava o sobrinho de Bebó. Finalmente os homens tiveram de refugiar-se nos galhos das árvores, onde se transformaram em guaribas e em ninhos de abelhas xupé. Outros se salvaram galgando serras altas. Por fim um outro *vayaná* descobriu a causa da chuva: arrancou as penas de xexéu do pati, e logo a chuva cessou e a água foi drenada.

O Arco-íris

Isto se deu pouco depois daquela grande inundação. Alguns índios estavam vagando pela terra, apanhando os acaris que haviam ficado em seco. Nisto, chegaram a um mandiocal, mas a maior parte das raízes havia apodrecido em consequência da inundação. Entretanto, acharam algumas prestáveis, que assaram e comeram com o peixe. Acabada a refeição, foram beber água, quando na aguada lhes apareceu o Arco-íris. Quando se aproximaram o Arco-íris se transformou na mulher que tinha água em seu ventre: "Que quereis?", perguntou ela. "Comemos, e agora queremos beber água", respondeu a gente. Então ela deu-lhes água e disse: "Quando quiserdes água, deveis pedir-me. Enquanto me virdes no começo do inverno, podereis viver tranquilamente, porque nada vos acontecerá. Eu retenho a água. Se eu, porém, um dia não aparecer mais, a terra será inundada novamente, e todos vós morrereis!"

O bólido

Duas índias, colhendo no campo nozes de piaçaba, encontraram perto de um olho-d'água um filhote de ave, implume, mais ou menos do tamanho de um filhote de galinha. Levaram-no para casa e o criaram. Fazendo a avezinha banhar-se numa cuia com água, notaram que a água fervia

quando ela saiu. Quando estava mais crescida, encheram um pilão com água, e esta também fervia logo que a ave nela se banhava. Finalmente esta ficou do tamanho de uma galinha; suas penas, porém, eram cor-de-rosa, como as do colhereiro. Certo dia os índios pintaram-se e saíram para pescar com timbó. Depois de algum tempo as mulheres disseram: "Vamos lá também, para vermos se já pegaram muitos peixes!" Foram e levaram a ave, mas quando chegaram perto do lugar da pescaria, a ave, vendo a água brilhar entre as árvores, voou e precipitou-se direto para dentro dela. Ouviu-se um grande trovão, e todos os índios que estavam dentro da água morreram instantaneamente. Depois a ave subiu ao céu, e a gente reconheceu que era um *Akrā-re* (bólide).

Constelações

Os Irãamráyre conhecem algumas constelações, como também certas manchas escuras, sem estrelas, no céu à noite, mas não lhes atribuem nenhuma significação religiosa.

A mancha escura entre as constelações do Cruzeiro e do Centauro é uma arraia (*miendyét*); uma listra preta ao lado da Via Láctea (*modn-nrot*), mais ou menos de Antares ao Centauro, é uma ema (*mā-ti*); as estrelas desta constelação são os "olhos da ema" (*mā-ti-no*). Uma outra mancha escura na Via Láctea, junto às estrelas, e a constelação do Escorpião é uma garça (*kamri-kaák*). As Plêiades são chamadas *nrot*; aparecendo no céu oriental, elas anunciam o começo do verão. Se, porém, a "arraia" com rabo (*miendyét-yamé*) tocar o horizonte à boca da noite, o inverno começa.

A descida do céu

É notável que nas lendas de origem dos homens em geral, dos Kayapó e das outras tribos em particular, não figure nenhum personagem sobrenatural; quando muito, algum *vayaná* terrestre.

Dois caçadores acharam uma cova de tatu com rastros levando para dentro, e resolveram desentocar o animal. Cavaram muito fundo, chão adentro. Por fim, a terra debaixo deles ficou mole. "O tatu já está perto!", disseram eles, continuando a cavar afoitamente. De repente, vararam com o cavador a cobertura do (atual) céu. Pela abertura irrompeu uma rajada de vento tão forte que os dois foram projetados para fora do buraco. Tornaram, porém, a aproximar-se, vendo, então, pelo buraco, a (atual) terra lá embaixo com os seus muitos buritizais, babaçuais e outras árvores frutíferas. Todos vieram olhar pelo buraco, e finalmente resolveram abandonar o céu, onde então habitavam, para se mudarem para baixo, para a terra. Juntando tudo quanto havia de algodão fiado na aldeia, fizeram com ele um cabo grosso. Amarraram numa árvore do céu uma ponta do cabo, atirando a outra pelo buraco abaixo. Depois desceram, escorregando por ele, um atrás do outro, também as mulheres com os filhos pequenos às costas, na faixa de carregar criança. Mas só os mais corajosos chegaram até a terra; os mais medrosos desciam um pouco, logo perdiam a coragem, tornando a subir pelo cabo a toda a pressa. Por fim, uma parte ficou definitivamente no céu e recolheu o cabo, mas choravam por causa daqueles que se haviam separado, descendo para a terra.

A origem da tribo Kayapó

No começo só existia o Kayapó Katembári com sua mulher, oito filhos e outras tantas filhas. Irmãos e irmãs casavam entre si, mas não tinham filhos, e por isso seu número nunca aumentava. Vagavam pelo mundo fazendo guerra a todas as tribos que descobriam, tomando-lhes os enfeites e adotando, com estes, as festas e as cerimônias dos vencidos. Aborrecia-os, porém, serem tão poucos, e por isso pediram ao velho Katembári que criasse mais Kayapó. "Sim", respondeu este, "vou fazê-lo, pois também eu estou enfadado de estar só!" Saiu só para o campo alto, onde procurou uma sucupira (*Bowdichia* sp.), da qual cortou os galhos. Num vaso feito de uma folha, trouxe água e com ela fez sua magia. Depois meteu um aspersório de penas de urubu-rei na água mágica, trepou com ele no topo da árvore e, gritando alto, aspergiu para todos os lados. Depois desceu e deitou ao redor da árvore, no chão, num círculo largo, folhas de caeté, sempre uma em cada lugar onde havia de ter uma choça. Feito isto, tornou a casa e disse aos filhos: "Amanhã já teremos muitos companheiros!" Esta notícia alegrou-os muito, e quando na manhã seguinte foram ao lugar onde Katembári tinha feito a sua magia, já ouviam de longe as vozes das crianças e das mulheres. Ao redor do pé de sucupira tinha surgido durante a noite uma grande aldeia de Kayapó.

A dispersão dos povos

Os Kubē-todn (*todn* — tatu) são uma tribo de gente pequena que habita longe, no Oeste. São extraordinariamente valentes.

Naquele tempo todos os índios, juntos com os cristãos (neobrasileiros), formavam uma única nação. Foram contra os Kubē-todn e contra eles pelejaram, mas não os puderam exterminar, e, finalmente, tiveram de voltar. Nessa retirada, sofreram muito pela falta d'água. Quando alcançaram uma poça de água, todos beberam até que ficou somente a lama no fundo. Depois se dispersaram: um atrás do outro, um grupo ia numa direção, o outro saiu em outro rumo, e assim todos, cada grupo para onde lhe parecia melhor. Assim se formaram os diferentes povos.

A Moça da Estrela e a Moça da Lagarta (*Kanye-kwéi* e *Pino-kwéi*)

Dois irmãos dormiam todas as noites no pátio da aldeia. Um deles que olhava sempre as estrelas disse finalmente: "Aquela estrela é muito bonita! Se ela descesse eu casaria com ela!" Então a estrela desceu, tomou a forma de uma moça e dormiu durante a noite em sua companhia. Quando ia amanhecendo, o homem escondeu-a dentro de uma cabaça grande, com tampa, que sempre levava consigo. Sua mãe o observou e desconfiou de alguma coisa. Ela abriu a tampa e a estrela saiu, sem demora, em forma de moça, conservando dali em diante a forma humana. Um dia ela convidou o marido para acompanhá-la numa visita ao céu. Mandou que vergasse a ponta de uma árvore ao chão e se pôs em cima do arco assim feito, para se deixar arremessar ao céu pelo impulso, quando a árvore disparasse. Seu marido, porém, teve medo de semelhante processo de viajar e lhe disse que fosse só. Ela se deixou ar-

remessar pelo companheiro ao céu, e, quando voltou, trouxe de lá mandioca, batatas, inhame e outras plantas cultivadas que os índios, naquele tempo, ainda não conheciam, porque a princípio comiam com a carne só pau podre e orelhas de pau*. Sem demora, os índios plantaram aqueles alimentos que, no dia seguinte, já estavam maduros para a colheita. Isto durou até que o homem, um dia, começou a brigar com *Kanye-kwéi*. Aborrecida, ela voltou para o céu e nunca mais tornou à terra. As plantas cultivadas precisam agora de longo tempo para amadurecerem.

Na mesma noite em que *Kanye-kwéi* descera pela primeira vez para junto do homem, uma lagarta se arrastara para junto do seu irmão, que estava deitado a seu lado. Ela se transformou também numa bonita moça e dormiu com o rapaz. Ao amanhecer tomou outra vez a forma de lagarta, e ele a escondeu debaixo do pau que lhe servia de travesseiro, na sua cama. Quando sua mãe varreu o terreiro, descobriu a lagarta e a esmagou. O homem ficou muito zangado com isso, mas depois de algum tempo a lagarta se refez e tomou outra vez a forma de moça. Quando, ao romper do dia, se transformou novamente em lagarta, o homem escondeu-a bem. Sua mãe, porém, achou-a pela segunda vez, mas agora lhe dirigiu a palavra, e a lagarta tomou forma de moça, para sempre.

A árvore do milho (*pau-bári*)

Junto à aguada da aldeia dos Kayapó havia uma grande árvore, carregada de espigas de milho de todas as qualidades. O milho maduro caía dentro d'água, mas naquele tempo ninguém ainda sabia que era comestível e, quando os índios entravam n'água, desconfiados, empurravam as espigas para o lado. Um dia, uma velha estava banhando seu netinho na aguada quando um acutipuru** lhe saltou ao ombro. Enxotou-o, mas ele voltou a pousar no seu ombro. Então a velha, pegando-o, atirou-o longe. O animalzinho, porém, voltou novamente e falou: "Não me atires fora! Quero contar-te uma coisa!" Saltou-lhe outra vez ao ombro e disse: "O milho que estás desprezando é uma comida muito boa! Soca-o no pilão e assa a massa obtida!" Então a velha juntou uma boa quantidade de espigas, levou-as para casa e fez como o acutipuru lhe havia ensinado. Depois enfeitou seu netinho e lhe deu um pedaço de bolo de milho. O menino passou, comendo, pelo pátio da aldeia, justamente quando todos os homens ali estavam reunidos. Estes perguntaram o que estava comendo, e ele deu a cada homem um pedacinho do bolo para que o provassem. Os homens acharam-no excelente e mandaram o menino duas vezes à sua casa, a fim de trazer mais. Então a velha mesma levou um grande bolo de milho para o pátio e contou-lhes da árvore que produz as espigas. Na manhã seguinte todos foram à aguada, juntando o que havia de espigas no chão e dentro d'água. Depois resolveram derribar também o pé, e mandaram um menino à aldeia para buscar um machado de pedra. No caminho, o menino viu uma corujinha-do-campo, que matou, assando-a e comendo-a imediatamente; somente depois de tudo isso tratou de buscar o machado. Na volta, porém, viu-se transformado em ancião decrépito, e teve de cortar um bastão para se apoiar. Os homens junto ao pé de milho esperaram durante muito tempo,

inutilmente, pelo machado de pedra, e mandaram finalmente um outro menino buscá-lo. Este encontrou-se, no caminho, com o velho que vinha com o machado. Os homens derrubaram a árvore, e plantaram depois o milho.

A aquisição do fogo

Quando os índios ainda não tinham fogo, torravam a carne da caça no sol, para comê-la.

Um homem foi, com seu pequeno cunhado, tirar os filhotes de um ninho de arara que achara numa árvore alta. Fez um motá* de varas amarradas e mandou o menino subir. Este meteu uma pedra branca, redonda, na boca e trepou. Quando alcançou o ninho, seu cunhado perguntou-lhe: "Há filhotes?" — "Não", respondeu o menino, "há ovos." — "Então atira um para baixo!", mandou o homem, e abriu as mãos para apanhá-lo; mas o menino atirou-lhe a pedra branca nas mãos. Com isto, o homem enfureceu-se. Cortou as varas do motá, atirou-as para um lado e voltou a casa. O menino que, sem o motá, não podia descer, ficou sentado junto ao ninho da arara. Sofreu horrivelmente de sede e de fome; bebeu a própria urina e comeu as próprias fezes. Finalmente, um jaguar, que havia matado uma anta e um porco, passou debaixo da árvore. Vendo a sombra do menino mover-se no chão, quis apanhá-la, mas nada pegou. Então levantou a vista e, vendo o menino na árvore, perguntou-lhe o que estava fazendo ali. O menino contou-lhe o ocorrido. "Onde teu cunhado jogou as varas?", perguntou o jaguar. "Um para aqui, outras para ali", respondeu o menino. O jaguar foi buscá-las, e, depois de amarrá-las outra vez, mandou o menino descer. Este obedeceu mas, quando já estava perto do chão, ficou com medo e tornou a subir a toda pressa. O jaguar tranqüilizou-o: não lhe faria mal algum, que descesse sem susto. Quando o menino finalmente chegou ao chão, mandou que montasse em cima da carga de caça morta que levava. Assim o jaguar o conduziu a sua casa, lavou-o e lhe deu carne assada para comer, pois ele possuía fogo; na sua casa jazia um grande tronco de jatobá, aceso numa ponta. Todos os dias o jaguar ia caçar, enquanto sua mulher ficava em casa, fiando. Quando o menino sentiu fome, dirigiu-se a ela: "Mãe, dá-me de comer!" Ela, porém, em resposta, mostrou-lhe as unhas. O pequeno gritou de medo e correu ao encontro do jaguar para lhe contar o que havia acontecido. No dia seguinte, porém, deu-se a mesma coisa, e no terceiro também. Então o jaguar lhe fez um arco e flechas. A onça fêmea perguntou para que era isso, mas o jaguar respondeu que o menino havia de ir à caçada com ele. As escondidas, chamou, porém, o menino e mandou que flechasse a onça fêmea no peito, quando ela o ameaçasse outra vez. Depois foi caçar como de costume. Decorrido algum tempo, o menino foi outra vez pedir carne, e a onça fêmea renovou a ameaça com as unhas. Então armou o arco contra ela. A onça gritou que não atirasse, mas o pequeno flechou-a no peito, matando-a. O jaguar, quando voltou, viu o que tinha acontecido e disse: "Agora temos de nos separar. Cada um deve seguir seu caminho, e tu deves voltar ao teu povo!" Deu-lhe um cesto cheio de carne moqueada e lhe ensinou o caminho para a aldeia. O menino chegou à aguada e esperou atrás de uma árvore até que viu chegar sua irmã, que vinha buscar água. Esta, avistando-o, nada disse, mas voltou e contou à mãe que o tinha

(*) Urupê, espécie de fungo (*Polyporus sanguineus*). (N. do R.)

(**) Quati-puru ou caxinguelê — nomes de diferentes espécies de esquilos brasileiros (*Sciurus* Lin.). (N. do R.)

(*) Não consegui identificar esta palavra. Designa, como fica claro no texto, um andaime ou armação de varas. (N. do R.)



Curt Nimuendaju, Museu Nacional, 1937

Missionários da Ordem do Preciosíssimo Sangue entre crianças Kayapó, acampadas em Nova Olinda, alto Xingu, em agosto de 1937; à direita vê-se uma mulher branca raptada pelos índios quando criança.

visto. Então ambas desceram à aguada e trouxeram-no à aldeia. Ele distribuiu a carne moqueada e contou suas aventuras, não esquecendo de dizer que na casa do jaguar havia fogo e que lá se conservava. No dia seguinte todos foram buscar o fogo. Para serem mais ligeiros diziam: "Eu vou como este animal", e outro dizia: "Eu vou como aquele animal!", etc. Assim transformados, seguiram. O beija-flor e a raposa foram os primeiros a chegar, e suspenderam o tronco de jatobá aceso. Todos os outros ajudaram a carregá-lo, enquanto o jacu corria atrás, apanhando as brasas que caíam; por isso ele tem o papo vermelho até hoje.

Perna de lança (*Te-dywa-re*)*

Dizem que a gente foi envenenar peixes. Dizem que um deles desceu (com o veneno dentro d'água). Então uma arraia o feriu. Levaram-no para casa. Sua perna arruinou. Quando se mudavam, levavam sempre o doente às costas. Então este ficou aborrecido consigo mesmo. Fizeram-lhe uma casa. Foram embora. Depois voltaram e lhe trouxeram comida. E voltavam freqüentemente para o lugar onde o deixaram. E, de uma feita, foram resolvidos a levá-lo. E quando chegaram perto, ele estava deitado e cantando. E sua mulher disse-lhe: "Por que estás deitado cantando? Isto não é ocasião para estar deitado, triste e cantando." — "Eu estou deitado para cantar é porque quero estar deitado, e para me defender e para espantar a minha sombra (alma) e porque quero estar deitado!" E ficaram dormindo junto a ele. E ele, de noite, queimou a própria

perna. E fez ponta nela. E ninguém viu quando ele fez isso. Sua mulher trouxe (um laço de) envira de pindaíba para tomá-lo às costas. E sentou-se para poder tomá-lo às costas. Levantou-se, a seguir, e eles foram embora. E o homem lanceou-a ao meio das costas. E eles fugiram.

E ele começou a fazer o mesmo com a gente. E junto às bacabeiras matava sempre muitas pessoas. Dizem que havia ali duas mulheres que se tratavam de *Kram-dywü*¹⁷. E todas as mulheres foram às bacabeiras. E a gente se separou e entrou (na mata). E estavam ali duas bacabeiras, uma junto da outra. E as duas disseram: "*Kram-dywü*, vai colher esta, eu vou colher aquela!" E elas subiram simultaneamente. "*Kram-dywü*, Perna de Lança já está se agarrando ao pé da tua árvore!" E dizem que (a outra) disse-lhe: "Deixa que ele venha subindo atrás de mim!" E ele subiu, cabeça para baixo, atrás (dela). E subiu também até em cima e esperou junto à espátula da bacaba. E dizem que (perguntava) de tempo em tempo: "Já estou perto de ti?" E ela dizia: "Não! Ainda não estás perto de mim!" E dizem que ele estava bem perto. Ela empunhou a espátula da bacabeira, levantou-a e, com ela, lanceou-o. E ele caiu. Ambas desceram. Matando-o, defenderam o povo. Elas duas o mataram.

O menino e o jacaré

Um menino tinha o costume de insultar, cada vez que vinha à aguada, um jacaré que ali morava: "Braço curto! Olhos inchados! Couro grosso!" De uma feita, ele estava cansado e chegou à aguada para beber. Então veio o mesmo jacaré nadando e o convidou para acompanhá-lo à sua morada, onde lhe daria água fria, em vez da água morna do rio. O me-

(*) Tradução textual do texto original tomado em língua Kayapó. (N. do A.)

nino assentiu. Montou às costas do jacaré, e este começou a nadar. Quando chegaram perto de sua morada, o jacaré disse: "Agora insulta-me, chama-me 'olhos inchados'!" — "Não", respondeu o menino, "teus olhos são bonitos!" — "Então chama-me 'braço curto'!" — "Não, tu tens os braços compridos!" — "Então chama-me 'couro grosso, cabeça comprida ou rabo comprido'!" — "Não, teu couro é tão macio!" Assim entreteve o jacaré até que já se via debaixo das árvores da outra margem. Então o menino, pondo-se de pé, agarrou-se num galho e empurrou o jacaré com o pé pela água adentro. Trepou na árvore, alcançou a terra e fugiu. No igapó encontrou um *Kupē-pōpō* que estava pescando com timbó, tendo a seu lado um grande cesto cheio de peixes. Quando o menino lhe contou que o jacaré o estava perseguindo, o *Kubē-pōpō* escondeu-o no cesto, debaixo dos peixes. Nisto já vinha chegando o jacaré no rastro do menino, exigindo do *Kubē-pōpō* que lhe entregasse o que havia escondido. O *Kubē-pōpō* mandou que o jacaré mesmo metesse as mãos debaixo dos peixes mas, como este tinha os braços muito curtos, nada achou. Continuou a procurar pelos arredores e voltou, finalmente, para junto do *Kubē-pōpō*, afirmando que o menino estava ali. Ele despejou a metade dos peixes e remexeu outra vez o resto, sem descobrir o menino. Por fim perdeu a esperança e foi embora. Então o *Kubē-pōpō* tirou o menino do cesto e levou-o ao caminho da aldeia.

Anmekaprán

Anmekaprán era um *vayaná* de grandes poderes mágicos. Tinha um filho que, não obstante o seu valor, o desprezava. Anmekaprán andava sempre com um maço de flechas no qual estava sentada a sua arara mansa. Os homens o odiavam e trataram de matá-lo. Eles o abateram e o rasgaram em pedaços, matando também a arara mansa e queimando as flechas. Mas, já pela tarde do mesmo dia, ele voltou à aldeia, são e salvo, com flechas e arara. Depois de terem tentado matá-lo por diversas vezes, mas sempre em vão, eles o atiraram de



corpo inteiro numa fogueira e ainda amontoaram lenha em cima.

Quando pela manhã seguinte as mulheres foram à roça, ouviram tiros de espingarda. Andaram no rumo do som e chegaram a uma grande casa com muitas portas. Nela morava um branco que possuía bois, cavalos, galinhas e uma roça com uma qualidade de milho diferente do dos índios. Era Anmekaprán. Havia feito a pólvora da cinza da sua carne, a espingarda da sua canela, os bois dos arrelhos e o milho dos seus dentes. Quando as mulheres passaram, chamou-as, deu-lhes de comer e trancou depois uma parte delas na casa. As outras mulheres que o haviam reconhecido foram então primeiro à roça, voltando depois à aldeia e lá contaram que tinham achado Anmekaprán. Então foram todos para buscar as mulheres que ele ainda retinha. Seu filho também foi e se apresentou ao pai; Anmekaprán, porém, respondeu-lhe que não queria saber dele porque o filho também não se havia incomodado quando os outros o maltratavam. Soltou, uma a uma, as mulheres presas e espancou depois os índios com tiros de espingarda. Estes apavoraram-se e nunca mais voltaram à casa de Anmekaprán.

Akrét e Kenkutã: o gavião grande

Uma velha foi com seus netos de nomes Akkrét e Kenkutã tirar palmito de macaúba. Enquanto trabalhava, os dois meninos brincavam de "tatu" no capim alto. Eis que desceu o gavião grande *Agakriti* do seu ninho numa árvore alta, pegou com as suas garras a velha pelo meio, conduziu-a ao seu ninho e a devorou. Os dois meninos voltaram à aldeia, chorando. Quando seu avô soube o que tinha acontecido, imaginou um meio para fazê-los crescer ligeiro a fim de que pudessem vingar a morte da avó. Mandou que os dois se deitassem, um ao lado do outro, na água do ribeirão, com a cabeça para o lado da beira e os pés para o meio, e cobriu-os com um pedaço grande de casca de jatobá. Todos os dias trazia-lhes comida. De quando em quando mandava que levantassem as pontas dos pés fora d'água, para ver se os meninos já estavam grandes. Os dois cresceram muito depressa. Quando seus pés já quase tocavam a outra margem, o avô mandou que saíssem. Raspou-lhes o visgo de que estavam cobertos com um folíolo de palmeira, cortou-lhes a ponta dos longos cabelos e pintou-os com urucu. Tinham o dobro da estatura de um homem normal. Depois o avô fez para cada um dos meninos uma espada de pau (*nai*) de cerne de pati, e levantou uma choça, ao pé da árvore, onde estava o ninho do gavião grande mandando que ambos entrassem nela com suas armas. Os dois tinham um pequeno apito de cano de pena. Logo que apitaram dentro da choça, o gavião desceu, olhando para todos os lados e, como não visse ninguém, levantou-se outra vez ao ninho. Imediatamente os irmãos assobiaram de novo, fazendo com que a ave tornasse a descer apressadamente, sem achar nada. Repetiram isso muitas vezes até que, por fim, o gavião, cansado, ficou pousado diante da choça, com o bico aberto. Então disseram: "Agora devemos matá-lo, senão ele sobe ao ninho e não volta mais!" E, saltando para fora, abateram-no com os seus cacetes¹⁸. Um menino que tinha assistido ao combate de longe correu logo à aldeia, levando a notícia, e todos os seus habitantes chegaram ao lugar da luta. Cada um arrancou uma pena do gavião morto e, soprando-a no ar, mandou que ela se transformasse num determinado passarinho. Assim se originaram todas as espécies de aves de pequeno porte.

Nyére

Na mesma aldeia morava um homem de nome Nyére, que tinha por costume matar crianças com a mão-de-pilão para moqueá-las e comê-las. O povo deixava-o agir impunemente, porque todos o temiam muito. Um dia saiu uma parte dos índios da aldeia, entre os quais estavam também Nyére e uma irmã de Akrét e Kenkutã com dois filhos seus. Akrét e Kenkutã, porém, que eram chefes, ficaram na aldeia com a outra parte dos habitantes. Eis que lhes trouxeram a notícia de que Nyére tinha matado e comido seus dois sobrinhos. Quando Nyére voltou com os outros à roça, os dois irmãos o esperaram no caminho. Ele veio com dois cestos cheios de carne de criança moqueada. Sobre os cestos vinha sentado um grande número de seus xerimbabos que fazia um tal barulho que os irmãos já de longe o ouviam. Eles detiveram Nyére e, cruzando suas espadas de pau diante dele, no caminho, disseram-lhe: "Pára! Vamos comer aqui!" Nyére soltou um suspiro e respondeu: "Não, quero comer na roça!" — "Nós já trouxemos a mistura", disseram os irmãos, e lhe atiraram uma mão cheia de areia nos olhos e, enquanto ele os esfregava, os dois o abateram a cacete. Quando Nyére caiu, ouviu-se um forte estrondo, como de um trovão. Assim que os outros souberam e verificaram que Nyére estava morto, o seu ódio se dirigiu contra Akrét e Kenkutã, e se juntaram, em grande número, para atacar os dois dentro da casa. Os irmãos, porém, riam quando se aperceberam dos atacantes e das flechas que estalavam contra a palha da parede, e somente quando os inimigos já estavam encostando, saltaram para fora, matando muitos, derribando-os na carreira com um empurrão do joelho.

Nisto chegou também um dos cunhados de Akrét e Kenkutã, que estava com muito medo deles. Trazia, da caçada, um tamanduá e um porco, levando a presa para a casa da mãe dos dois. Ali contou que há pouco um dos seus filhos havia morrido, engasgando-se com um pedaço de palmito de macaúba. Essa notícia fez romper em prantos a mãe e a irmã dos dois que, ao ouvirem o choro, vieram perguntar pelo motivo. Seu cunhado chorava de medo, mas eles o tomaram nos braços e o puseram no colo como a uma criança, fazendo-o, assim, perder o medo.

Onça, sapo e tamanduá mixila

Uma onça, vendo um sapinho sentado, só, debaixo de um anajazeiro, perguntou: "*Kram*, que estás fazendo?" — "Estou passeando", respondeu o sapo. "Estás só?", acrescentou a onça. "Não", respondeu o sapo, "meu povo é muito numeroso!" — "Mentes, estás só!", insistiu a onça. "Vem comigo e verás", disse o sapo. A onça o acompanhou. Depois de algum tempo, o sapo começou a gritar, e de todos os lados outros sapos responderam, em tal número, que a onça fugiu apavorada. Tão às cegas correu que furou um dos olhos numa ponta de galho. Encontrou o tamanduá mixila* e lhe contou a sua desventura. Este prometeu curá-la, mas o que fez foi arrancar à onça o outro olho que lhe restava. Ela se rolava pelo chão, rugindo, quando veio a jaó**, perguntando o que havia, e a onça fez-lhe sua queixa. Então a jaó foi buscar na patrona de seu marido um pedaço de resina de jutaí, e dela fez

dois olhos novos para a onça. Esta foi seguindo o rastro do tamanduá mixila, que debalde procurava escondê-lo, tomando seu caminho em parte pelos galhos das árvores. A onça, enfim, o alcançou, quando ele ia se esconder dentro de um buraco no chão, e arrancou-lhe a carne dos braços. Por isso o tamanduá mixila tem os braços finos.

A mãe das cobras

A mulher de certo índio, cada vez que ia à roça, ali tinha relações sexuais não só com uma cascavel como também com outros ofídios. De uma feita, seu marido foi atrás, às escondidas, descobrindo a promiscuidade em que ela vivia com as cobras. Quando deu à luz, nasceram-lhe cobras de todas as espécies, em grande número. Esses filhotes de cobra separaram-se, enfim, em quatro grupos, dos quais cada um saiu serpenteando numa direção. A última cobrinha que nasceu foi buscar para sua mãe uma tira de envira com a qual esta cingiu o ventre¹⁹. Depois levou a mulher consigo, e esta se transformou em cobra, também.

A mulher e o tapir

Uma índia foi com o seu menino colher frutas de buriti. Juntou um montão delas, e deixando o menino atrás para vigiá-las, internou-se no seio da mata, onde tinha um encontro combinado com um tapir. Como estivesse demorando muito, o menino chamou-a e, não recebendo resposta, foi procurá-la, encontrando-a na ocasião em que se entregava ao tapir. O menino, que estava roendo uma fruta de buriti, atirou com o caroço na testa do tapir. Este saltou, jogou a mulher para um lado e fugiu. Quando a mulher, que havia perdido os sentidos, voltou a si, zangou-se muito com o filho. Arrastou-o pela tiririca*** e depois pintou-o. Seu marido, que estava caçando na vizinhança, veio ter com ela, mas o menino no momento nada disse. No dia seguinte seu pai fez-lhe um arco e flechas e o levou consigo à caçada. Quando estavam a sós, o menino contou o que sua mãe havia feito. Então o homem organizou uma grande caçada às antas. O menino subiu a uma árvore, junto à trilha desses animais, enquanto seu pai tomava posição ao pé da árvore. Um após outro, os tapires iam passando. "É este?", perguntou o pai. "Não", respondeu o filho. "é aquele que tem um inchaço na testa!" O tapir assim marcado foi o último a passar. O homem o matou com uma flechada e lhe cortou o pênis. Enfiando uma vara nele, secou-o ao fogo até ficar duro como pau. Depois foi procurar a mulher, que estava dormindo, e lhe empurrou o pênis do tapir pela vagina adentro, matando-a. Pouco tempo depois, porém, foi estrangulado pelos parentes da morta, quando estava dormindo no pátio.

O homem-tapir

Isto aconteceu no tempo em que os índios ainda não conheciam cantigas. Tinham matado um tapir e estavam fazendo pontas de flecha dos seus ossos. Um dos índios mordeu um dente do tapir, e, por isso, foi possuído pela sombra do animal, correndo como louco pela mata adentro. Em

(*) *Myrmecophaga tetradactyla* (L.). (N. do R.)(**) Um tinamídeo (*Crypturellus* Brab. e Chumb.). (N. do R.)(***) Espécie de erva daninha graminiforme (*Cyperus rotundus*). (N. do R.)

toda parte onde aparecia, reuniam-se muitos tapires a seu redor. Começou a viver com eles, comendo folhas, ficando cheio de carrapatos e tomando uma anta por companheira. Seus parentes, porém, o perseguiram até que, a muito custo, conseguiram pegá-lo e amarrá-lo. Os próprios tapires ensinaram-lhe as substâncias mágicas por meio das quais eles o podiam livrar do encanto dos animais. Depois de feito isto, ele ensinou aos índios as cantigas de tapir, que se cantam ainda hoje.

O homem-tucunaré

Pamét tinha uma esposa muito rabugenta, que sempre discutia com ele. Um dia ela foi com outras mulheres à roça, enquanto Pamét ficou para consertar a casa. Os outros homens tinham ido pescar com timbó. Quando Pamét acabou o conserto, foi também para o lugar da pescaria, mas os outros já tinham acabado. Contudo, havia ainda muitos peixes na água. Pamét chegou-se a um menino e perguntou: "Que tens de comer para mim?" — "Só este tucunaré aí na brasa", respondeu o menino, "mas ainda não está bem assado." — "Não importa", disse Pamét, "também minha barriga é quente!" Comeu o tucunaré quase cru. Depois entrou na água e apanhou ainda alguns peixes. Quando chegou a casa, adoeceu gravemente. Um curandeiro veio e lhe deu um remédio, e ele já estava melhor quando apareceu um homem que era um seu inimigo. Imediatamente seu estado piorou outra vez, e depois de pouco tempo ele morreu. Quando sua mulher voltou da roça, já o haviam enterrado.

De noite, ouviu-se, junto da sepultura de Pamét, um grande barulho. A terra se fendeu desde o rio até sua sepultura, a água arrojou-se para dentro e com ela os peixes tucunaré que levaram o cadáver do homem. Transformaram Pamét num tucunaré deste tamanho (metro e meio), com cabelos compridos ao longo da espinha dorsal e com uma barbatana caudal amarela como penas de japu.

Um dia, um certo Koko-momók-ti avistou o homem-tucunaré no rio, rodeado de um cardume de outros tucunarés. Koko-momók-ti atirou-lhe uma flecha, mas o homem-tucunaré escapou ferido. Quando Koko-momók-ti voltou para casa, ficou muito doente. Um *vayaná* explicou-lhe afinal que a causa da sua doença era ter flechado o homem-tucunaré. Ele vigiou o doente durante muitas noites, acendendo foguinhos ao redor de sua cama, alimentando-o com nozes de pati velhas, para que os tucunarés não viessem matar Koko-momók-ti; mas muito tempo passou antes que ele ficasse restabelecido.



Kaingang

Os Kaingang formam, até o presente, vários grupos espalhados pelo oeste dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, pelo norte do Rio Grande do Sul e pelo leste das Missões Argentinas. Sua língua relaciona-se com a família Gê, podendo ser, provisoriamente, considerada como Grupo Meridional dela. Os fragmentos de lendas abaixo relatados procedem de índios da região do rio Ivaí, e foram coletados em 1912.*



A origem dos Kaingang

A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, não sei bem onde, no sudeste do estado do Paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje lá e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanyerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanyerú e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções.

(*) Os Kaingang são hoje cerca de 10.000 indivíduos, espalhados pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (N. do R.)



Serviço de Proteção ao Índio, Museu do Índio, s/d

Acampamento Kaingang na região do extinto Posto Indígena de Ribeirão dos Patos, São Paulo.

A criação dos animais

Como esses dois irmãos com a sua gente foram os criadores das plantas e dos animais, e povoaram a Terra com os seus descendentes, tudo neste mundo pertence ou à metade *Kanyerú* ou à metade *Kamé*, conhecendo-se a sua descendência já pelos traços físicos, já pelo temperamento, já pela pintura: tudo o que pertence a *Kanyerú* é manchado, o que pertence a *Kamé* é riscado. Essas pinturas, o índio vê tanto na pele dos animais como nas cascas, nas folhas ou nas flores das plantas, e para objetivos mágicos e religiosos cada metade emprega material tirado de preferência de animais e vegetais da mesma pintura.

Kanyerú fez cobras, *Kamé*, onças. Este fez primeiro uma onça e a pintou, depois *Kanyerú* fez um veado. *Kamé* disse à onça: "Come o veado, mas não nos coma!" Depois ele fez uma anta, ordenando-lhe que comesse gente e bichos. A anta, porém, não compreendeu a ordem. *Kamé* repetiu-lhe ainda duas vezes, em vão; depois lhe disse, zangado: "Vai comer folhas de urtiga! Não prestas para nada!" *Kanyerú* fez cobras e mandou que elas mordessem homens e animais. Queimou um espinho chamado *sodn* e esfregou a cinza nos dentes da cobra a fim de torná-los venenosos. *Kamé* quis então fazer um animal muito feroz, e começou a fazer o tamanduá. Eles estavam trabalhando durante a noite, e quando o dia começou a romper, o tamanduá ainda não estava pronto: já tinha unhas enormes, mas a boca ainda estava por fazer. Então *Kamé* arrancou um cipó e meteu-o como língua na boca do estranho animal, que ficou mal acabado.

Quando já estava claro, eles começaram a correr, e logo uma onça pegou um *Kanyerú*, e *Kamé* foi mordido por uma cobra. Pararam para tratar o doente, quando o surucua (*Trogon* sp.)

cantou: *Tug! Tug! Tug!* Um velho explicou essa cantiga como *tu* (– carregar) e mandou que carregassem o doente para o lugar do acampamento. Um pequeno gavião cantou: *Tokfín!* (– amarrar) e o velho mandou amarrar o membro lesado. Um outro passarinho cantou: *Ngidn!* (– cortar), e eles abriram a ferida com um corte. Outro cantou: *Iandyóro!* (– espremer) e eles espremeram a ferida. Por fim um outro cantou: *Kaimparará!* (*kaimpara* – inchado), e o velho disse: "Isto é um mau grito! Amanhã o membro estará inchado!" Assim foram tratando o doente até que se restabelecesse.

A origem dos nomes de pessoas

Quando, depois, os dois irmãos com a sua gente começaram sua migração pela terra, aproveitaram os acontecimentos durante a viagem para impor nomes aos seus companheiros: encontrando um passarinho vermelho de nome *erégn*, *Kanyerú* achou bom este nome e o deu a seu filho. Quando mataram um gavião real (*hū-mbagn*), *Kanyerú* deu a um dos seus companheiros o nome de *Hū-mbagn-niká* – penacho de gavião real. Passando, com sol quente, por um campo, uma menina *Kamé* quebrou um galho de uma árvore chamada *sokē* para usá-lo a jeito de guarda-sol. Quando chegaram ao acampamento, *Kamé* chamou a menina *Sokē-kign*. No dia seguinte mataram uma onça (*mī*), e *Kamé* deu a um dos seus companheiros o nome de *Mī-yantki* (– boca de onça), enquanto *Kanyerú* batizou um outro por *Mī-nindó* (– braço de onça). Depois outra vez *Kamé* chamou uma mulher de *Mī-kané* (– olho de onça) etc. O rezador, que sabe de todos esses episódios pela tradição que ele e os seus colegas guardam, é, por isso, competente para impor o nome à criança, e, já pelo nome, se conhece a qual metade o indivíduo pertence.

As almas de defuntos

A alma do defunto (*vaekrupri*) penetra no chão, imediatamente ao lado do cadáver, começando logo a se encaminhar rumo ao Toldo dos Defuntos. O primeiro pedaço do caminho é nas trevas, mas logo ela sai outra vez ao claro, onde se encontra com algumas outras almas que lhe oferecem comida. Se comer, continuará o caminho; se não, voltará à superfície da terra, entrando novamente no corpo que a alma abandonara. Assim se explicam os casos em que pessoas aparentemente mortas tornam à vida. Para lá daquele ponto, começam para a alma as dificuldades e perigos do caminho: primeiro, encontra uma encruzilhada onde um caminho errado conduz a um lugar onde uma caba preta, gigantesca (*kokfumbágn*) espera as almas para devorá-las. Em outro trilho errado, acha-se armado um laço que colhe a alma, atirando-a dentro de uma panela com água a ferver. Finalmente, tem de atravessar um brejo por uma pinguela estreita e escorregadia. Se escorregar e cair, é devorada por um enorme caranguejo ou, segundo outros, por um cágado.

Além da pinguela, a alma encontra o Toldo dos Defuntos, onde os seus conhecidos finados já a esperam com *góyo-kupri*²⁰ para festas e danças. Nesse Toldo dos Defuntos, tudo é mais ou menos como aqui em cima, na Terra. Algumas coisas, porém, têm lá significação diferente ou oposta: assim, os defuntos tratam umas formigas grandes de "onças"; as minhocas são "peixes"; as aranhas, "cobras" etc. O milho é preto. Naturalmente, as almas também brigam entre si, e quando isto acontece, sempre há entre os vivos algum desastre. Nos cemitérios acham-se muitas vezes vestígios de cacetadas, golpes de terçado e marcas de quedas de corpos impressas no chão, especialmente poucos dias depois do enterro, no lugar que o *Pényé*²¹ varreu com ramos. Se aparecerem só pegadas, é sinal que logo alguém vai morrer. Bem junto ao cadáver, enquanto este ainda não tiver sido tirado do seu leito de morte, o *Pényé* encarregado de tratá-lo espalha cinza no chão, alisa-a e marca os lugares da vizinhança: o toldo X, o toldo Y etc. Pouco depois aparecem na cinza, no lugar correspondente, aqueles sinais acima mencionados, e até rastros de cobra, se alguém tiver de ser mordido por um desses répteis. Não é, porém, qualquer um que enxerga essas coisas e sabe explicá-las.

O dilúvio

Quando o dilúvio chegou, os índios se transformaram em macacos-pregos, e os negros, em guaribas, o que se pode verificar pela catinga destes, que é a mesma dos negros. Um homem salvou-se, trepando numa palmeira jerivá. Estava comendo as frutas, enquanto as pontas dos seus pés pendiam n'água. Os dourados vieram para apanhar os caroços, mas de repente morderam também os dedos dos pés do homem. Por isso, o dedo miudinho do nosso pé é menor que os outros. Quando os índios já estavam meio mortos de fome, apareceu o biguá (*Krukri*)* e disse: "Eu farei uma terra para vós!" Trouxe uma das mãos cheia de terra que espalhou na superfície da água, de maneira que formou uma ilha. Depois tornou a trazer outra mais, e assim trabalhou durante dias. Quando não espalhava bem a terra, esta formava colinas e montanhas.



Mulher Kaingang, sobrevivente em 1911 no Posto Indígena Vanuire, Município de Tupã, oeste do Estado de São Paulo.



Mulher Kaingang tecendo.

(*) *Phalacrocorax olivacens*, Humb., ave passeriforme que vive nos rios e costas marítimas (N. do R.).



Kuniba

Esta tribo, hoje extinta, habitou até 1912 a terra firme entre a margem esquerda do médio rio Juruá e as cabeceiras do Jutaf. Em consequência de um assalto que fizeram a um barracão, a maior parte dela foi morta pelos neobrasileiros. Alguns sobreviventes foram transferidos pelo Serviço de Proteção aos Índios para o Rio Branco. Sua língua é Aruak, do Grupo Pré-andino. A lenda foi anotada em 1921.

A lua

Um homem tinha ido a uma viagem, deixando sua mulher em casa. Esta, durante a ausência do marido, recebia todas as noites, na sua rede, a visita de um desconhecido. Num dia preparou tinta de jenipapo e passou-a no rosto do visitante noturno, para reconhecê-lo de dia. Então verificou que se tratava de um dos seus próprios irmãos. De manhã, contou logo a sua mãe o que tinha feito, mas todos procuraram em vão o homem marcado com a tinta de jenipapo. Então, o chefe da maloca mandou reunir os homens, apresentando-se todos, com exceção do irmão culpado. Ele se escondera e teve de ser trazido à força. Quando seu delito foi descoberto, os outros deram-lhe uma surra e o soltaram. Já em liberdade, ele ameaçou que havia de voltar e acabar com a maloca toda. Seu irmão, porém, seguiu-o às escondidas, para observar o que pretendia fazer.

À boca da noite, o malfeitor chegou a uma maloca estranha, na qual entrou. Imediatamente os habitantes caíram em massa sobre ele, abatendo-o. Seu irmão, porém, que o havia seguido, escondeu-se perto, no oco de um pau, de onde observou como os inimigos cortaram a cabeça do morto, jogando-a num monturo, enquanto lhe queimavam o corpo. Ele resolveu levar a cabeça para casa. Assim que anoiteceu completamente, saiu do seu esconderijo e, apanhando muitos vaga-lumes, esfregou-os no próprio rosto, no corpo e nos membros, que ficaram fosforescentes. Seu aspecto era, agora, o de um fantasma, e quando entrou no meio dos inimigos, que ainda estavam sentados reunidos no terreiro, estes correram apavorados, escondendo-se na maloca. Ele apanhou a cabeça do irmão e fugiu, levando-a. Por mais que corresse, não lhe foi possível alcançar sua maloca na mesma noite. Então resolveu enterrar a cabeça na manhã seguinte e, depois de ter feito uma cama, adormeceu. Pela manhã, cedo, a cabeça a seu lado começou a falar: "Meu irmão, dá-me água!" O homem assustou-se grandemente: "Que

história é esta dessa cabeça?" Foi buscar água, oferecendo-a à cabeça para que bebesse, mas o líquido escorria imediatamente pelo pescoço cortado. Foi buscar mais, porém o efeito era o mesmo. Então cavou, no mesmo lugar, um buraco fundo e nele deixou sepultada a cabeça, continuando o seu caminho em direção à maloca. Vendo, porém, uma fruteira, subiu para comer frutas, pois estava com fome. Nisto, a cabeça tinha-se libertado do buraco e veio pulando pelo rastro do irmão e, vendo-o sentado na fruteira, pediu-lhe que atirasse algumas frutas. O homem apanhou uma e a atirou pelo mato adentro; sem demora, a cabeça pulou atrás a fim de apanhá-la. O homem aproveitou a ausência da cabeça para descer a toda pressa, e correr para sua maloca. "Mataram meu irmão e a sua cabeça virou fantasma!", contou ele aos outros. Todos se esconderam na maloca, fechando bem as portas, porque a cabeça já vinha perto, pulando. Chegou à porta e pediu a sua mãe que a abrisse; mas ninguém lhe respondeu. Chorou e se lamentou do lado de fora durante a noite toda: "Que me resta fazer agora?! Macaco eu não posso ser, porque me comeriam. Água não posso ser, porque me beberiam e me ferveriam. Pedra eu não posso ser, porque sobre mim defecariam." Assim foi discorrendo e, já pela manhã, lembrou-se da lua. "Serei a lua", disse. "Depois de três dias, eu aparecerei, e então acontecerá uma coisa à minha irmã (isto é: ela ficará menstruada; naquele tempo, como não havia ainda lua, as mulheres não ficavam menstruadas nem davam à luz). E assim será cada vez que eu aparecer de novo." Depois pediu à sua mãe que lhe desse um novelo de fio de algodão; esta lhe atirou o objeto pedido, por uma fenda na parede, no terreiro. Ele atirou o novelo para o céu, mas o fio era curto demais; pediu mais outro novelo. Agora alcançou o céu pelo fio que desenrolara. Quando já estava alto, sua gente saiu da maloca e viu como ia subindo cada vez mais e como, por fim, desapareceu no céu.



Palikur

No começo do século XVI, esta tribo habitava a margem setentrional do estuário do Amazonas, mas há mais de 200 anos localizou-se no lugar em que agora se acha, no rio Arucauá, afluente do Uaçá, que desemboca junto ao Oiapoque. Seu número é atualmente de uns 300. Sua língua pertence à família Aruak, porém assemelha-se mais às línguas do centro das Guianas que ao Arawak verdadeiro da costa.*

(*) Os Palikur no Brasil são hoje 568 indivíduos, que continuam habitando o extremo nordeste do Território do Amapá. (N. do R.)

A origem do clã Kamohi-yune

No tempo em que os Palikur ainda habitavam nas terras do sudeste, uma mulher teve um filho do clã *Wakapué-ne*²², de nome Parákwa (— araquã*, por causa da ponta traseira, comprida, da sua tanga). Ele era panema**, e sua mãe padecia, muitas vezes, fome. Num dia, ela se zangou e o expulsou de casa para o mato: que corresse até que alguma fera o devorasse!

Na mata, Parákwa encontrou-se com o demônio *Wéri*, que lhe perguntou de onde vinha e para onde ia. “Minha mãe me enxotou para a mata para eu ser devorado por alguma fera”, respondeu Parákwa. “Mostra-me uma vez o teu braço!”, mandou *Wéri*, e, depois de examiná-lo, disse que Parákwa tinha aí um bicho pernicioso. Mandou que Parákwa atirasse uma flecha num dos galhos de uma árvore e que subisse depois para buscá-la. “O pau não quebrará?”, perguntou Parákwa. “Não”, respondeu *Wéri*, “podes trepar!” Mas quando Parákwa subiu, a árvore quebrou e ele caiu, ficando esmagado no chão. *Wéri* cortou-o em pedaços, que queimou, e da cinza fez um novo Parákwa. Mandou que atirasse num pássaro e Parákwa, que dantes nunca acertara, desta vez acertou. Depois *Wéri* mandou que voltasse à casa de sua mãe.

“Mãe”, disse Parákwa quando voltou, “eu vim para caçar e pescar para ti e nunca mais sofrerás fome!” Embarcou na canoa, foi ao rio e voltou com a embarcação cheia de peixes. Sua mãe ficou contentíssima, e, depois de algum tempo, mandou que ele fosse procurar uma mulher para si.

Parákwa foi e chegou ao rio Arucauá onde morava Yakwári com sua irmã Kureluakú, filhos de Aríuti, da estirpe do Sol. Parákwa tomou Kureluakú por mulher, e Yakwári casou com a irmã de Parákwa e tornou-se o fundador do clã solar dos *Kamohi-yune*.

A origem dos Galibí

No meio das grandes savanas alagadiças, aquém do morro Yxayali (Cayary) existe um grupo de seis (ou sete?) pequenas ilhas de mato, hoje chamadas *Hinyé-pnawá* — Casa dos Galibí. Há muito tempo morava ali uma mulher Palikur com um filho e uma filha. Um espírito da montanha (*yumawali*) enamorou-se da moça, visitando-a amiúde, sem que os outros jamais o vissem. Ficando, porém, grávida, seu irmão exigiu-lhe uma explicação de como pudera isso ter acontecido, se ninguém vira um homem junto a ela. A moça respondeu que ela própria não o sabia explicar, mas o irmão, desde então, entrou a vigiá-la e, um dia, surpreendeu-a com o *Yumawali* na roça. Ele tinha deitado a cabeça no regaço da moça, e a sua coroa de penas estava pendurada num galho ao lado. O irmão resolveu matar o amante de sua irmã e lhe atirou uma flecha. O *Yumawali*, porém, deu ao projétil uma outra direção, de maneira que este, em lugar de matá-lo, matou a moça. Depois ele apanhou sua coroa de penas e, no momento em que a colocou na cabeça, tornou-se invisível.

O irmão levou a notícia da desgraça à sua mãe, que o mandou sepultar o cadáver da irmã. Depois, sempre de três em três dias, ia visitar-lhe a sepultura. Na primeira e segunda vez, nada

achou de extraordinário; na terceira vez, porém, viu uma profusão de vermes que, saindo da terra, foram por ele totalmente destruídos. O mesmo fez na quarta visita. Na quinta, ele encontrou, além dos vermes, alguns meninos, ainda tenros, que engatinhavam sobre a sepultura, tendo nas mãos pequenos arcos e flechas. Um deles se levantou e disse ao irmão da finada: “Não mates mais esses vermes! Tu mesmo és culpado de estarmos nascendo com forma de vermes e só depois ficarmos gente!” Na outra visita à sepultura, já encontrou muito mais meninos do que vermes e continuaram a aparecer em número cada vez maior. Assim originou-se a tribo dos Galibí.

Os pequenos cresceram e quando se tornaram adultos, resolveram vingar a morte de sua mãe nos parentes do assassino e começaram a guerra contra os Palikur.



Botocudos

Não é provável que os Botocudos do século XVIII sejam os descendentes dos Aimorés do século XVI. Os Botocudos são citados sob este nome desde meados do século XVIII, no extremo leste de Minas, entre 16^o e 20^o de lat. S., e nas partes adjacentes da Bahia e do Espírito Santo. Depois de lutas prolongadas, seus últimos bandos foram pacificados pelo Serviço de Proteção aos Índios em 1913. Em 1939, o seu número total estava reduzido a 68 cabeças, pertencendo 50 à tribo Nakrehé do Manhuaçu, transferida para o Posto Guido Marlière, à margem esquerda do rio Doce.

Os diversos dialetos dos Botocudos, entre si pouco divergentes, formam uma família lingüística à parte.*

(*) Um cracídeo (*Ortalis*, Merr.). (N. do R.)

(**) Azarado na caça. (N. do R.)

(*) Ao contrário do que afirma aqui Nimuendaju, parece haver evidências de que os Botocudos estavam lingüística e historicamente ligados aos Aimorés; e ambos, por sua vez, seriam antepassados-parentes dos atuais Krenak, que vivem no município de Resplendor, MG, próximo à divisa com o Espírito Santo. (N. do R.)

Meus principais informantes foram, em 1939, os índios Raulino, da tribo *Minyã-yirúgn* (antigamente no rio Pancas), e Hamát, da tribo *Nakpie* (antigamente à margem esquerda do rio Doce, acima da fronteira de Minas).

Tribos lendárias: 1. Os *Tombrek*

Os *Tombrek*, antropófagos, habitavam no interior das matas, ao norte do rio Doce. Não faziam ranchos: moravam entre as sapopemas das gameleiras. Raulino afirmava que esta tribo se compunha exclusivamente de homens.

Um índio estava caçando só, na mata, quando viu debaixo de uma gameleira um bando de índios desconhecidos: eram os *Tombrek* antropófagos. Seu chefe estava ausente. Quando o caçador se aproximou, eles o agarraram e o mataram. Abriam-lhe o cadáver; as mulheres retiraram os intestinos e lavaram-nos na aguada, e os homens lhe esartejaram o corpo.

O chefe dos *Tombrek* chegou. Examinou a cor da pele do morto, que era escuro, disse: "Por que o matastes? Era um mulato!" Não queria que sua gente matasse mulatos, mas só brancos. Então os outros *Tombrek* responderam: "Não és tão forte (em magia)? Ressuscita-o pois!"

Então o chefe mandou trazer os intestinos e colocá-los junto dos pedaços de carne. Cantou, e o homem levantou-se e ficou de pé. O chefe dos *Tombrek* mandou-o ir embora; e ele apanhou o seu arco e tornou à sua casa.

2. Os *Poyekregn*

Uma outra tribo lendária é a dos *Poyekregn*, chamados também *Nem-ron* por causa dos seus arcos compridos. São caçadores pacíficos; entretanto, gostam de raptar crianças. Raulino disse-me que são comumente invisíveis, mas que seu pai, uma vez, os viu passar na mata. Eles o chamaram e lhe fizeram presente de um dos dois veados que haviam matado.

Um homem que, com seu filho, estava vagando pelo mato, encontrou-se com os *Poyekregn* que lhe carregaram o menino. O pai voltou para casa sozinho. Então seus parentes disseram: "Devias ver se podes trazer o menino outra vez!"

O homem voltou à mata. Colheu uma boa quantidade de florezinhas bonitas com as quais se enfeitou. Depois deitou-se à margem do caminho dos *Poyekregn*. Estes vieram; o menino achava-se entre eles. Tinham-no pintado de preto, com jenipapo, em todo o corpo. Viu as florezinhas e pediu que o deixassem apanhá-las; mas, quando chegou perto, seu pai o pegou pelo braço e o levou consigo. Depois lavou o menino até que a tinta preta saiu por completo.

Os espíritos *Marét*

No céu habita uma numerosa geração de espíritos, chamados *Tokón* pelos homens comuns, para os quais são invisíveis. Certas pessoas eleitas, porém, recebem dos próprios espíritos a faculdade de vê-los e de ter trato com eles. Estas pessoas chamam-nos de raça de espíritos *Marét*.

Os *Marét* têm a forma e o tamanho de índios comuns, disse-me Hanát; Raulino, porém, era de opinião que fossem uma cabeça mais baixos. Há *Marét* masculinos e femininos, adultos e crianças. Vivem no céu em riqueza e abundância, pois possuem

tudo que os portugueses (— neobrasileiros) têm, sem que tivessem tido precisão de trabalhar. Para eles não há doenças nem morte.

Os *Marét* são, para com os homens, bondosos e caritativos; nunca ficam zangados. Antigamente, os índios não tinham nenhuma necessidade de trabalhar: os *Marét* davam-lhes tudo de que precisavam. A gente só tinha de se dirigir a um dos seus eleitos com quem tinha trato, e logo ele mandava o que se pedia. Na caçada, não era preciso muito esforço; mandava-se pedir caça aos *Marét* e eles a mandavam. Por isso os antigos não faziam magia de caça (veja, porém, a lenda "Como Berén matou a onça"). Assim, também, se deixava antigamente aos *Marét* o trabalho de fazer roçados. Quando muito, a mata era derribada; o trabalhador ia embora e, ao voltar, já encontrava a plantação madura.



Um homem de muitos poderes mágicos fez uma derribada e a queimou. Depois chamou sua mulher e se mudou com ela para um outro lugar. "Não queres plantar tua queimada?", perguntou a mulher. "Não", respondeu, "não preciso plantar nada." Foram embora. Alguns meses depois o homem mandou um seu parente, do bando, ver como estava o roçado. "Por que o mandaste ao roçado", objetou a mulher, "se lá não plantaste coisa alguma?!" Quando o enviado chegou ao roçado, achou-o cheio dos mais variados frutos, que cresciam todos de um só pé. O enviado voltou com cinco espigas de milho. Quando a mulher as viu, ficou grandemente admirada; seu marido, porém, disse-lhe: "Estás vendo, mulher? Eu não te disse?" — Os *Marét* haviam plantado a roça do homem.



Yakíbm era muito forte (em magia). Quando, de uma feita, estava com a sua gente na mata, passavam fome. Pediram-lhe os companheiros que se dirigisse com eles aos *Marét* para conseguirem alimentos. *Yakíbm* cantou aos *Marét*, depois foi só pelo mato adentro, e de lá trouxe comidas de diversas espécies. Sua gente, porém, não se agradou da comida enviada e, quando os *Marét*, por intermédio de *Yakíbm*, mandaram perguntar se ainda queriam mais ainda, responderam negativamente.



Uma mulher com seu filho de uns seis anos foi ao mato. Não tinham coisa alguma para comer e queriam colher frutas. A mulher colheu frutas de caraguatá e empilhou-as para levá-las na volta. Depois dirigiram-se a um outro lugar onde havia frutas de *deyakitáig* (cansação). De repente, o menino disse: "Veja só, mãe!" No meio da mata estava um monte de bonitos jerimuns. Por ali, nem mesmo a grande distância, não havia roçados. "Quem teria trazido esses jerimuns para cá?", disse a mulher. "Vou já levar alguns deles para casa!" Encheu o *ayó*²³ e carregou o seu achado para o acampamento, onde contou como o tinha obtido. "Foram os *Marét*", disseram os outros, "vamos também buscar jerimuns!" Assim fizeram todos, e comeram jerimuns com fartura. A princípio, tiveram um pouco de medo, receando que lhes podia fazer mal, mas nada lhes aconteceu.



Rignbrúk, filho de Entán, disse: "Pai, eu queria fumar! Não tens trato com os *Marét*? Pedê-lhes fumo para mim!" De noite, Entán sentou-se e cantou. Pediu tabaco aos *Marét* e estes prometeram atendê-lo na manhã seguinte. Quando amanheceu, mandaram-lhe primeiro um cachimbo novo, vermelho, cheio de tabaco para provar. Rignbrúk acendeu-o e o achou excelente. Então os *Marét* trouxeram um pacote inteiro de tabaco, para que Entán o distribuísse pela sua gente. Era um fumo de qualidade superior, e a gente lhe pediu para ver uma folha dessa espécie, para eles desconhecida. Então Entán foi buscar uma entre os *Marét*; era do tamanho de uma folha de bananeira. Depois de todos a terem admirado, ele a levou outra vez aos *Marét*. Em toda a região não havia tabaco.

Uma mulher disse: "Vou só ao mato buscar mel, mesmo não tendo um machado de ferro!" Encontrou uma colmeia numa árvore, a meia altura, e começou a abri-la com o machado de pedra, lamentando-se: "Não possuo um machado de ferro e tenho de trabalhar com o machado de pedra!" De repente, ouviu uma voz atrás de si dizer: "Toma este machado de ferro!" Ela gritou e se virou assustada: era um *Marét* que lhe estendia um machado de ferro. Ela, porém, fugiu horrorizada e contou em casa o que tinha visto. Toda gente que a ouviu, disse-lhe que tinha sido muito tola, correndo. Voltaram ao lugar, mas do *Marét* nada mais encontraram.

A força mágica

Os Botocudos traduzem *Yikégn* pela palavra portuguesa "forte". Subentende-se "forte sobrenaturalmente", porque a força física, em língua de Botocudos, é *nyipmro*. Todos os chefes dos Botocudos eram *yikégn*, mas nem todos os *yikégn* foram chefes. Hanát contou-me como o chefe Biyán se tornou *yikégn*:

Biyán, tomando suas armas, foi sozinho ao mato caçar. A essa época, ainda não possuía força mágica. Na mata, encontrou um grande número de *Marét*. Estes o pegaram e o atiraram ao ar, aparando-o nas palmas das mãos, e assim o transformaram numa espécie de peteca durante algum tempo. Finalmente, um dos *Marét* achou que já chegava, porque Biyán já tinha recebido bastante força mágica. Ele se recolheu à casa, completamente estonteado, e se deitou; depois cantou. Feito isto, foi ao mato, e os *Marét* lhe trouxeram alguns ananases muito grandes que ele distribuiu pela sua gente.

Mais tarde os *Marét* levaram Biyán até a sua casa grande no céu.

Transformações

Afora esta faculdade de tratar com os *Marét*, possuem os *yikégn* ainda uma outra: podem operar em si mesmos ou nos outros repentinas transformações.

Um homem foi ao mato caçar. Matou uma guariba mas esta ficou pendurada, muito alto, nos galhos de uma árvore. Chegando em casa, ele contou ao filho que tinha deixado o macaco no mato. Então o filho pediu-lhe licença para acompanhá-lo ao mato, a fim de buscar o referido animal. Quando o menino avistou o macaco no galho da árvore, insistiu com seu pai que trepasse e o atirasse para baixo; este, porém, respondeu que a



Estátua de Yonkyón, entidade sobrenatural Botocudo.

árvore era grossa demais. Mas o filho não cessou de importuná-lo, até que ele, finalmente, subiu. Quando chegou onde estava o animal, cortou-o em pedacinhos e deixou-os cair um a um. O filho gritou, para cima, que atirasse o animal inteiro, mas o pai não o atendeu. De repente o tronco da árvore inchou e os galhos estremeeceram: o homem transformou-se num gavião real, suas flechas, em garras, e soltando um assobio, voou. O filho juntou os pedacinhos de carne e levou-os para casa.

Um menino pediu a seu pai: "Vai caçar um macaco!" O pai não estava disposto a atendê-lo, mas o menino não o deixou mais em paz. Então o homem, perdendo a paciência, disse que ia lhe fazer um macaco. "Isto eu queria ver!", disse o menino. Mas o homem bateu com a mão diante de si no chão, acenando e logo apareceu um macaco. Matou e o assou, dando o animal ao menino para que o comesse. Ele mesmo nada comeu do macaco, mas mandou recolher cuidadosamente seus ossos, já descarnados. "Como é que podes fazer macacos?", perguntou-lhe o filho. "Isso vais ver já", respondeu o pai, "fica de pé, lá, junto aos ossos!" Quando o filho fez o que lhe havia sido ordenado, o pai bateu novamente com uma das mãos diante de si, no chão, acenando, e os ossos do macaco entraram no corpo do menino que, assim, se transformou em macaco. Este trepou numa árvore, e em vão sua mãe o chamou para que descesse outra vez; o menino, transformado agora em macaco, fugia para a mata.

No começo, só existia no mundo o casal Lagartixa. Seus filhos não tinham boca, mas comiam pelo ânus. Lagartixa quis corrigir essa anomalia. Ele dirigiu-se ao mato e depois de quatro dias voltou, trazendo uma boa quantidade de ovos de jaó (de mutum, segundo Raulino). Deitou-os em fila, no chão, e reuniu todos os filhos ao redor deles, recomendando-lhes que gritassem assim que os ovos rebentassem. De fato, quando isto

se deu, todos gritaram, porque no mesmo instante todos criaram bocas.

Depois disse Lagartixa aos filhos: "Eu já vos transformei; agora, transformai-nos também!" Ele e sua mulher se deitaram de rosto para baixo no chão e deixaram-se pintar pelos filhos; com isto transformaram-se em lagartixas.

A ressurreição de um cadáver

Ambioño e sua mulher tinham muitos filhos, e entre estes uma filha que amavam com especial carinho. Essa menina morreu. Quando jazia morta na casa, seu pai mandou chamar Tomhé, que era muito *yikégn*, e lhe suplicou que restituísse a vida à criança. Tomhé mandou que lhe dessem um pedaço de tabaco, o qual foi posto sob o nariz do cadáver; depois ele cantou, e após alguns instantes a menina ergueu-se viva e sã. Ela disse ao pai que pagasse bem a Tomhé, porque, de fato, tinha estado morta. Ambioño pagou a Tomhé com um grande rolo de fumo.

Ressurreição de um morto

Um homem morava isolado dos outros com sua mulher e três filhos. Ele adoeceu gravemente e, depois de alguns dias, morreu. Sua mulher fez a lamentação fúnebre e um dos filhos lhe enterrou o cadáver. Depois eles se mudaram. Um dia, voltando um dos filhos à sepultura do pai, encontrou sobre ela um porco furioso. Quis matar o animal, mas este começou a falar com voz humana: "Não me mates! Sou teu pai!" e dizendo isto tomou forma humana: "Eu voltei", disse o ressuscitado, "os porcos me trouxeram outra vez do mundo inferior!" Então o filho quis ver os porcos. Seu pai deu um grito e um deles se apresentou; a este o pai mandou que o filho matasse. Depois perguntou pelo lugar onde atualmente habitavam, e ambos tornaram a casa, levando o animal morto. Ele deu o porco a sua família para comer; contudo, se absteve de prová-lo. Recomendou ao filho que não matasse nenhuma cobra que porventura encontrasse no caminho. — (Incompleto?)

As almas*

Cada pessoa adulta tem um número de almas (*nakandyún*), algumas até cinco e seis, mas só uma delas habita no corpo; as outras ficam ao redor dele. Em sonhos o *nakandyún* abandona o corpo e tem as suas aventuras independente dele. A perda do *nakandyún* causa doenças.

Hanát foi ao mato caçar. Encontrou dois *mbrukík* (macacos saúá) que matou e levou. Quando ele chegou a casa, caiu sem sentidos. Um bando de macacos saúá chegou em forma de moças e quis levá-lo, mas ele se recusou a acompanhá-las. De repente, ouviu o assobio agudo dos *Marét*, e logo as macacas o abandonaram. Ficou, porém, doente, porque elas tinham levado o seu *nakandyún*. Elas ainda voltaram em forma humana para atormentá-lo. Finalmente apareceram três *Marét* à porta da casa e afugentaram as macacas, levando Hanát consigo para o seu país, no céu, onde lhe devolveram o *nakandyún*. Eles lhe deram também uma bebida e ele ficou bom.

Certa moça de nome Pangán gostava de comer carne de cutia. Uma vez comeu da carne de uma cutia encantada, que era um *Manyakeyí*. Esses *Manyakeyí* são uma gente que habita para o lado do sul e que têm casas como os portugueses (neobrasileiros). O corpo de Pangán ficou onde estava, mas os *Manyakeyí* levaram o seu *nakandyún* encarcerando-o. Então o seu corpo adoeceu. Quando sua mãe Yamnáik viu isto, mandou chamar Kadnyék, que era *yikégn*, para que fosse ver o que convinha fazer. Kadnyék foi ter com os *Manyakeyí* e viu o *nakandyún* de Pangán preso. Ele o chamou para fora sob o pretexto de querer lhe mostrar alguma coisa, e fugiu com ele num auto (sic). Trouxe-o e o fez entrar novamente no corpo de Pangán, e esta se restabeleceu.

Os fantasmas

Dos ossos do cadáver forma-se o *nandyón* (— fantasma), a saber: o *nandyón yuka-krinā* dos ossos frescos, depois de putrefata a carne, e o *nimhiāmíe*, reconhecível pelos seus cabelos compridos e que caminha aos saltos, dos ossos velhos. Outras formas de *nandyón* Raulino qualificou de *nandyón-ron* (— n. comprido) e *nandyón-him* (— n. preto).

A habitação dos *nandyón* chama-se *Kiyém parádn* e está sob a terra, sendo iluminada pelo sol quando aqui é noite. Ali os *nandyón* passam uma vida mais ou menos como os vivos aqui. Os *Marét* não permitem que voltem permanentemente à superfície da terra, enxotando-os assim que eles se apresentam. Apesar disto, acontece às vezes que aparecem aos vivos. Se o vivo não avançar corajosamente contra o fantasma, matando-o ou lhe dando, pelo menos, uma boa surra, pode morrer em consequência do encontro. Por isso, as mulheres receiam particularmente semelhantes aparições. Entretanto, no conto seguinte o encontro não teve más consequências para uma mulher.

Uma mulher disse a seu marido: "Fica aqui, ouço chamar-me para a mata!" Quando a mulher seguiu no rumo do chamado, encontrou os *nandyón* na mata. Eles a pintaram com tinta preta. Quando voltou, ela disse ao marido: "Isto é o meu vestido que os *nandyón* me deram!" Essa pintura podia ser vestida ou despida como roupa.

Um grupo de índios teve na mata um encontro com os caçadores de uma tribo inimiga. Lutaram com os inimigos, matando um deles. Algum tempo depois, um homem do mesmo bando foi caçar. Avisara a sua mulher que demoraria três ou quatro dias e lhe recomendou que, durante esse tempo, ficasse com sua mãe. O homem se encontrou na mata, outra vez, com aqueles inimigos e estes o mataram.

Decorridos os quatro dias, resolveu a mulher voltar a dormir na sua choça, para esperar aí a chegada do marido. Na escuridão da noite, chegou o *nandyón* do morto e entrou na choça. Deitou-se e disse à mulher: "Vem catar-me!" A mulher atçou o fogo e deitou a cabeça do *nandyón* no seu regaço. Então viu que a cabeça fervilhava de vermes e que aquele que tinha vindo era o *nandyón* de seu marido. Ela caiu morta instantaneamente, enquanto o *nandyón* desapareceu.

(*) Contado pelo próprio Hanát (N. do A.)

Havia uma viúva cujo marido tinha sido morto pelos outros. Ela deixou os filhos em casa e saiu à mata para buscar caratingas. Amontoou as raízes colhidas e subiu mais o morro com o *ayó*, para colher mais ainda. Quando voltou com sua carga, ouviu vozes no lugar onde havia deixado as primeiras caratingas; eram dois *nandyón*. Eles tinham feito uma fogueira e estavam assando as caratingas. Quando a viúva chegou perto, agarraram-na e lhe deram uma surra. A mulher se arrastou para casa e contou às crianças o que lhe havia acontecido. Poucos dias depois ela morreu.

Um homem foi a um rochedo para colher frutas de caraguatá que cresciam no seu cimo. Encostou arco e flechas no talhado e subiu. Quando já havia colhido bastante caraguatá, desceu outra vez com a carga. Então viu um *nandyón* que estava manejando suas armas. Pondo uma flecha após outra na corda, procurava de balde um jeito para atirar sobre o homem. Este ficou grandemente aborrecido com isto: "Por que estás mexendo em minhas armas?", gritou ele. Cortou um pau e deu-lhe uma surra até que o deixou caído. Depois ele pegou suas armas e seguiu para casa.

Havia um homem de nome Entán, que disse à sua mulher: "Vamos ao mato buscar mel!" Ela respondeu: "Vai só!" Ele tomou o machado e seguiu. Procurou durante muito tempo até que achou uma colmeia no pé de uma árvore. Começou a abri-la, quando ouviu um chamado. Pensando que fosse sua mulher que o estivesse seguindo, respondeu. Espantou as abelhas que lhe rodeavam os ouvidos e escutou, quando viu que quem se aproximava era um *nandyón*. Entán ficou aborrecido: "Que quererá ele aqui justamente agora?" Cortou um pau e com ele surrou o *nandyón*. "Para não te intrometeres outra vez quando eu estiver tirando mel!", disse-lhe. Levou o mel para casa e contou que tinha dado uma surra em um *nandyón*. Depois começou a cantar como uma guariba. Sua gente espantou-se com isso mas ele explicou: "Os *Marét* assim o mandaram!" Depois foi ao mato encontrar os *Marét* e trouxe comida que todos comeram.

O mesmo Entán foi uma vez, em companhia de muitos outros, caçar na mata. Fizeram um acampamento e dormiram numa carreira comprida no chão, cada um com uma fogueira aos pés. Entán estava deitado entre os outros. Ele vigiava enquanto os outros dormiam. De repente, percebeu que alguém estava se aproximando. Falou mas não teve resposta. Era um *nandyón*. Este chegou à fogueira, tirou um tição e voltou com ele para o mato. Entán nada disse, mas resolveu matar o *nandyón*, caso ele voltasse na noite seguinte. Cortou um cacete, colocou-o ao seu lado e ficou acordado. Quando os outros adormeceram, o *nandyón* veio outra vez buscar fogo. Enquanto se abaixava para apanhar o tição, Entán derrubou-o com o cacete, matando-o.

Quando no mundo subterrâneo o fogo dos *nandyón* se apaga, eles vêm buscar um tição do fogo dos vivos.



Raulino, um dos três informantes Botocudo de Curt Nimuendaju, fotografado em 1939 na aldeia *Minyã-yirugn*, às margens do Rio Pancas, Espírito Santo.

Uma mulher disse a seu marido: "Vamos mudar-nos!" Ele respondeu: "Então vai na frente!" Ela arrumou o *ayó* e seguiu. Algum tempo depois, seu marido também se pôs a caminho, mas logo se encontrou com dois *nandyón*. Um deles o atacou imediatamente mas o homem, lutando com ele, atirou-o para o lado. O outro *nandyón* gritou: "Segura-o! Não o deixes escapar!" O primeiro *nandyón* atacou o homem novamente, mas este o feriu com uma faca e o atirou para o lado. Ele ficou morto à beira do caminho, enquanto o outro fugiu. Quando o homem alcançou sua mulher e lhe contou que havia matado um *nandyón*, esta disse: "Os *nandyón* são perigosos! Tu o mataste, agora provavelmente terás de morrer também!" Mas nada aconteceu ao homem.

A mulher que se transformou em onça

Um homem estava acampado na mata com sua mulher. Esta lhe pediu que a deixasse só até que fosse chamá-lo; ela queria transformar-se. Pintou-se e transformou-se numa onça; porém, do ombro para cima, conservou-se gente. Depois chamou seu marido que ficou grandemente admirado da sua transformação. "Como hei de viver agora contigo?", perguntou-lhe. Ela mandou que o marido a esperasse e correu, internando-se na mata, onde matou dois porcos. Trouxe um para o marido e arrastou o outro para o lado, devorando-o depois. Assim trazia sempre caça à choça de seu marido, mas não admitia que este se aproximasse dela.

Um dia sua cabeça humana também se transformou em cabeça de onça. Ficou sendo uma onça perfeita. Correu a um lugar na mata onde estava acampado um bando de índios e os foi comendo, um a um, até o último. Um menino que foi procurar seu pai, que estava entre eles, não encontrou um só vestígio do bando, ficando sozinho na mata.

Sol, lua, eclipses, noite

O sol é do sexo masculino. A lua grande (não a lua crescente!) é masculina (*munyak yekán* – pai Lua), a pequena, feminina (*munyak yopúe* – mãe Lua).

Os eclipses produzem-se quando sol e lua brigam e se insultam. Ficam, então, escuros de raiva e de vergonha.

Em tempos remotos, não havia noite. Um homem desceu do céu e disse aos índios: “Se quiserdes, podeis matar-me!” Eles mataram-no, e ficou noite. Depois de algum tempo, tornou a viver, e fez-se novamente dia. Ele subiu ao céu de onde viera, e é hoje o sol.

A origem da trovoada

Tarú (– céu; não é idêntico nem ao sol nem ao deus celeste, *Yekan kren-yirugn!*) tinha mulher e filha. Esta era casada com um homem de nome Ngan-nhin. Naquele tempo moravam na terra. *Tarú* possuía um couro de lontra chamado *krin-pakyúe* que era o dono do segredo do mundo superior. Quando *Tarú* queria colher sapucaias, levava o couro de lontra e o pendurava. Seu genro quis ir colher sapucaias também, e pediu que o deixassem levar o couro. *Tarú*, com relutância, consentiu, mas lhe recomendou que limpasse bem o mato em torno do lugar em que o fosse pendurar. Ngan-nhin foi a um pé de sapucaia e pendurou o couro, mas só limpou ligeiramente a mata ao redor. Subiu na árvore e começou a derubar as frutas, que caíram, *pā-pā*, no solo da mata. Então o couro de lontra começou a se mover e a esbravejar ao redor do tronco em que estava pendurado, e a bater contra as árvores, trovejando e estalando. Uma grande tempestade se levantou e, do chão, ao pé da árvore, rebentou a água. Esta subia rapidamente, mas Ngan-nhin não se importava. Continuou a jogar sapucaias para baixo e estas caíam, *tū-tū*, dentro d'água. De repente, ele viu que a água já estava prestes a chegar ao lugar em que estava sentado. Então começou a chorar e a gritar. A enchente suspendeu-o, junto com o couro da lontra, ao céu. Afinal, os *Marét* compadeceram-se dele e o deixaram entrar no céu. Lá está o couro de lontra até hoje. Quando se move no céu, ouve-se o trovão e a água do céu transbordar e, então, chove na terra.

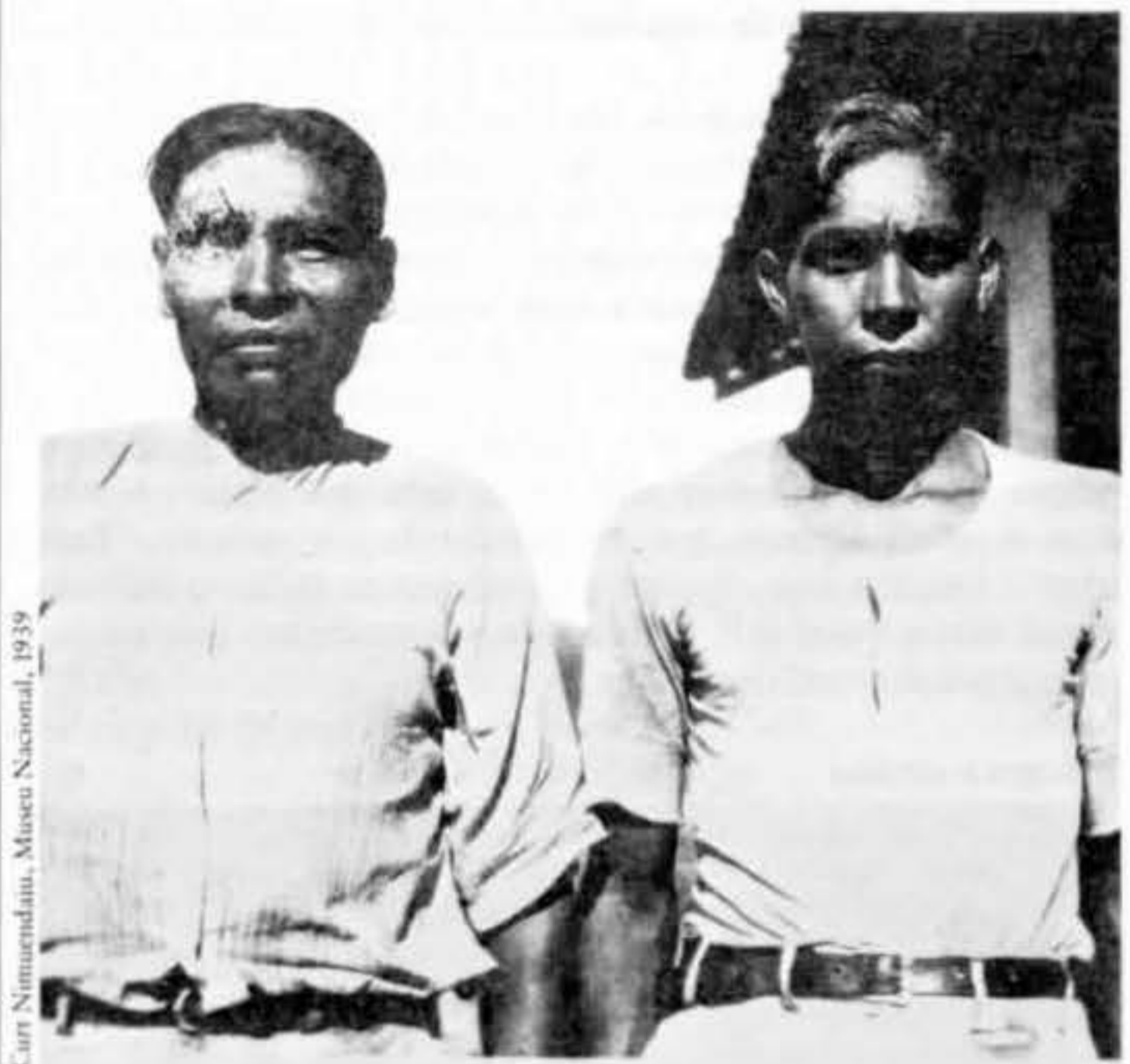
Antes disto não havia trovoada. O céu era tão perto da terra que, desta, se podia passar a ele sem susto; mas separaram-se.

A água

Acobra grande *Nyukuádn* é a dona da água. Causa as enchentes e dá à chuva o sinal para cair pelo arco-íris (*nyukuán-imbyégn* – urina de *Nyukuán*).

A princípio o único ser que possuía água na Terra era o beija-flor (*holokeyún*); todos os outros só bebiam mel. O beija-flor banhava-se todos os dias. Os outros também queriam ter água e encarregaram o mutum de seguir o beija-flor quando este fosse ao banho. O beija-flor, porém, era tão rápido que aquele logo o perdeu de vista.

De uma feita, todos estavam reunidos e fazendo fogo. Por último, chegou a irara, que se demorou porque estava tirando mel. Pediu com voz baixa: “Dá-me água!” “Aqui não há



Carr Nimmendajú, Museu Nacional, 1939

Hanát e Bogmám, informantes Botocudo, fotografados em 1939 na aldeia Nakpie, na margem esquerda do rio Doce, Minas Gerais.

água!”, responderam-lhe. A irara ofereceu mel ao beija-flor em troca de água, mas este não aceitou a proposta. Enquanto todos ainda estavam rodeando o fogo, o beija-flor disse: “Vou banhar-me!” e partiu. A irara seguiu-lhe no encalço e chegou quase ao mesmo tempo que o beija-flor à água, que se achava na concavidade de um rochedo. O beija-flor saltou n'água, e a irara, imediatamente atrás dele, espalhou a água em todas as direções, formando, assim, os rios e os córregos.

A aquisição do fogo

A princípio, só o urubu *Ambéa* possuía fogo. O mutum *Pondyi* deitou-se no meio do caminho e fingiu-se morto. As moscas varejeiras fizeram sua desova sobre ele que, depois, ficou cheio de vermes. O urubu desceu, trazendo fogo para assar o mutum. Este dizia baixinho aos vermes: “Não entreis em meus ouvidos, nem no meu nariz!” O filhote do urubu estava pousado junto e, vendo como o mutum movia os olhos, gritou: “Pai, ele não está morto! Está movendo os olhos!” “Não”, respondeu o velho urubu, “ele está morto. Não o vês cheio de vermes? Espera um pouco, vamos comê-lo já!” Então o mutum agarrou o tição de fogo do urubu, fugindo com ele. O urubu perseguiu-o. O mutum chegou onde estava o maguari* e pediu que este escondesse o fogo. O maguari atendeu-o, escondendo-o no seu *ayó*, sobre o qual sua mulher sentou-se, cumprindo o que lhe determinara o companheiro. O urubu procurou por toda parte e, como não achasse o fogo, retirou-se por fim. Então o maguari tirou-o e o espalhou para todos os lados, de maneira que hoje existe fogo em toda parte. Quando o urubu viu isto, renunciou de uma vez à posse do fogo, comendo desde então sua comida crua.

(*) Ave de rio, ciconiforme (*Ardea cocoi* L.). (N. do R.)

Contos de animais e de caçadores: 1. Arara e morcego

A arara deu uma festa. No momento da festa, o morcego começou uma briga com o mutum, que era o cunhado da arara, mas não levou vantagem; apanhou. A arara disse: "Por que quer brigar com meu cunhado? Há de pagar-me isso!" Houve danças. Finda a festa, quando o morcego ia voltando para casa, a arara atravessou no seu caminho. Lutou com o morcego e o quebrou pelo meio, deixando-o morto no caminho. Cortou-lhe o nariz, pelo qual poderia ser reconhecido e o pintou como um mutum. Os outros morcegos vieram e, vendo-o morto, julgaram que se tratasse de um mutum. "Está bom", disseram eles, "nosso parente matou enfim o mutum. Agora vamos comê-lo!" Fizeram fogo, assaram seu próprio parente e o comeram.

2. Arara e urubus

A arara foi com sua companheira ao mato para colher sapucaias. Tiveram de procurar muito até que acharam um pé com frutas; mas, quando quiseram colhê-las, chegaram os urubus que tomaram posse da árvore e enxotaram as araras. A arara disse: "Esperai! Eu me vingarei!" E logo caíram os cabelos compridos que os urubus naquele tempo ainda tinham, e eles se tornaram calvos.

3. A origem da hostilidade entre os animais

A ntigamente, os animais eram como gente, e não havia hostilidade entre eles. Um pajé chegou e deu de comer a todos. Então veio à irara a idéia de fazer com que ficassem inimigos entre si. Ela ensinou a cobra a morder, de maneira a matar ou a mutilar suas vítimas; ensinou o mosquito a sugar sangue. Todos se transformaram em animais, inclusive a própria irara, para que não pudessem ser reconhecidos. Quando o pajé chegou, repreendeu-os, mas já não havia mais remédio. Então o pajé também se transformou em pica-pau, e o seu machado no bico desta ave.

4. Os homens-guaribas

E ntre os macacos há alguns que são *yikégn* e que têm dupla vida, sendo ora animais, ora gente; ou, mais precisamente, têm natureza de gente mas se apresentam aos verdadeiros homens sob a forma de animais.

Dois homens foram caçar. Ouviram os guinchos dos guaribas e foram caminhando na direção de onde pareciam vir o som. Avistaram um grande guariba que saltava de um lado para outro num galho. Ambos atiraram um grande número de flechas no animal, mas nenhuma o atingiu. De repente o guariba, na árvore, tomou forma humana. Tinha um arco e um feixe de flechas nas mãos e, quando os caçadores tornaram a atirar, ele respondeu ao ataque. Uma de suas flechas feriu um dos caçadores no ombro. Então o outro disse consigo: "Agora já feriu o meu companheiro! Tenho de matá-lo sem falta!" Fazendo pontaria cuidadosamente, acertou desta vez o homem-guariba, que caiu da árvore. Tendo-o prostrado por terra, acabou de matá-lo e deixou seu cadáver no chão, porque tinha de cuidar sem demora do transporte do companheiro ferido para casa, a fim de submetê-lo a tratamento. Quando o ferido já es-

tava melhor, o caçador resolveu tornar ao mato para ver se o cadáver do homem-guariba ainda lá estava; nada mais, porém, encontrou. No lugar em que ficara havia, entretanto, alguns vasos de barro com restos de comida. (Os guaribas comuns comem frutas, mas os que são *yikégn* alimentam-se como se fossem gente.)

5. O macaco vingativo

U m índio de nome Yatún foi caçar na mata e encontrou um bando de macacos. Escolheu o maior e lhe atirou uma flecha. O macaco, porém, apanhou-a com as mãos, virou-a e a atirou para trás, ferindo Yatún gravemente. Este deixou cair as armas e se arrastou para casa, onde veio a morrer pouco depois.

6. Katnáp morto pela onça

K atnáp tinha colhido *antóm* (larvas de coléopteros), e, querendo comê-las, pediu a um seu parente que lhe desse algumas bananas para comer com os *antóm*; mas o parente negou-lhe as frutas. Então Katnáp pegou arco e flecha e foi pessoalmente buscar as frutas que pedira, enchendo com elas o seu *ayó*. Com a carga às costas, pôs-se a caminho, em direção à sua casa. Durante o trajeto, encontrou um galho fino, com três ramos partindo simetricamente de um só ponto. Cortou-o, pensando fazer com ele uma ponta para a sua flecha de matar pássaros (*monhēyák*). Nessa ocasião, uma onça que estava de emboscada à margem do caminho, saltou sobre ele. Katnáp jogou logo o *ayó* para o lado e atirou uma flecha na onça. Apesar de ferido, o animal não se importou e saltou novamente sobre o homem. Este se desviou mais uma vez dela e lhe atirou, uma por uma, suas flechas, deixando-a crivada delas. Quando gastou a última flecha, a onça lhe pulou à altura da nuca e o matou.

Como Katnáp não voltasse até a manhã seguinte, seus parentes mandaram um homem de nome Hon procurá-lo. Este achou o lugar da luta, o *ayó* e os restos do cadáver. Quando voltou e contou o que se tinha dado, todos se reuniram e levaram cachorros para matar a onça. Os cachorros encontraram o rastro da fera, seguiram-na e a acuraram. Atiraram-se sobre a fera, numa luta terrível, ao fim da qual a deixaram exausta. Então o mais forte dos homens saltou sobre ela e a cingiu com os braços. Todos os outros acudiram, subjugando a onça e a amarrando viva. Depois, fazendo uma grande fogueira, queimaram-na, ainda viva.

Um parente de Katnáp deu uma surra naquele que tinha negado as bananas a Katnáp e lhe tomou a mulher.

7. Como Berén matou a onça

B erén foi caçar no mato. Tinha as flechas pintadas com urucu para torná-las mais eficientes. Chegou a um lugar onde a anta estivera comendo na véspera. Enquanto estava examinando os rastros, apareceu uma onça e saltou sobre ele. Berén se desviou por diversas vezes dos saltos da fera. Atirou duas vezes, conseguindo feri-la. Depois trepou numa árvore. O animal correu durante algum tempo sem sossego, debaixo da árvore, de um lado para o outro, e finalmente se retirou. Depois de algum tempo, Berén desceu e seguiu o rastro de san-

gue da onça. Logo adiante, viu-a deitada no chão. Trepou novamente numa árvore e esperou até quando viu moscas ao redor do corpo do bicho; desse modo podia ter certeza de sua morte. Desceu e chamou sua gente; tiraram então o couro da onça e lhe comeram a carne.

8. Outra história de onça

Um homem foi ao mato colher frutas de caraguatá e chegou numa clareira onde só havia um pé de jaracatiá*, cheio de espinhos. Nesse momento uma onça tomou-lhe a frente e o atacou. O homem se desviava, mas o animal continuava saltando sobre ele, a rosar. Gritou o quanto pôde. Procurou uma árvore para, subindo por ela, livrar-se do perigo de ser abatido pela fera; mas por ali só havia aquele jaracatiázeiro. Não tendo outro recurso de que pudesse lançar mão, subiu naquela árvore apesar de seus agudos espinhos. A onça deitou-se debaixo da árvore e ficou esperando. O homem atirava-lhe galhos mas não a alcançava, e ela continuava no mesmo lugar. Finalmente um outro caçador respondeu, de longe, aos gritos do aflito. Então a onça se levantou e foi no rumo da outra voz. O homem desceu e se recolheu a sua casa.

9. Mais uma história de onça

Pogné foi ao mato para esperar a caça que vinha comer, debaixo de uma pitangueira, as frutas caídas. Ali mesmo uma onça o assaltou. Ele se desviou, por diversas vezes, dos saltos dela e tanto fez que conseguiu salvar-se nos galhos de uma árvore. Esta, porém, estava seca e, com o peso de Pogné, quebrou-se junto à raiz. Pogné gritou, quando caiu com a árvore no chão, tanto que a onça ficou com medo e correu, permitindo que Pogné voltasse são e salvo a sua casa.



Masăkarí

Desde a primeira metade do século XVIII, habitou a tribo dos Masăkarí em diversos pontos dos atuais estados de Minas e Bahia, entre os rios Jequitinhonha e São Mateus. Atualmente ainda subsiste um resto de umas 120 cabeças nas nascentes do rio Itanhaém, em território mineiro, junto à fronteira da Bahia. A língua Maşakarí forma com quatro outras línguas extintas da mesma região uma família própria. A tribo foi visitada por mim em 1939.**

(*) Uma caricácea (*Jaracatia dodecaphylla*). (N. do R.)

(**) Os Maşakarí são hoje uma população de 520 pessoas, que habitam duas aldeias no município de Bertópolis, MG, na fronteira com o sul da Bahia. (N. do R.)

Sol e Lua

O Sol, *Manyuán*, é masculino, a Lua, *Manyuan-hēy*, feminina (*hēy* – mulher). As manchas da Lua são queimaduras que recebeu quando pediu fogo ao pica-pau. Este tinha o fogo no seu topete de penas vermelhas. Mandou-a limpar bem o chão debaixo da árvore em que estava sentado, mas a Lua não cumpriu bem a ordem, limpou-o mal, e, quando o pica-pau atirou as penas de fogo para baixo, a vegetação se incendiou e a Lua ficou desfigurada pelo fogo.

Numa outra lenda, transforma-se primeiro o Sol, depois a Lua, em capivara, para roubarem as flechas de certos demônios. O Sol cobriu as costas com uma grossa casca de madeira na qual as flechas que os demônios lhe atiravam ficavam fincadas sem lhe fazer mal. A Lua, não tomando essa precaução, foi morta pelas flechas.²⁴



Curt Nimuendaju, Museu Nacional, 1939

Homem Masăkarí, fotografado em 1939 por Nimuendaju quando visitou a aldeia nas nascentes do rio Itanhaém em Minas Gerais limites com Bahia.



Homem Masăkarí nas nascentes do Rio Itanhaém, Minas Gerais.



Kamakã

No século XVIII, habitavam os Kamakã pequenas aldeias, no curso médio do rio Pardo e entre este e o rio das Contas. Sua última aldeia, em fins do século passado, situava-se em Catolé, num afluyente da margem esquerda do rio Pardo, a 33 quilômetros em linha reta a leste de Itambé. Em 1938, restava de toda tribo uma única índia velha, de sangue puro, conhecedora da língua e de algumas tradições: Jacinta Grayirá. Dela recebi o material que registro a seguir, coletado no Posto Paraguaçu do Serviço de Proteção aos Índios, no sul da Bahia. — A língua kamakã, apesar de algumas semelhanças com a família gê, forma com as extintas kotošó, manyã e “massacará” (?) uma família à parte.

Sol e Lua: 1. Os preás e os caratingas

Em tempos muito antigos, Sol e Lua viviam juntos na Terra. Sol trouxe da caçada um *ayó* cheio de preás e caratingas. “Meu irmão”, disse ela a Lua, péla esses preás!” Tendo Lua pelado três dos animais, disse, repentinamente, ao Sol: “Não é, meu irmão? Depois de pelados esses preás, todos vão fugir!” Mal havia dito isto, os três preás já pelados fugiram. Sol, que já tinha pelado os seus preás, meteu-os outra vez no *ayó* apertando a boca deste quando os animais quiseram fugir. Bateu o *ayó* com os preás no chão e matou-os novamente. “Tu és um conversador!”, disse ele a Lua. “Agora os teus preás fugiram. Tu não tens fome, não?”

Deu-lhe um preá e alguns caratingas. Naquele tempo, estes tinham o mesmo gosto bom dos carás cultivados. Quando Lua estava comendo os caratingas, disse: “Meu irmão, estes caratingas são muito amargos!” Desde então tornaram-se amargos como são ainda hoje.

2. A enchente

Acabada a refeição, Sol foi ao riacho beber água. Na aguada viu um enorme quelônio deitado. Sol parou a certa distância e se dirigiu ao animal: “Avô, queiras afastar-te um pouco para o lado, para que eu possa beber água!” Então o quelônio se afastou e Sol bebeu à vontade. Depois apanhou uma folha de patioba, amarrou suas pontas e a levou, cheia d’água, para Lua. Este, porém, disse que a água es-

tava suja e que ia beber na aguada. “Na aguada está deitado meu avô”, avisou Sol, “peça-lhe primeiro que se afaste.” Lua chegou à aguada e, vendo o quelônio, gritou-lhe: “Sai daí! Estás fedendo e sujando a água!” Mas o quelônio não se mexeu, nem quando ele gritou pela segunda vez. Então Lua, apanhando uma pedra, atirou-a no animal. A pedra fez-lhe um buraco no meio da carapaça dorsal. Imediatamente começou a descer uma chuva tão violenta que tudo ao redor ficou inundado. Lua fugiu, mas a água arrastou-o, morrendo, então, afogado. Acabada a chuva e escoada a água, Sol procurou seu irmão por toda parte, encontrando-o morto e meio coberto de areia. Então recitou uma fórmula mágica e fez Lua ressuscitar.

3. O enfeite do pica-pau

Depois ambos foram para longe. Sol mandou que Lua fosse buscar lenha e fizesse fogo, enquanto ele próprio ia caçar. Encontrou com os pica-paus que tinham um enfeite vermelho na cabeça, feito de fios que ardiam como fogo. “Avô”, disse Sol, “dá-me um novelo dos teus fios! Necessito dele para amarrar minhas flechas!” “Sim”, disse o pica-pau, “mas trazes primeiro lama, meu neto! Muita lama, bastante, para que possas apagar o fogo com ela, senão serás queimado!” Então Sol trouxe, do riacho, um monte grande de lama. Os pica-paus deitaram dois novelos para baixo e o Sol jogou lama no fogo até apagá-lo. Sol foi para casa e lá deu um dos novelos a Lua. Lua, porém, não ficou satisfeito com o presente e disse que ia, em pessoa, buscar mais fios. Por mais que Sol procurasse dissuadi-lo, procurou os pica-paus, os quais também lhe ordenaram que trouxesse, antes de tudo, um monte de lama. Lua, porém, teve preguiça e só trouxe um pouco. Quando, então, o pica-pau atirou o novelo ardente, Lua procurou em vão apagar o fogo com a pouca lama que trouxera, e o fogo o queimou. Assim o achou Sol quando, depois de algum tempo, foi à sua procura. Ele o ressuscitou por meio de uma fórmula mágica; mas, desde então, Lua tem o rosto queimado.

4. O roubo das flechas

Sol e Lua não tinham mais flechas. Então Sol foi à aguada de uma aldeia. Pôs três pedaços de casca de pau, um por cima do outro, nas próprias costas, e transformou-se em capivara. Depois esperou até que veio uma mulher buscar água. Esta, ao avistar o animal, gritou: “Gente! Uma capivara! Vinde matá-la!” Logo, todos acorreram ao local com suas armas, atirando flechas no animal, mas estas não varavam as três cascas do seu dorso, que eram de pau-d’arco. A capivara saltou n’água, mergulhou e emergiu novamente, e todos atiraram-lhe flechas, cobrindo-lhe completamente o corpo. Então ela mergulhou e, nadando, levou as flechas. Longe da aldeia, Sol tomou outra vez a sua forma primitiva, de homem. Puxando as flechas da casca de pau, fez com elas dois grossos feixes, um para si mesmo e outro para Lua, aconselhando a este que se desse por satisfeito com o presente. Lua, porém, teimou em querer, ele mesmo, ganhar flechas também. Foi à aguada da aldeia e, se bem que Sol o tivesse avisado que pusesse pelo menos três pedaços de casca de pau nas costas, achou que um só era suficiente. Depois, transformado em capivara, ficou sentado. Os homens chegaram com suas armas e as flechas, varando a casca de pau, mataram Lua. Abriram-no e esquarteraram-no,

moqueando-lhe os pedaços. Sol fez conjeturas de toda espécie, formando planos para salvar o irmão. Por fim, transformou-se em um beija-flor e, chilreando ao redor do moquém, agarrou um pedacinho do tamanho de um dedo e voou com ele. Com isso, ressuscitou o irmão; repreendeu-o bastante por causa de seu mau comportamento, ameaçando abandoná-lo, caso não se corrigisse.

5. Lua na caverna

Depois os dois foram caminhando juntos. Estava chovendo fortemente e sem interrupção. Acharam uma caverna num rochedo e nela se abrigaram do temporal. Então Lua, o falador, disse: "Meu irmão, parece-me que esta caverna vai se fechar!" Mal havia falado, as pedras se uniram diante da entrada, ficando os dois presos. Sol, porém, transformado em mucuim*, conseguiu escapar por uma fenda, mas Lua ficou preso na caverna.

Eclipses e incêndio mundial

Num dia, há muito tempo, o Sol morreu. Ele ficou escuro e havia trevas na Terra. Todos os animais se reuniram para exterminar os homens: veados, guaribas, cobras e antas. Os piores eram os queixadas. Só a onça teve pena dos homens e matou os queixadas. Depois caiu fogo do céu e as matas queimaram. Os homens que se refugiaram do incêndio correndo para água também morreram, porque a água secou.

Um homem tinha previsto o cataclisma. Fez uma cova funda na terra e nela se abrigou com sua família, levando água consigo. Cobriu a boca da cova e esperou que o incêndio passasse. Era um pajé e, com suas fórmulas mágicas, conseguiu finalmente ressuscitar o Sol.

No eclipse lunar um jaguar está atacando a Lua, querendo matá-la. Então todos, homens e mulheres, pondo algodão, gritam: "O jaguar quer matar nosso avô! Ó jaguar, solta nosso avô!" etc. Gritava-se até que o jaguar abandonava a presa. Ainda durante o eclipse lunar de 1937, Jacinta e sua companheira Rosalina (falecida nesse mesmo ano) assim procederam. Um filho de criação de Jacinta, criticando as duas e rindo-se, tratou de acalmá-las, mas Jacinta, indignada, gritou-lhe que era um tolo, que não entendia desses assuntos.

A moça-estrela

Um índio estava dormindo em sua rede quando, à noite, duas estrelas desceram em forma de mulher, uma nova e outra bem mais velha, as quais se chegaram a ele. Segurando os punhos da rede, elas a sacudiram. O homem acordou e deteve a mais velha, prendendo-a por um dos braços, enquanto a mais nova escapava, subindo novamente para o céu. Ele pediu à moça-estrela que ficasse em sua companhia. Casou com ela e tiveram um filho.

Quando o menino já contava uns sete anos, ela sentiu saudade dos seus parentes do céu e pediu ao marido que a acompanhasse numa visita a eles. O homem não quis atender a mulher e lhe disse que, se quisesse, fosse só, mas que deixasse o filho aqui na Terra. Ela, porém, não queria abandonar o marido e in-

sistiu para que se resolvesse a ir junto. Foi ao mato e lá procurou um coqueiro muito alto; depois chamou o filho e o marido. Tomando uma pedra, bateu com ela no espique da palmeira, e esta ficou muito baixinha (cerca de um metro). Pediu que seu marido se sentasse no olho da palmeira; tanto pediu que ele, por fim, atendeu-a, se bem que esse negócio lhe parecesse duvidoso e que ele tivesse pressentimento de um desastre. Ela guardou as armas do companheiro e lhe ordenou que fechasse os olhos, pois ia mandá-lo ao céu, seguindo-o com o filho sem demora. Bateu outra vez com a pedra no caule da palmeira e este, rapidamente, cresceu sob o ruído das palmas, e depôs o homem no céu. A seguir, chegou lá a mulher, acompanhada do filho, conduzindo as armas que tomara do companheiro antes da viagem. Arrancou alguns fios do próprio cabelo e com eles fez cócegas nas narinas do homem que estava sem sentidos, fazendo-o espirrar e voltar a si.

Ele estava desconsolado e se lamentava: "Agora perdi para sempre minha terra e meus parentes!" A mulher procurava consolá-lo, dizendo que no céu também se podia viver muito bem, pois havia muita caça, e ela possuía muitos parentes, toda uma aldeia cheia. Disse-lhe mais, que iria ao mato levantar a caça e tangê-la para seu lado; aconselhou-o que esperasse com o menino ali no caminho, e matasse os animais quando por lá passassem. Ela foi e, pouco tempo depois, ele ouviu sua voz alta, a distância. Logo uma multidão de borboletas de todas as qualidades passou voando pelo caminho, mas nenhuma caça. Por fim, a mulher voltou e perguntou-lhe o que havia matado. "Nada", respondeu, "aqui só passaram borboletas, mas nenhuma caça." — "As borboletas são caça", explicou a mulher, "atira sobre elas!" Depois de assim falar, internou-se de novo na mata, numa outra direção, e, assim que gritou de longe, veio outra vez uma enorme quantidade de borboletas, voando sobre o caminho. O homem atirou uma flecha entre elas e logo um veado caiu flechado. Atirou uma segunda vez e derribou um porco; com a terceira flecha matou uma enorme anta. Quando a mulher voltou, disse-lhe: "Mataste muita caça! Minha gente costuma matar sempre um animal só." Eles tiraram as vísceras da caça e a mulher meteu o porco e o veado no seu *ayó*. Como a anta fosse pesada demais, a mulher aconselhou que o marido a deixasse no chão, até que seus irmãos pudessem vir ajudá-lo. O homem, porém, não quis deixar a presa atrás e fez alças de envira para pendurá-la às costas. A mulher suspendeu o *ayó* e, apesar do seu enorme peso, pôde carregá-lo, porque era muito robusta. O homem tomou uma pedra e bateu com ela numa das pernas da anta; sem demora o animal encolheu, ficando do tamanho de um cachorro. O homem, tomando-a às costas, seguiu a mulher. Diante da aldeia, ele cortou o galho de uma árvore que crescia ao lado do caminho, pendurando a carga nesse gancho. Tornou a bater na perna da anta, e esta ficou novamente do seu tamanho natural.

Quando chegaram à entrada da aldeia, a mulher, que ia à frente com o filho, recomendou ao marido que não levantasse os olhos de seus calcanhares, para não se perder. Assim ele fez a princípio; mas, chegando ao pátio da aldeia, levantou a vista e olhou em redor; quando, depois, procurou outra vez a mulher, esta havia desaparecido. Chegando à casa do irmão, ela procurou o marido por toda a parte, mas inutilmente. "Onde está teu pai?", perguntou ela ao filho. "Ficou lá atrás", respondeu este. "Então vai buscá-lo!" O menino foi em busca de seu pai e o conduziu a casa, onde sua mãe já o aguardava. A mu-

(*) Pequeno carrapato. (N. do R.)

lher mandou, também, um dos seus irmãos voltar atrás para lhe trazer a anta. O animal, entretanto, pesava demasiadamente e ele, sozinho, não a pôde carregar. Todos os seus outros irmãos tiveram de ajudar ao primeiro. Só assim a anta pôde ser conduzida.

A mulher tinha no céu vários amantes, que se irritaram com a chegada de seu marido, e que, em conversa, afirmaram sua vontade de matá-lo. O homem, sabendo disso, ficou com muito medo. Além disto, ele tinha muita saudade de sua mãe, que chorara muito vendo-o partir da Terra. A mulher, mais uma vez, procurou consolá-lo; seus irmãos, certamente, não consentiriam que o matassem... Mas o homem continuava desolado.

Quando, um dia, estava sentado a chorar, completamente entregue à própria dor, chegou um urubu e lhe perguntou por que estava tão triste. O homem contou-lhe que pretendiam assassiná-lo e, por essa razão, queria retornar à sua terra. Então o urubu o consolou: ele, urubu e seus próprios parentes haveriam de restituí-lo; combinou que, no dia seguinte, ao clarear da manhã, estivesse naquele mesmo lugar. A esperança de se ver outra vez na sua terra alegrou extraordinariamente o homem, de tal modo que prometeu oferecer um banquete aos urubus, no caso de cumprirem o prometido.

No outro dia chegou cedo ao lugar marcado. Ali todo o chão estava preto por causa da multidão de urubus que já o esperava; havia entre eles também muitos urubus-reis. Formaram um círculo em torno dele e entrancaram suas asas, fazendo o homem deitar-se sobre elas, com os olhos fechados. Depois o levantaram cuidadosamente e desceram com ele, em espirais, para a Terra. Ele havia perdido os sentidos quando chegou, mas os urubus fizeram-no recobrar os sentidos. Depois cada um dos urubus-reis arrancou uma pena da própria asa, dando-a de presente ao homem para a emplumação de suas flechas. Feito isto, os urubus voltaram.

No dia seguinte, o homem foi caçar e matou uma anta. Limpou um lugar na mata onde depôs a caça, e, quando esta apodreceu, os urubus se reuniram e fizeram a sua festa.

A mulher e o menino ficaram para sempre no céu.

O Trovão

Um menino, de uns cinco anos, estava brincando no terreiro da casa de seus pais quando o vento chegou e o carregou para a casa de pedra do Trovão, no céu. O pai do menino, que era pajé, procurou-o, em vão, por toda parte. Como não o encontrasse na Terra, subiu ao céu e lá também chegou à casa do Trovão. Esta se encontrava num terreiro grande, no qual uma multidão de animais selvagens se achava, pacificamente, de pé ou deitada: antas, onças, jabutis, grandes cobras venenosas e muitos outros. Eram os xerimbabos do Trovão que, quando tinha fome, matava e comia um deles. Ele é rico e tem sempre muita comida em casa.

O homem teve muito medo dos animais, e não se atreveu a chegar perto; depois verificou que todos eram mansos e não o atacavam. Passou sobre as cobras venenosas e estas ficavam deitadas e nem se mexiam. Chegou à porta da casa do Trovão, mas este não estava; sua esposa, que tinha uma barba de um palmo de comprimento, recebeu o homem. Este perguntou pelo menino, e ela respondeu que ele se achava ali, passava bem e estava engordando. Então, o homem quis levar o menino, mas a mulher lhe disse que aguardasse a chegada do Trovão. Logo depois este veio: era pequeno e gordo, e de cor preta (há po-

rém, além deste preto, também um Trovão branco). O homem lhe pediu que lhe restituísse o filho, mas o Trovão não quis atendê-lo. Então o homem objetou que não podia deixar o menino, porque era seu único filho; sua mulher estava chorando muito por causa de sua ausência. Se tivesse mais filhos, com muito gosto ceder-lhe-ia um. Então o Trovão assentiu. Não concordou, porém, em que o homem, pessoalmente, o conduzisse; prometeu-lhe que dois dias depois o mandaria. De fato, o vento o trouxe outra vez, dentro do prazo marcado, depondo-o no mesmo lugar de onde o havia arrebatado.

Kečaxkwenyóí

Kečaxkwenyóí desceu do céu para Terra e chegou, no mato, a um acampamento de índios. Seu corpo estava todo coberto de placas escuras e de úlceras. Toda a gente fugia dele para a mata, logo que ele entrava numa choça, pedindo um lugar para se aquecer junto ao fogo. Um casal finalmente recebeu-o, tratou dele e o alimentou bem, até que conseguiu vê-lo restabelecido. *Kečaxkwenyóí* agradeceu-lhes muito. "Fostes bom comigo, por isso quero também ser bom convosco. Sereis muito ricos!" Ele mandou que o homem derribasse uma grande árvore, junto à choça, mas logo que este começou a golpear o tronco, ouviu um gemido. Correu cheio de medo e contou o acontecido a *Kečaxkwenyóí*. Este lhe disse que não se incomodasse e cortasse a árvore. Quando ela caiu, junto com ela caíram também todas as outras árvores ao redor, e fez-se uma grande derribada. Então *Kečaxkwenyóí* foi ao céu buscar maniva, feijão, jerimum, inhame, etc., e mandou que o homem plantasse tudo. Depois ele tornou ao céu e nunca mais voltou à Terra.*

A origem das mulheres

Naquele tempo, só existiam duas mulheres na Terra, duas irmãs cujos pais já tinham morrido. Elas vagavam sós pela mata, e uma delas morreu. A outra ouviu uma noite no seu leito, de longe, vozes humanas. Marcou bem a direção e seguiu por ela no dia seguinte. Chegou a uma aguada onde um bando de moços estava tomando o banho matutino. Esperou até que todos fossem embora e trepou nos galhos de uma árvore à beira d'água. Um velho chegou para banhar-se também e sentou-se na margem. Avistando n'água o reflexo da moça, julgou que esta estivesse no fundo do riacho. Pulando n'água de cabeça para baixo, tratou de agarrá-la com ambas as mãos, mas quando voltou à tona viu com espanto que havia agarrado uma pedra. Entretanto, assim que a superfície da água se alisou, o reflexo voltou a aparecer. Outra vez o velho mergulhou, voltando com um pedaço de pau. Assim continuou até que estava tremendo de frio. Então a moça cuspiu da árvore para dentro d'água, e só então o velho levantou a vista e a descobriu nos galhos. Ele a chamou para baixo e juntou-se com ela, mas não achou bom levá-la para o rancho dos moços. Longe deles, escondido na mata, fez uma choça onde foi morar com ela.

(*) Provavelmente esta lenda está incompleta nos seus detalhes. Jacinta Grayirá ajuntou nesse ponto a história um pouco alterada da queda de Adão. (N. do A.)

Os moços notaram a falta do velho, e já recebiam que uma onça o tivesse devorado; mas quando um dia estavam se exercitando, na mata, em atirar flechas, uma destas voou longe pela mata adentro e, procurando-a, acharam a choça com a mulher; o velho estava ausente. Mataram a mulher e cortaram-lhe o corpo em pedacinhos. Um deles disse: "Eu quero uma esposa!" O outro: "Quero mãe!" O terceiro: "Quero esposa e filha!" Cada um deles tirou tantos pedacinhos quantas pessoas do sexo feminino queria ter. Depois fizeram em seus ranchos tantas camas de varas quanto o número de pedaços de carne, e deitaram estes nelas. Depois foram caçar, e quando tinham matado bastante caça, mandaram um na frente, ao rancho, para ver o que havia acontecido. Quando este se aproximou do rancho, ouviu rir e tagarelar e socar no pilão; era um grande barulho. Então correu para trás e chamou os outros; e todos tinham agora mães, mulheres e filhas conforme haviam desejado. Desde então existem mulheres no mundo.

O homem que queria morrer

Zabelê* tinha a forma de uma moça bonita: era baixinha e gorda. Seu primeiro amante foi o Xinquã**, que ela porém cedo abandonou para se juntar com o pássaro preto *Eruxkpi*. Mas também dele cedo se enfatiou e, abandonando-o, foi viver com o Sabiá.

Eruxkpi ficou muito triste e correu pelo mato procurando a morte. Ele encontrou uma onça sentada, correu para ela e lhe ofereceu o pescoço para que o matasse, mas a onça levantou-se e foi embora, sem se importar com ele. Depois ele viu uma surucucu enrolada, com a cabeça levantada, no caminho e lhe estendeu o pé para que ela o mordesse, mas a cobra, desenrolando-se, foi se esgueirando para o mato. Ele achou um enorme pau velho que já se inclinava para um lado. Pondo fogo no pé do tronco seco, ele se deitou no chão, de maneira que o pau o matasse na queda. Depois de algum tempo o pau caiu, mas não em cima de *Eruxkpi*, e sim para o outro lado. Então ele fez uma quantidade de pontas de taquara que plantou verticalmente no chão, ao pé de uma árvore. Subiu e se precipitou sobre as pontas, mas estas se dobraram e nada lhe aconteceu. Então ele renunciou aos seus planos de suicídio.

Ele chegou à aguada de uma casa onde moravam duas irmãs, que eram as filhas do *Košéé* e da *Keçoará*, que habitam no céu. A maior tinha marido, que também morava no céu. *Eruxkpi* deitou-se no capim ao lado da aguada e começou a gritar como uma rã: "Wáu! Wáu! Não haverá ninguém que me queira matar?" Nisto, a irmã menor vinha descendo para buscar água. Quando ouviu os gritos, ficou amedrontada, depôs o pote, correu para trás e disse a sua irmã: "Lá embaixo está uma rã que fala como gente, pedindo que a matem!" Então ambas voltaram à aguada. *Eruxkpi* ainda lá estava deitado e gritando. Então a maior disse: "Isto não é nenhuma rã, é um homem. Vem, não te mataremos, mas te levaremos para a nossa casa!" Então *Eruxkpi* subiu com elas e viveu em companhia das irmãs. Estas mandaram-no caçar, dizendo: "Caça neste caminho, para que não te percas, pois ainda não conheces este lugar. Também não caces muito perto, mas sim bem longe, além da lagoa grande!"

Um dia *Košéé* desceu do céu para ver suas filhas. Quando esses habitantes do céu vêm, eles não caminham pelo chão, mas passam alto, por cima dele, fazendo um ruído como uma tempestade. *Košéé* tinha trazido carne de anta para as suas filhas. Quando entrou na casa, ele olhou ao redor e disse logo:

"Minhas filhas, estais procedendo mal! Vós tendes um amante!" — "Não, meu pai", responderam elas, "não há ninguém conosco!" — "De onde vos vêm então todas estas penas de zabelê, mutum, jacu e capoeira?" — "Fizemos laços e mundés, e nós mesmas temos pegado essas aves." — "Não", disse o velho, "isto não é verdade, vós tendes um homem! Estais procedendo mal! Vosso marido", disse ele à maior, "virá vos matar!" Ele saiu e na sua raiva levou outra vez a carne de anta que havia trazido.

No céu ele contou a seu genro que sua mulher lhe era infiel, e que devia castigá-la. Então o marido da irmã maior desceu à Terra com todos os seus parentes. Com o ruído de uma tempestade, passaram pela casa das irmãs e enveredaram direto pelo caminho onde *Eruxkpi* costumava caçar. Este, ouvindo o barulho dos perseguidores, sujou depressa uma forquilha de pau com o sangue dos preás que ele havia matado e fugiu. Os perseguidores, chegando ao lugar e vendo o sangue, disseram: "Ele já está morto!" Voltaram à casa das irmãs, espancaram esta, despedaçaram toda a louça e cabaças e demoliram a casa. Depois voltaram ao céu.

Quando *Eruxkpi* finalmente voltou para junto das irmãs, estas pediram-lhe que se mudasse com elas para algum lugar longe, porque ali não estavam mais seguras de suas vidas. Fizeram bolos de milho para a viagem, e todos os três procuraram os parentes de *Eruxkpi* onde moraram com a mãe deste, de nome *Sakuŕkaga* (gralha).

Wadyé

Uma mulher nova dormia, na ausência do marido, em companhia de sua avó, na casa. De noite, as duas ouviram o grito do monstro *Wadyé*²⁵: "Eu venho! Eu venho!" As duas mulheres, de medo, não sabiam o que fazer. O grito soou cada vez mais perto, e finalmente *Wadyé* entrou na casa. A avó fugiu para o mato, enquanto o monstro pegou a mulher pela mão e a levou. No último momento, a avó tinha-lhe dado dois grandes novelos de fio para que ela os deixasse desenrolar atrás de si no caminho, caso *Wadyé* a levasse, de maneira que seu marido, depois, pudesse segui-la. *Wadyé* carregou a mulher pela mata adentro, gritando: "Eu a vou levando! Eu a vou levando!" Seu caminho ia em ziguezague, para lá e para cá; mas a mulher o marcou, deixando desenrolar os novelos de fio. O monstro tomou-a por mulher, e ela ficou prenhe. O seu ventre cresceu, e apareceram nele duas carreiras de tetas, como as de uma cadela.

Quando seu marido voltou e soube do que acontecera, disse: "Vou buscá-la outra vez e matar *Wadyé*!" Ele fez uma corda nova para o seu arco e um maço de flechas cuidadosamente preparadas, com boas amarrações de fios de algodão. Depois, indo pelo fio, encontrou o par na mata. A mulher mentiu ao monstro, dizendo que era seu irmão que tinha vindo visitá-la, pois receava que *Wadyé* matasse o homem se soubesse que era seu marido. O monstro, satisfeito com a explicação, chamou então o homem de *xe-ca-xké* (meu cunhado). A mulher pediu que ele fosse caçar preás para dar de comer a seu cunhado, e *Wadyé* foi.

Quando o monstro já tinha ido e o homem estava só com a sua mulher, ele gritou-lhe furioso: "Por que não fugiste para a

(*) Jaó. (N. do R.)

(**) Chincoã, tincoã; *Piaya cayana*, L. (N. do R.)

mata quando *Wadyé* veio buscar-te? Por que deixaste te levar por ele? Agora não te quero mais! Tu ficaste a mulher de um bicho! Não é dele que estás prenhe? Eu só vim para te buscar e para matar *Wadyé*, para que teus parentes não me censurem; mas, por mulher, eu não te quero mais!” Ele bateu-lhe com o punho fechado no rosto que ficou inchado e preto. Ela foi ao mato e procurou um ninho de abelhas exu. Quando *Wadyé* voltou, perguntou por que seu rosto estava inchado e escuro, e ela respondeu que tinha ido tirar mel de abelha exu, e que os insetos a tinham maltratado assim. Ela levou *Wadyé* ao mato e mostrou-lhe o ninho de exu para convencê-lo.

No dia seguinte, ela mandou outra vez que *Wadyé* fosse caçar preás, dizendo que trouxesse bastante, para que seu cunhado tivesse comida para a viagem de volta. Ela contava que *Wadyé* só havia de voltar de tarde. Logo que o monstro saiu, ela fugiu em companhia do marido. Este estava furiosíssimo e bateu com o punho fechado no seu ventre. Ela abortou uma quantidade de filhotes de *Wadyé*. Seu marido os matou, um após outro, pendurando-os nas forquilhas de pau, ao longo do caminho.

Quando *Wadyé* voltou da caçada de preá e viu que os dois haviam fugido, compreendeu que tinha sido enganado: “Então ele não é seu irmão mas seu marido; vou matá-lo!” Assim gritando, ele seguiu o rastro do casal e ia se aproximando dele aos poucos. Quando o homem percebeu isto, mandou a mulher seguir só, na frente, enquanto ele se pôs de emboscada ao lado do caminho. Quando *Wadyé* chegou, ele o flechou no coração. Ele caiu, e o homem cravou-lhe ainda mais três outras flechas no corpo. Depois de alcançar a mulher e entregá-la a seus parentes, o homem casou-se com uma outra.

A mulher que ressuscitou como onça

Morreu a jovem mulher de um índio. Ele a sepultou e fez um cercado ao redor da sepultura. Na manhã seguinte, a mulher saiu da cova e sentou-se no túmulo. Ela se havia transformado em onça e tinha dentes como uma fera. O homem foi à sepultura para chorar. Quando o viu chegar, ela cobriu a boca com a mão para que ele não visse os dentes de onça. O homem, vendo-a sentada na sepultura, ficou muito contente: “Oh, minha mulher, disse ele, pensei que tivesses morrido, mas agora estou vendo que estás viva! Como eu chorei por tua causa!” Ela, porém, nada respondia, cobrindo sempre a boca com a mão. Então o homem deitou a cabeça no colo da mulher, e ela começou a catá-lo. Dobrando a cabeça do índio para baixo, ela quebrou-lhe a nuca com uma dentada. Depois começou a devorá-lo.

O irmão da índia, vendo que seu cunhado demorava muito, foi à sepultura para ver o que ele estava fazendo. Então avistou a irmã, que estava devorando o corpo do marido, estalando os ossos. Ela havia passado o sangue sobre seus cabelos compridos, e o seu rosto estava todo ensanguentado.

Os outros parentes, sabendo que a finada se havia transformado em onça, ficaram horrorizados, com receio de que ela, pouco a pouco, fosse devorar todos; queriam matá-la, mas o irmão não o permitiu: “Não deveis matar minha irmã! Vou levá-la para o sertão, de maneira que ela não possa mais prejudicar ninguém. Ela me conhece e não me ofenderá!”

Ele foi com a irmã e quando esta o reconheceu deixou-se amarrar, de pés e mãos, sem resistência. Depois ele chamou seu irmão menor, e ambos carregaram-na para o sertão. Cada noite

eles faziam um cercado forte onde deitavam-na para dormir. Eles matavam aves e outras caças para lhe dar de comer; contudo, ela não ficava satisfeita, uivando e rosnando, e querendo comer também os irmãos. Por isso um deles sempre ficava acordado, enquanto o outro dormia. Chegando a um rio largo, passaram a onça para a outra margem e a soltaram. Depois voltaram para casa.

A festa das almas de defuntos

Jacinta Grayirá: “Nos tempos de meu avô Victor, assim me contava minha tia Mariquinha, fizeram os Kamakã do Catolé Grande, uma vez, uma casa grande e redonda, para que as almas dos defuntos pudessem vir à Terra para uma festa de bebida. Os homens velhos podem ver as almas dos defuntos; aos moços, às mulheres e às crianças isto é proibido.

Pronta a casa, fez-se muito *kašk* (bebida alcoólica de mandioca). Depois de anoitecer, as almas dos defuntos desceram do céu, assobiando. Ouviu-se um rumor como de vento. Elas entraram na casa, e os velhos levaram-lhes cuias cheias de *kašk*. Elas dançaram e beberam durante três noites. O seu aspecto era exatamente o mesmo como na ocasião em que foram sepultados: assim, a alma de um certo homem que havia sido enterrado sem lhe lavar a cara, veio com o rosto sujo. Um dos vivos reconheceu, numa das almas, seu filho que tinha morrido de maus-tratos, e cuja mãe ele havia abandonado. “Tu vieste, meu filho?”, disse ele e quis abraçar sua alma; esta porém se esquivou, colocando-se do outro lado da sala. Ele correu atrás da alma, mas ela não quis saber dele, fugindo-lhe sempre.

Um outro homem reconheceu a alma de sua finada mulher. Ela era gorda e tinha o filho no braço. O homem, vendo-a assim dançar no meio dos outros, ficou com ciúmes; puxando de uma faca, deu-lhe uma facada na coxa. Imediatamente, as almas de defuntos desapareceram com um ruído semelhante ao tropel de cavalos. Os outros velhos censuraram muito o malfeitor.

Na manhã seguinte, duas mulheres moças da aldeia disseram uma à outra: “Vamos olhar a casa das almas dos defuntos!” Elas entraram; mas, sem que alguém o soubesse, haviam ficado nela duas almas de defuntos velhos. Quando assim, inopinadamente, esbarraram com as almas, as duas mulheres cheias de terror precipitaram-se pela porta afóra, correndo como loucas, caindo e rolando pelo chão para se levantar novamente, até que caíram, completamente exaustas. Ambas tiveram filhos vespós.

O Sagüi

OSagüi, em forma humana, casou com uma índia moça e bonita. Ele se escondia porém dos outros índios, e só visitava sua mulher na escuridão da noite. Então as outras mulheres se combinaram, e uma noite, estando ele e a mulher, elas acenderam a luz para vê-lo. Quando o avistaram, começaram a rir dele: “He-he-he! Ela casou com um sagüi! Como ele é feio! Como tem os dentes salientes!” Isto irritou muito o Sagüi, e antes de repontar o dia, ele deixou a casa.

Fez o caminho que findava no meio de uma espessa mata de samambaia, que estava bem seca. Depois convidou todos os homens e meninos para acompanhá-lo, pois queria levá-los à

casa de um português (neobrasileiro) muito rico que havia de lhes dar muitos presentes. Ele mesmo ia na frente, mas depois de entrar na mata de samambaia, ele se escondeu de um lado e deixou os outros passarem. Atrás deles, pôs fogo na samambaia seca, e, imediatamente, toda a mata estava em chamas, que devoraram os homens e meninos, até o último.

Sagüi cortou dos cadáveres alguns membros, meteu-os no seu *ayó* e levou-os às mulheres, dizendo que eram dos macacos miriqui que os homens tinham matado. Uma delas reconheceu, porém, na pele do sovaco de um dos braços que estava menos queimado, uma pinta de nascença que seu marido tinha nesse lugar. O embuste foi descoberto, e as mulheres resolveram matar o Sagüi.

Uma mulher grávida chamou-o e pediu que ele fosse lhe buscar mel de exu, de uma abelheira que se achava num enorme itapicuru oco, com uma abertura embaixo. Sagüi entrou nela e subiu pelo oco acima. Imediatamente as mulheres meteram palha e esteiras velhas na abertura e deitaram fogo. "Apaga o fogo, comadre", gritou Sagüi, "a fumaça está forte demais!" "Já o tiramos!", responderam as mulheres, metendo ainda mais combustível. O Sagüi precipitou-se para dentro do fogo e morreu queimado. Sua barriga inchou e rebentou, e dela saltou uma quantidade de macaquinhos sagüis que fugiram para o mato.

O Pica-pau e as *Kanondarátsi*

As duas irmãs *Kanondarátsi* estavam casadas com o Pica-pau. Todos os dias este ia ao mato buscar mel de boa qualidade para ambas. Enquanto ele ia ao mato, as irmãs costumavam pescar no riacho.

Perto da casa do Pica-pau moravam as Andorinhas. Estas, ouvindo-o trabalhar na mata, disseram: "É o Pica-pau que está tirando mel de abelhas! Vamos com ele para nos dar do seu mel!" Elas foram todas e rodearam o Pica-pau. Este lhes deu mel e disse: "Podeis comer este mel, vou tirar outro para mim!"

Entretanto, a *Kanondarátsi* menor estava pescando no riacho. Ouvindo as vozes das Andorinhas, aproximou-se às escondidas e viu como o Pica-pau dava mel às Andorinhas que o cercavam. Sem dizer uma palavra, ela voltou para casa e disse a sua irmã: "O Pica-pau não presta! Ele deu todo o mel às Andorinhas; eu mesmo o vi, e a nós ele só traz samborá amargo! Eu não fico mais com ele!" A irmã maior procurou acalmá-la: o Pica-pau era um rapaz tão bom, que já lhes tinha trazido tanto mel bom! Mas a menor não se deixou convencer, de maneira que a maior, enfim, também concordou. Elas arrumaram a bagagem e foram embora, sem se despedir da mãe do Pica-pau.

Quando à tarde o Pica-pau chegou em casa com o mel, perguntou a sua mãe pelas duas mulheres, mas esta respondeu que não sabia onde elas estavam. Elas tinham arrumado a bagagem e saído sem dizer coisa alguma. Então o Pica-pau foi no seu rastro. Andou e andou sempre, apesar de já estar muito cansado. Finalmente, conseguiu alcançar as irmãs no lugar onde iam passar a noite. Ele pediu que voltassem, e elas fingiram que assentiam. Então o Pica-pau, cansadíssimo, deitou-se para dormir, ponto a cabeça no colo de uma das irmãs e os pés no colo da outra. Mas quando ele estava dormindo profundamente, tiraram com cuidado a cabeça e os pés do Pica-pau do seu regaço, colocando-os em cima de dois pedaços de pau. Depois levantaram-se e foram embora. Chegaram a sua casa, que era

numa caverna num talhado de pedra, onde tinham também a sua roça.

Quando o Pica-pau acordou e se achou só, seguiu outra vez os rastros delas. Extenuado e faminto, chegou ao pé do talhado. Em cima, na boca da sua caverna, viu as duas *Kanondarátsi* de pé. A menor, que estava comendo uma melancia, atirou-lhe a casca roída, dizendo: "Toma isto para ti!" Sua irmã censurou-a: o Pica-pau tinha sido tão bom para elas; que lhe jogasse antes uma melancia inteira! A outra, porém, não quis ouvi-la, continuando a jogar cascas ao Pica-pau. Este ficou deitado ao pé do talhado e morreu de fome e de cansaço.

O herói Korō

Havia uma vez um índio de muita força e coragem, de nome Korō. Naqueles tempos, o Urubu, que estava casado com a Cutia, matava muita gente. No terreiro da casa ele tinha um machado de pedra fincado firmemente no chão, com o gume para cima. Quando algum homem chegava à casa dele, ele o desafiava para uma luta durante a qual o atirava com toda força de costas na lâmina do machado, de maneira que lhe quebrava o espinhaço. Então sua mulher acudia com uma bacia para recolher o sangue. O cadáver eles esquarterjavam, moqueavam e comiam. Assim, mataram muitos Kamakã.

O mosquito tinha visto tudo. Ele foi ter com Korō e lhe contou com a sua vizinha fina: "O Urubu mata os índios que chegam à casa dele! Ele os convida para uma luta e os atira sobre uma lâmina de machado de pedra que lhes corta o espinhaço! Ele os moqueia e os come!" "Está bem", disse Korō, "vou até ele! Por que ele está fazendo isto ao meu povo? Ele há de pagá-lo!"

Quando Korō chegou à casa do Urubu, este estava ausente. Sua mulher estava varrendo o terreiro. Korō reparou tudo bem: viu a lâmina do machado de pedra, apesar de a mulher ter procurado escondê-la debaixo do lixo, e viu também as manchas de sangue junto dela. Quando o Urubu chegou e os dois se tinham cumprimentado, ficaram primeiro sentados durante algum tempo sem dizer nada, depois o Urubu desafiou Korō para a luta. "Sim", respondeu este, "vamos lutar!" Eles saíram ao terreiro, e o Urubu empurrou o seu adversário para o lugar onde estava a lâmina do machado de pedra. Korō, porém, prestou bem atenção e, quando o Urubu o quis atirar em cima do gume, ele torceu o corpo e atirou o seu adversário sobre ele, quando este menos esperava. A lâmina cortou o espinhaço do Urubu, e ele morreu. Quando a Cutia viu cair os lutadores, ela correu imediatamente com a sua bacia para apanhar o sangue. Vendo, porém, que seu marido tinha sido vencido e morto, ela fugiu aos gritos. Mas Korō, apanhando o arco, flechou-a nas costas e a matou.

Naqueles tempos habitava, numa caverna da serra, uma mulher. No terreiro de sua casa havia um despenhadeiro, além do qual se avistava uma outra serra. Quando alguém chegava a sua casa, a mulher o levava à beira do abismo e dizia: "Lá, do outro lado, naquela serra estão fazendo uma festa. Vejá só como a gente está dançando!" E enquanto o visitante debalde se esforçava para ver os dançadores, ela lhe dava, inesperadamente, um empurrão nas costas, que o precipitava no abismo, onde se despedaçava nas pedras. Então ela descia para buscar os pedaços, que comia.

O Mosquito contou tudo isto a Korō que ficou furioso, indo imediatamente à casa da mulher. Esta o convidou também para apreciar, na beira do despenhadeiro, a festa na serra de frente. Ele, porém, declarou que nada via, e que ela fosse mostrar-lhe o lugar de onde se podia avistar bem os dançadores. Então a mulher se pôs bem na beira do abismo e chamou Korō para seu lado. Este foi, mas só para empurrá-la pelo despenhadeiro abaixo.

Numa casinha da mata morava o casal Centopeia. Ambos tinham cabeleiras deste tamanho (rodeando a cabeça meio metro), como mulatas. Centopeia costumava armar, ao lado do caminho dos índios, um laço, tendo uma batata grande por isca. Quem pegava nesta batata caía no laço e era suspenso ao ar com um açoite violento. Então, a Centopeia o matava de cacete para comê-lo.

Quando o Mosquito contou isto a Korō, este disse: "Desta forma ainda matarão toda nossa gente! Eu mesmo vou lá!" Ele levou um tição de fogo, pôs-se à espera, bem junto ao laço, e aguardou a vinda da Centopeia. Quando esta chegou com o cacete, Korō prontamente lhe meteu o tição na enorme cabeleira, que imediatamente pegou fogo. A Centopeia correu precipitadamente, entrando em sua casa. Quando sua mulher quis apagar os cabelos acesos, os dela também pegaram fogo. A própria casinha se incendiou, e o casal morreu queimado.

Ao lado do caminho pelo qual os índios da aldeia iam ao mato para buscar mel, morava, num grande buraco de um velho cupinzeiro, um enorme sapo. Ele esperava que algum índio passasse para a aldeia, com a sua cabaça cheia de mel, para estender o braço do buraco para fora e gritar: "Passa para cá a cabaça com o mel, senão eu te mato!" Isto ele fazia de uma maneira tão lúgubre que o interpelado sempre ficava amedrontado, entregando o mel. Em casa, depois, as crianças choravam porque não vinha mais mel para elas.

O Mosquito contou a Korō o procedimento do sapo, e que as crianças dos índios choravam, em vão, por mel. Então Korō mesmo tomou a cabaça e foi buscar mel. Quando ele voltou, o sapo outra vez estendeu o braço do buraco e gritou: "Entrega o mel, senão morrerás!" Mas em lugar de qualquer resposta, Korō deu-lhe uma cacetada no braço que quebrou o osso. Depois ele puxou o sapo do buraco para fora e acabou de matá-lo.

O irmão deste sapo era Cururu. Quando este ouviu que Korō tinha matado o sapo, disse: "Tenho de vingar a morte de meu irmão!" Ele rodeou, durante muitos dias, a casa de Korō, espreitando uma ocasião, e afinal conseguiu aplicar, inopinadamente, uma cacetada em Korō que lhe quebrou o braço, exatamente como Korō havia feito ao sapo. Korō, não podendo mais resistir ao Cururu, foi morto por este.

O Jaguar na festa dos índios

Os homens da aldeia saíram para uma caçada, enquanto as mulheres levantaram o cocho no pátio da aldeia para preparar a bebida *kašk*. Quando os homens voltaram com a caça e o mel, as mulheres misturaram o mel com *kašk* e a festa começou. Enquanto homens e mulheres estavam dançando ao redor do cocho, uma velha estava sentada à parte, ao lado de sua casa, junto ao fogo da cozinha. De repente, ela viu um jaguar que, do alto de uma casa de cupim, olhava os dançarinos. Ela gritou e avisou que tinha um jaguar, mas este se escondeu imediatamente; os dançarinos não quiseram dar crédito à velha e continuaram a dança. Uma menina, porém, ficou em pé atrás da velha, pondo-lhe, por trás, os braços ao redor

do pescoço. Eis que o jaguar apareceu novamente em cima da casa de cupim. A pequena também o viu e gritou: "Lá está o jaguar! Lá em cima da casa de cupim!" Todos então olharam e, vendo o animal, ficaram com muito medo: "Ele nos matará a todos! Vamos agradá-lo!" Eles o chamaram, convidando-o para tomar parte na festa; o jaguar desceu e sentou-se no terreiro. Ele tinha um cordão de envira ao redor do pescoço, do qual pendia um dente de jaguar. Uma mulher de muita coragem encheu uma cuia de *kašk* e a levou ao animal: "Toma e bebe, *kodá-koro* (compadre)!" e o jaguar bebeu. Depois lhe apresentaram carne moqueada, e ele comeu. "Vamos dar-lhe muito *kašk* para ele ficar embriagado!", disseram os índios, e a mulher levou-lhe outra cuia cheia. "*Kodá-koro*", disse ela depois ao jaguar, "de certo tu sabes também dançar e cantar?" "Não", disse o jaguar, "disto eu não entendo", mas a mulher tanto pediu, que ele finalmente se levantou. Ele dançou sobre as patas traseiras, batendo com as dianteiras, de cima para baixo, e cantando: "*Čaxké-ye, čaxké-ye, dahó dahó!*" A mulher dançava diante dele, mas por precaução nunca lhe virava as costas, dançando para trás com o rosto virado para ele. Então o jaguar cantou ainda uma segunda vez: "*Čaxké-ča rewimā hahá!*" (Ele cantava do seu enfeite do pescoço.) Quando ele acabou, a mulher lhe trouxe outra vez *kašk* e carne. Ele devorou toda a carne que havia na aldeia e ficou embriagado. Por fim, ele pediu à mulher uma rede e, deitando-se nela, começou imediatamente a roncar.

Os companheiros da festa combinaram o que deviam fazer: "Nossa festa está desfeita. Dançar não podemos mais. Quando ele acordar, nos matará a todos. Vamos fugir! Vamos deixar tudo! Vamos levar só as crianças!" Eles fugiram beirando o rio, até que chegaram a um salto. No poço abaixo do salto, pararam. De medo do jaguar, pularam no poço e se encantaram, e nunca mais apareceram.

Quando o jaguar acordou, seguiu-lhes o rastro e achou o lugar onde tinham entrado n'água. Durante muito tempo ele ficou com os olhos pregados no poço, mas como nada visse, foi finalmente embora.

A mulher e o casal de jaguares

Um homem foi ao mato para uma caçada de alguns dias, levando a mulher e quatro filhos. Como ameaçasse uma trovoadas, fez um bom rancho, onde passaram a noite. Quando a chuva passou e as rãs começaram a gritar no brejo vizinho, o homem disse à sua mulher: "Dá-me uma vela de cera e um *ayó*! Vou apanhar algumas rãs, para termos alguma coisa para comer!" Sua mulher teve medo de algum jaguar o assaltar na escuridão, mas ele não quis tomar conselho e foi.

Mal ele havia apanhado a primeira rã, quando um jaguar, saltando sobre ele, o matou. O animal comeu o homem, deixando apenas a cabeça e alguns ossos. Depois de saciado, pôs a cabeça da vítima no *ayó* e a rã em cima, e levou tudo ao rancho onde tinha ficado a mulher com os filhos. Ela já estava com muito medo, devido à longa demora do marido e ficou agora muito satisfeita, porque, na escuridão, julgava que o jaguar fosse seu marido que voltava. O jaguar, entregando-lhe o *ayó* perguntou-lhe onde estava a sua rede, deitou-se nela e começou a roncar. A mulher, na escuridão, meteu a mão no *ayó*, tirou a rã e encontrou depois a cabeça. Apalpando-a, ela reconheceu que era a cabeça de seu marido. Enterrou-a a toda pressa e acordou os filhos: "Um jaguar matou vosso pai e está ago-



Mulher Kamakã, desenho de Rugendas.

ra deitado na rede dele! Vamos fugir, senão ele nos mata a todos!" Ela acendeu uma vela comprida e correu com os filhos mato afora. O seu menino maior havia levado o seu arquinho e três flechas.

Quando o jaguar acordou e achou o rancho vazio, correu imediatamente atrás dos fugitivos. A mulher, ouvindo-o aproximar-se, disse: "Devemos esconder-nos!" Havia ali um tronco velho de árvore que estava oco. Nele a mulher se meteu com os filhos. O jaguar chegou, descobriu o esconderijo e deitou-se ao comprido em cima do tronco, esperando que eles saíssem. No tronco havia um número de furos feitos por larvas de coleópteros. O menino mais velho viu, por um deles, o jaguar deitado no tronco. Ele procurou um outro furo sobre o qual se achava o peito do animal, e por ele atirou uma flecha no corpo do jaguar. Este saltou e, rolando pelo chão, morreu. "Ele está morto, minha mãe, vamos sair!", disse o menino. "Não! Não! Ele só está se fingindo de morto para poder apanhar-nos!" Mas o menino saiu e atirou-lhe uma segunda flecha no corpo. O jaguar não se mexeu mais.

A mulher, com os filhos, continuou a andar e chegou à margem de um rio, justamente acima do lugar onde este formava um grande salto. Tirando do *ayó* um novelo de fio, ela torceu um cordão grosso. Uma ponta dele foi amarrada numa árvore na margem, com a outra ela atravessou o rio a nado e amarrou-a, bem esticada, na margem oposta. Depois mandou que os filhos se segurassem no cordão e por ele atravessassem o rio. Mal as crianças haviam chegado onde estava sua mãe, apareceu, na beira, a fêmea do jaguar para vingar a morte de seu marido. "Como foi que passaste o rio?", gritou ela à mulher do outro lado. "Não estás vendo o cordão?", respondeu a mulher, "nele nós nos puxamos para cá!" "Eu também quero passar", disse a onça, "como é que se deve pegar o cordão?" "Com os pés!",

mentiu a mulher. Então o jaguar fêmea pegou o cordão com as patas traseiras e começou a puxar-se para o outro lado, mas era muito difícil, e ao chegar ao meio do rio, já estava exausta. Neste momento a mulher cortou o cordão. A correnteza arrastou o animal para o salto, e ele morreu afogado. A mulher, com as crianças, escapou para a aldeia.

A onça teimosa

Um índio que era pajé estava caçando na mata e tinha matado um zabelê. De repente ele observou, no caminho, duas onças, vindas de direções opostas, que se encontraram. Ele se transformou em uma lagartixa e ficou sentado na casca de uma árvore grossa, na beira do caminho. As duas onças começaram a conversar: "Onde vais?", perguntou uma. "Vou para esta serra aí!", respondeu a outra. "E eu para aquela ali!", disse a primeira, e ambas continuaram o seu caminho. Quando uma delas passou rente à árvore, o homem deu-lhe um beliscão no pescoço. Ela se virou rapidamente: "Que foi que me beliscou?" Ela procurou no chão do caminho, achou uma formiga e esmagou-a: "Teria sido isto?" Ela achou um pedacinho de pau e quebrou-o: "Teria sido isto? Não! De certo foi algum homem!" Por fim ela foi andando, mas já depois de alguns passos ela voltou ao lugar e procurou de novo: "Não foi aqui que me beliscaram? Sim, naturalmente foi algum homem, mas eu hei de achar e de comê-lo!" Como porém todas as suas investigações fossem em vão, ela foi-se finalmente; mas um pedaço adiante, ela se sentou e olhou com insistência para trás. Pegando um pedaço de pau seco, brincou com ele como se fosse seu filhote. O índio há muito estava arrependido de ter mexido com ela. "Hoje eu não saio mais daqui!", disse ele consigo. Finalmente a onça foi embora. O índio depôs depressa o zabelê que tinha matado no lugar, e, transformando-se em passarinho, fugiu em rumo da aldeia. Não demorou muito que a onça voltasse novamente. Ela achou o zabelê e jogou-o fora: "O que me adianta isto? Eu não disse que tinha sido um homem! Com isto ele quer enganar-me, mas eu vou perseguir-lo!"

Entretanto, o índio ia fugindo rumo à aldeia. Em caminho, ele encontrou um casal de velhos que estava trabalhando em sua roça. "Cuidado!", gritou ele ao casal, "atrás de mim vem uma onça!" Mas os velhos não fizeram caso do aviso, e a onça chegou e matou a ambos.

Quando o índio chegou à aldeia, mandou cortar um pedaço de um pé de barriguda que tinha mais ou menos o comprimento e a grossura de um homem, e mandou pendurá-lo com cipó num galho, por cima do caminho, de maneira que ele oscilava ao vento, tocando quase no chão. Ao lado dele os homens se puseram de emboscada. Quando a onça veio e viu o pedaço de pau mover-se, julgou que fosse um homem e lançou-se sobre ele. Então os homens dispararam de todos os lados suas flechas, matando-a.

O homem entre as antas

Na mata de uma serra morava um grande número de antas. Um índio foi caçar por lá, e os seus cachorros levantaram uma anta nova, que acuraram dentro do rio. O caçador feriu-a com uma flecha na coxa, mas ela escapou-se para a mata, e os cachorros perderam o rastro, enquanto ele mesmo seguia pelo rastro do sangue. Ele chegou ao lugar onde o animal ferido estava deitado no chão, gemendo, enquanto um

grande número de antas o rodeava. O irmão da anta ferida perguntou ao caçador se era ele o malfeitor, mas este o negou, dizendo que devia ter sido aquele outro caçador que caçava com os cachorros cujos latidos se ouviam de longe. O tapir perguntou então ao homem se não sabia alguma fórmula mágica com que ele pudesse curar a ferida; se ele conseguisse isto, ele havia de lhe dar a irmã por mulher. O homem experimentou a sua ciência e, depois de ter aplicado a fórmula três vezes, o animal sarou. "Agora podes casar com ela!", disse o tapir.

Durante algum tempo, o homem viveu então com a anta, mas esta só queria pastar de noite. Ela convidou o marido para vir com ela comer milho verde, mas o que ela assim chamava eram, na realidade, as folhas verdes das árvores que as antas comem. O homem corria na escuridão da noite atrás do animal que comia folhas e frutas de palmeiras, mas logo se aborreceu com semelhante vida. Uma noite ele se escondeu na copa de um jenipapeiro, de onde observou como sua mulher comia as frutas caídas. De repente, veio o irmão dela e perguntou: "Onde está teu marido?" "Ele ficou em casa", respondeu ela. "Teu marido não presta", continuou o tapir, "eu vou matá-lo!" O homem tinha ouvido o suficiente. Logo que os animais foram embora, ele desceu e fugiu, voltando aos seus parentes.

A batalha das aves

Quando as aves ainda eram gente, reuniram-se, um dia, todos para uma caçada. Na aldeia deixaram só duas moças, a Veada-mateira e a Veada-branca, debaixo da vigilância de um menino. Este armou sua rede debaixo da cumeeira da casa, enquanto as duas moças iam ao rio pescar. Um dia, elas encontraram lá o Socó e o Jeneñé* que, em companhia de uma grande tropa de outras aves aquáticas, estavam pescando. Eles deram às moças alguns peixes grandes, do comprimento de um braço. Quando as moças voltaram para casa, cortaram os peixes em pedaços grandes, e encheram com eles uma panela que puseram no fogo. O menino perguntou de onde lhes tinham vindo peixes tão grandes. As moças responderam que elas mesmas os tinham pescado, mas o menino não acreditou. Quando a comida estava pronta, elas o chamaram e lhe deram um pedaço de peixe. De repente, o menino descobriu, na carne do peixe, a físga de uma flecha. Ele a escondeu cuidadosamente e não quis comer mais. Deitou-se na rede e não quis mais descer, por mais que as moças o chamassem para comer.

Quando os caçadores vinham voltando, ele foi ao encontro deles e disse: "As duas moças procederam mal na sua ausência. Elas tiveram relações com outros homens, que lhes deram peixes grandes!" — "É mentira sua!", gritaram logo alguns, dando-lhe alguns cascudos, mas outros objetaram: "Deixem-no contar!" — "Eu mesmo vi os homens", continuou então o menino, "eles são muitos e estão acampados na beira do rio para uma pescaria." E puxando a físga que encontrara no pedaço de peixe: "Isto estava no peixe que as moças me deram para comer. Eu o escondi e não quis mais comer!" — "Estás vendo que ele tem razão?", disse o Gavião que era o chefe, "por que bateste nele?"

Todos saíram então para castigar as aves pescadoras, e houve uma grande batalha entre os dois partidos. As (sombras das) aves que foram mortas na batalha subiram cantando para o céu. (Não é que as aves pertencem aos céus?) Quando lá em ci-

ma cai uma pena e desce à Terra, ela aqui se transforma em ave. As aves pescadoras foram derrotadas. Então as duas moças também fugiram para o mato, lamentando-se: "Que será agora de nós duas?" Uma delas apanhou um pedacinho de pau no chão, rachou-o e colocou-o sobre o pé, e logo os seus pés se transformaram em cascos fendidos e ela mesma em Veada-mateira. A outra se transformou pela mesma maneira em Veada-branca.

Os irmãos encantados

Um homem estava prestes a sair para uma viagem. Ele chamou seu irmãozinho e o mandou à roça para chamar a esposa. Quando o menino chegou à roça, viu a mulher sentada com alguns rapazes novos, comendo preás com eles. Ele voltou e contou o que tinha visto a seu irmão. "Vai socar milho no pilão e vamos nós mesmos fazer bolos de milho; com minha mulher eu não quero mais conversa!", disse este. Fizeram uma boa quantidade de bolos de milho; depois o homem disse a seu pai que fosse atrás deles, buscar a caça que lhe ia deixar no caminho. Ele foi com seu irmãozinho, matou uma anta, esquartejou-a e colocou os pedaços num moquém. Seus pais, seguindo pelos seus rastros, encontraram a anta. A mãe ali ficou, mas o pai continuou no rastro dos filhos. Este o conduziu ao rio, a um lugar onde se formava um grande salto. Quando o pai ali chegou, ainda conseguiu ver seus filhos mergulharem n'água, abaixo do salto. Eles se encantaram e continuaram a viver debaixo d'água; lá também existe muita gente. A mãe deles chorou e se lamentou muito quando seu marido lhe contou o que tinha acontecido. Ela quis mergulhar n'água também, mas seu marido a deteve: "Teu filho não gosta de ti! Ele ficará zangado se fores atrás dele!" Então os dois velhos voltaram para a aldeia.

O viajante

Um homem saiu mundo afora para conhecer povos estranhos. Em primeiro lugar ele chegou ao povo dos comedores de urucu. Estes o receberam amavelmente e lhe deram bolos *karāká*, feitos de massa de urucu. Ele, porém, não quis comê-los e continuou sua viagem.

Depois ele chegou aos comedores de piolhos. "Havemos de dar ao nosso hóspede alguma coisa para comer", disseram. Inclinando a cabeça por cima de uma bacia, derrubaram para dentro dela os piolhos que cobriram os seus cabelos, até encher o vaso. Este prato eles apresentaram ao homem; ele, porém, não quis comer e continuou a viagem.

Adiante, ele encontrou uma gente cujo corpo estava coberto de tumores. Eles também quiseram dar-lhe uma refeição. Espremendo o pus dos tumores, encheram com ele uma cuia e deram esta bebida ao homem. Este ficou horrorizado e continuou sua viagem com fome mesmo.

Finalmente, ele chegou à tribo dos Ratos. Estes tinham comida boa: milho, batatas, mandioca e outros produtos da roça. O homem estava contente e resolveu ficar com eles. Um dos Ratos tinha uma irmã, uma mocinha gorda (de 12 a 13 anos) que ele ofereceu ao homem por esposa, e este casou com ela.

Os Ratos, entretanto, tinham o costume de dormir durante o dia. Só depois de anoitecer eles iam à roça. Convidaram o homem para ir com eles, mas este, para poder andar no escuro, teve de levar uma lenha acesa, e apesar disto ainda tropeçava constantemente, pois os Ratos corriam com muita velocidade.

(*) Animal não identificado. (N. do R.)



Homem Kamakã, desenho de Rugendas.

Num instante eles tinham colhido os frutos que precisavam e correram outra vez para casa. O homem não se pôde conformar por muito tempo com semelhante inversão de dia e noite. Deixou outra vez os Ratos e voltou para a sua aldeia.

A mulher-anta

Um índio havia repudiado sua mulher. Esta tomou seu filho pequeno e foi com ele para a mata, onde os dois viviam de caratingas e frutas. Na mata, ela encontrou-se com um tapir e teve com ele relações sexuais. Ela fez um jirau alto, e sobre ele sentou seu filho, com alguma comida, para que o tapir não o matasse. Depois ela mesma se transformou em anta. Ficou prenhe e pariu um pequeno tapir, que deitou debaixo do jirau. Ela havia feito um caminho do jirau a um poço do rio, onde se encontrava com o tapir que vinha por outro caminho, para banhar-se em sua companhia.

Nesse meio tempo, o irmão da índia procurou-a por toda parte na mata, e já pensava que uma onça devia tê-la comido. Um dia, porém, quando ele tinha trepado numa árvore, ouviu, de longe, o grito comprido do filho em cima do jirau. Marcando bem o rumo, seguiu na direção do grito e achou o menino. Perguntou-lhe onde estava sua mãe, e o menino respondeu que ela se havia transformado em anta. Então o homem mandou que o menino, com o seu pequeno arco, atirasse no filho do tapir, para fazê-lo gritar. O homem escondeu-se, porque já o tapir velho vinha correndo para ver o que tinha acontecido ao filhote, mas como não visse ninguém, voltou para atrás na carreira.

O homem disse a seu sobrinho que o esperasse no dia seguinte; depois foi e reuniu todos os seus irmãos e parentes para que o ajudassem a matar o casal. Sua irmã, ele mesmo mataria, enquanto os outros deviam abater o tapir. Eles se puseram de emboscada, ao lado do caminho deste, enquanto o homem foi ter com seu sobrinho e mandou que este matasse o filhote de tapir com as suas flechinhas. Quando este gritou sob as flechadas do menino, os pais acudiram imediatamente, mas o tapir foi morto na sua trilha pelos parentes do homem, enquanto este matou a anta junto ao jirau. Depois levou seu sobrinho para casa, mas estava desconfiado e disse ao menino: "Se tu tam-

bém te transformares em tapir, eu te materei da mesma maneira."

Os pigmeus

Existe uma tribo de nome *Šakityewanew*, cujos homens não são mais altos que isto (um metro); as mulheres são ainda menores. Contudo, esses pigmeus são muito mais fortes que homens comuns.

Um índio chegou, inadvertidamente, à aldeia dos pigmeus, onde só estava em casa o chefe e sua mulher. O chefe estava consertando flechas, e ela fiando algodão para fazer um *ayó*. O visitante era um falador incorrigível, e como tal de má nota, mesmo entre seus próprios parentes. Julgando que o casal de pigmeus fosse crianças disse ao chefe: "Menino! Deixa as flechas de teu pai! Ele vai te bater quando voltar!" Depois dirigiu-se à mulher: "Por que estás mexendo no trabalho de tua mãe? Quando ela voltar, ralhará!" O chefe estava furioso com semelhante tratamento, mas não deixou transparecer nada, convidando o homem para ficar até que os outros chegassem.

Depois de algum tempo, os pigmeus voltaram da caçada, arrastando antas, veados e porcos mortos; depois começaram a beber *kašk*. O chefe chamou sua gente de parte e disse: "Temos de matar este homem! Ele nos insultou! Ele nos ralhou como a crianças!" Então convidaram o homem para beber com eles, e tanta bebida lhe deram que sua barriga ficou inchada. Depois, cercando-o, com a sua grande força atiraram-no ao ar, e quando ele vinha caindo, rebatiam-no com a palma da mão, atirando-o uns aos outros. Depois de terem brincado de peteca com ele durante algum tempo, deixaram-no de repente cair no chão, onde ele bateu com tanta força que sua barriga rebentou.

O irmão do morto esperou durante muito tempo, em vão, pela sua volta. "Talvez uma onça o tenha devorado!", disse ele. "Vou procurá-lo!" Seguindo o rastro de seu irmão, também chegou à aldeia dos pigmeus. Também ele só encontrou o chefe com sua mulher em casa, trabalhando, mas nada disse, mirando-os calado. Finalmente perguntou: "Meu irmão não passou aqui?" — "Sim", respondeu o chefe, "ele veio, e eu mandei matá-lo porque nos insultou. Ele nos ralhou como a crianças. Por que ele não chegou com bons modos, como tu?" — "Sim", disse o irmão do morto, "ele sempre foi mau falador, e se o matastes porque vos insultou, nada mais eu tenho a objetar." Então o chefe mandou lhe dar uma cuia de *kask* e o deixou voltar em paz.

Lutas com os Patašó

Os Kamakã saíram para serra em busca de cana de flecha. Numa clareira na mata eles fizeram um grande rancho (oval?) onde deixaram as mulheres e crianças, enquanto os homens foram para a serra.

Depois da partida dos homens, algumas moças resolveram ir buscar frutas na mata; suas mães, porém, as proibiram, até que uma mulher de certa idade se ofereceu para acompanhá-las.

Na mesma hora, os Patašó²⁶ cercaram o rancho. Escondidos na mata, eles imitavam toda a espécie de bichos, um assobian-do como uru, outro roncando como mutum, outro grunhindo como porco, um quarto chiando como coati, etc.

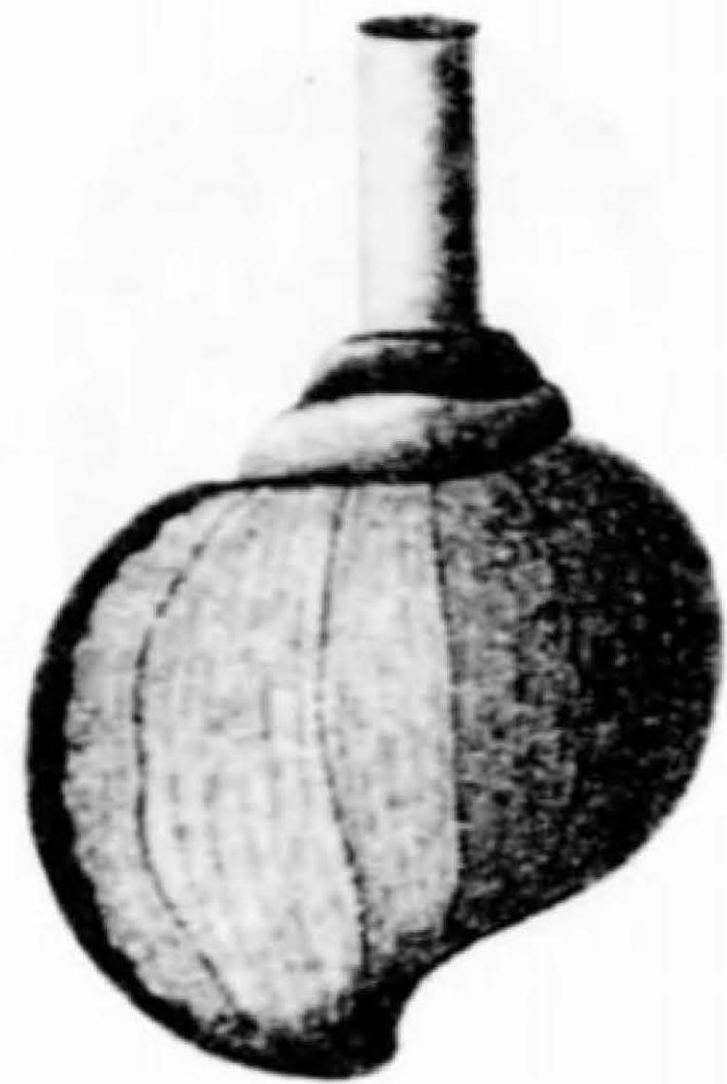
Na aguada do rancho, estava uma mulher lavando a rede de seu marido, e junto dela alguns meninos estavam brincando de "macaco" nos galhos de uma árvore. De repente, um deles observou como, um pedaço mais abaixo, um Patašó atravessou o rio, disfarçado com umas folhas na cabeça. Julgando que se

tratava de seu pai, ele gritou para a mulher: "Aí meu pai já vem voltando!", mas logo os Patašó chegaram, e a flechadas mataram os meninos, que caíram da árvore, um após outro. Um menino de seis ou sete anos, porém, correu para o rancho, gritando: "Os Patašó! Os Patašó!" Ele correu em ziguezague para evitar as flechas que os Patašó atiraram nele, e assim conseguiu passar pelo círculo dos inimigos, pondo-se imediatamente em caminho para o lugar onde sabia que os homens estavam tirando cana de flecha. Os Patašó mataram a mulher na aguada e encontraram as moças que justamente tinham saído do rancho. Estas tentaram escapar para dentro do rio, mas os Patašó sempre as flecharam, e a correnteza levou os seus corpos rio abaixo. Uma das moças, porém, tratou de fugir por terra, perseguida por um dos Patašó. Ela fugiu em direção de um lago que existia um pouco abaixo do rancho; correu ao redor dele e saltou finalmente n'água. Mergulhou, ficando somente com o nariz, que ela cobriu com uma folha, fora d'água. O perseguidor procurou-a por muito tempo, em vão, dando-a finalmente por perdida. Ela saiu do lago e tomou o caminho para uma outra aldeia dos Kamakã que ela conhecia. Chegando à aguada, ficou sentada, porque havia perdido a sua tanga na fuga e tinha vergonha de aparecer nua na aldeia. Esperou até que uma mulher veio buscar água e contou-lhe a sua desgraça. Esta trouxe-lhe uma tanga e a levou para a aldeia. — O menino e a moça foram os únicos que conseguiram escapar do cerco.

Entretanto, os Patašó mataram todas as mulheres e crianças que tentavam fugir do rancho. Para qualquer lado que queriam escapar, eram sempre recebidas a flechadas; não escapando nenhuma.

Nesse meio tempo, o menino também estava se aproximando do lugar onde se achavam os homens. Um destes estava tratando de sacudir para baixo, por meio de um cipó, uma flecha que ele tinha atirado num macaco e que ficou fincada numa epífita. O menino chamou-o. "Que estás procurando aqui?", perguntou o homem. "Vinde depressa!", respondeu o menino, "os Patašó mataram todas as mulheres e crianças no rancho! Só eu pude escapar!" Então os homens juntaram as canas de flechas que já haviam cortado e formaram um conselho: "Que devemos fazer? Decerto teremos de nos vingar dos Patašó!" Voltaram ao rancho. Aí jaziam espalhados, por toda parte, os cadáveres das mulheres e crianças, crivados de flechas. Eles fizeram uma cova grande, onde sepultaram todos juntos; depois fizeram flechas e arcos novos. Numa carreira comprida, eles encostaram os arcos e as flechas no tronco de uma árvore que jazia no chão, e um deles foi passando, fazendo tinir as cordas retesadas de todos os arcos, para conhecer pelo som se o proprietário morreria na empresa. A corda de arco de um dos homens não tinha. Procuraram dissuadi-lo de tomar parte, ele, porém, declarou que havia de ir, mesmo para morrer, porque os Patašó já tinham matado sua mãe e sua mulher. A mesma declaração fez também um segundo cuja corda de arco também não tinha.

Assim eles saíram e cercaram o rancho dos Patašó, exatamente como estes haviam feito com o dos Kamakã. A primeira pessoa que mataram foi a uma mulher que estava cortando palmitos na mata, adiante do rancho, depois outra mulher veio vindo pelo caminho. Recebendo uma flechada, ela correu para trás, para o rancho. Agora os Patašó precipitaram-se do rancho para todos os lados, procurando romper o cerco, mas foram mortos a flechadas até o último. Os Kamakã só perderam na luta aqueles dois homens cujas cordas de arco não tinham tinido.



Mura

Os Mura são oriundos do rio Madeira, de onde se espalharam, durante o século XVIII, em guerrilhas temíveis até São Paulo de Olivença, no Solimões, Oriximiná, no Trombetas, e a foz do Jamary, no sul. Em 1784, fizeram as pazes com os neobrasileiros, e hoje ainda existem em numerosos núcleos pequenos e mesclados, principalmente na região do Autaz e do baixo Madeira. Seu número total é de uns 1.500. Sua língua é isolada. Os fragmentos de lendas foram colhidos no Autaz, em 1926.*

Constelações

Amancha preta na Via-Láctea, entre as constelações do Cruzeiro e do Centauro, representa um peixe-boi, junto do qual estão dois pescadores. Um deles é levado para o fundo d'água pelo peixe-boi que o tomou às costas, enquanto o outro se prepara para arpoar o animal. Atrás do peixe-boi, vê-se a espuma d'água (Via-Láctea) causada por ele.

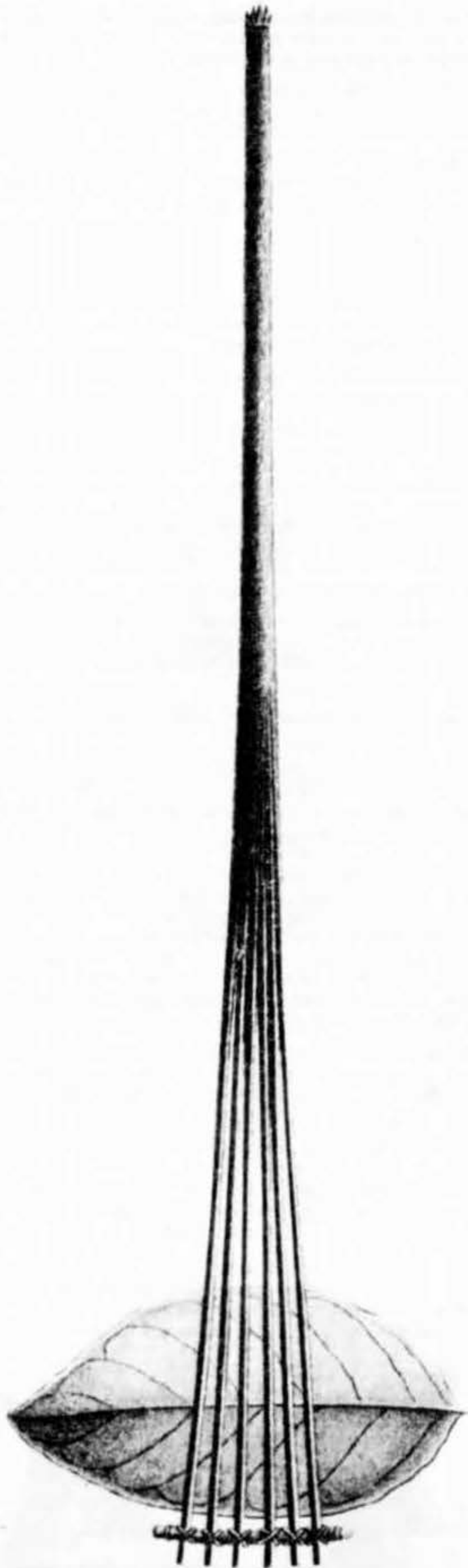
O arco-íris

O arco-íris é a boca aberta da cobra grande, pela qual as almas dos defuntos entram no céu. Para que a cobra as deixe entrar, mete-se uma moeda na boca do defunto ou, se for muito pobre, uma rãzinha.

O dilúvio

A água começou a subir. Os homens fugiram à procura de algum lugar onde estivessem a salvo. Achando um rochedo alto, ali se reuniram, vivendo dos animais que igualmente se haviam refugiado nele. Quando, finalmente, a água desapareceu, eles não acertaram mais o caminho de volta

(*) Os Mura são hoje 1.300 indivíduos que habitam cinco aldeias nos municípios de Manicoré, Auxiliadora e Autazes, no Estado do Amazonas (N. do R.)



para a sua terra, de tão longe que haviam fugido, mas um pajé conduziu-os para trás, direto no rumo do leste, para o lugar da antiga aldeia.

O incêndio universal

Na margem setentrional do Amazonas podem-se ver ainda hoje os vestígios do incêndio universal, no terreno árido, coberto somente de arbustos baixos e secos, perto de Manuas. Os homens fugiram. Um deles cavou um buraco fundo no chão com um motá que conduzia para baixo. Ele escorou as paredes do buraco com paus, para não caírem. Levou lenha e folhas de palmeiras para baixo e fez uma choça. Sua mulher fez trinta potes que encheu com água. Depois ele fechou a boca do buraco com uma laje, e esperou pelo fogo que passou por cima com ruído. Em distância de uma légua do fogo, já se sentia o calor. Também, dentro do buraco, o calor aumentou. Depois de duas semanas, ele apalpou a laje e sentiu que ainda estava quente. Esperou que ela esfriasse e depois empurrou-a para o lado, com auxílio de seus dois filhos (ele tinha também uma filha). Ele encontrou a terra toda árida, sem água nem plantas. Só havia o céu e a terra. Ele trouxe o seu material para cima e fez uma casa, mas estava muito triste porque só lhe restavam dez potes com água. Então ele viu passar o Espírito Santo, com tambores e bandeiras, e lhe pediu água. A Santo Antônio ele pediu peixes; a São João, palmeiras; e a São Pedro, maniva. Este mandou que ele virasse as costas, e quando ele teve licença de olhar, a maniva já tinha um pé de altura.

A flauta dos porcos-do-mato

Um homem, casado de novo, foi ao mato caçar porcos e matou uma porca que tinha leitões. Os outros porcos, cercando-o, obrigaram-no a se refugiar numa árvore, de onde ele matou ainda dois outros deles. Mas os animais escavaram as raízes da árvore, e, quando esta caiu, eles agarraram o homem, levando-o. A mãe dos porcos (*tapeyãra*), um animal pequeno e vermelho, conservou-o em sua companhia. Quando eles passavam em lugares onde havia uixis, buritis ou biribás, ela perguntava se ele comia essas frutas e ele respondia que sim. De noite o homem teve de dormir entre eles e, assim que tentava levantar-se, os porcos também, imediatamente se levantavam grunhindo e farejando.

Um dia eles voltaram ao lugar onde os porcos o haviam aprisionado. O homem se deitou ao pé de uma árvore, à beira d'água e, quando todos estavam dormindo, ele trepou, passou pelos galhos de uma árvore para outra, saltou n'água e se escondeu na copa de uma árvore do outro lado. Tinha levado a flauta dos porcos consigo. Antes de clarear o dia, os porcos descobriram a sua fuga e cercaram o igapó à sua procura sem, porém, descobri-lo. Ele foi para casa, onde encontrou mulher e filhos que já suspeitavam que ele tivesse morrido em algum desastre.

Ele convidou a mulher, o irmão e os cunhados para caçarem porcos em sua companhia. Ficando todos na canoa, ele soprou duas vezes a flauta. Logo apareceu, em tropel, um grande número de porcos, dos quais ele matou tantos quanto quis.

Mais tarde chegou seu outro irmão do Pará e quis saber como tinham matado tantos porcos. Tirando a flauta do cesto do irmão, o que havia chegado disse que aquele tinha sido muito tolo de se deixar capturar pelos porcos. Ele foi pelo caminho

da terra e soprou a flauta, mas os porcos chegaram, mataram-no e levaram outra vez sua flauta.

NOTAS

(1) A relação de *Kramdywú* dos Kayapó corresponde aproximadamente à relação *kramgéd-ti-pa-kram* dos Apinayé. Entre estes, quando uma criança atinge a idade de uns cinco anos, seus avós lhe escolhem um padrinho (*kramgéd-ti*) e uma madrinha (*kramgéd-y*). O nome que eles dão ao afilhado é *pa-kram*. Este os trata com o mesmo respeito devido aos pais e avós. A principal obrigação destes padrinhos consiste em fornecer enfeites e objetos cerimoniais ao afilhado. Entre os Kayapó, esta relação não depende da livre escolha – pelo menos até certo ponto –, como no caso dos Apinayé: certas famílias matrilineares estão tradicionalmente nesta relação com certas outras, sendo uns os padrinhos dos filhos dos outros. Estes compadres se tratam entre si de *kra*, e as comadres de *kram*.

(2) As aldeias dos Kayapó, como as dos Timbira Orientais e as dos Apinayé, têm forma circular. Entre os últimos, esse círculo é a imagem do sol.

(3) As classes de idade dos Kayapós não são organizações como as dos Timbira Orientais, onde todos os iniciados juntos pertencem vitaliciamente a uma mesma classe, sem jamais poder passar para outra. Entre os Kayapó, como entre os Apinayé, o indivíduo passa com a idade sucessivamente de uma para outra. Das oito classes de idade masculinas dos Kayapó (inclusive três classes intermediárias), é a dos *Me-norō-ní-re* (moços que já usam o estojo peniano) a mais importante e que mais se destaca socialmente. A dos *Goromanōro* abrange os candidatos à classe dos *Me-norō-ní-re*, mas que ainda não receberam o estojo peniano, e estão sob a tutela destes. Os *Me-kra-re* são os pais de família. Cada classe de idade tem dois chefes, que trazem o título de *Kadywúdn*.

(4) Ver nota (3).

(5) Ver nota (3).

(6) Cada aldeia dos Kayapó tem dois chefes (*Me-bē-nyadywóre*).

(7) Ver nota (3).

(8) Todos os Timbira, como também os Kayapó e os Šerente, ignorando a cerâmica, costumam preparar a comida colocando-a embrulhada em folhas, sobre o chão quente de uma fogueira, debaixo de pedras aquecidas na mesma fogueira e coberta com uma grossa camada de terra.

(9) Cinto de algodão guarnecido de pingentes de casco de anta na borda inferior. Ver Krause, *In den Wildnissen Brasiliens*, Leipzig 1911: p. 384 e estampa 679.

(10) Rivet (*Langues Americaines*, p. 690) cita os Kubénépre como tribo da família lingüística Tupi, nas matas virgens do Alto Itacaiúnas. O texto não permite a verificação da fonte em que ele se baseia, mas a existência desta tribo Tupi parece-me muito duvidosa.

(11) Estas notícias fantásticas dos Kayapó parecem referir-se a uma tribo que existe de fato. Já a tradição dos Apinayé (Nimuendaju, *The Apinayé*, p. 3) menciona os *Kupē-rop* (os *Cupē-lobo* dos neobrasileiros) como uma tribo absolutamente real que antigamente habitava no Lago Vermelho, abaixo da foz do Itacaiúnas, a quem eles atacavam para lhes tomar as contas brancas de porcelana que já possuíam. A última notícia destes ataques data de 1850, e remanescentes de tal tribo parecem existir até hoje no alto igarapé do bacuri, que desemboca nas vizinhanças de Itaboca.

(12) Os *Me-ók-re* são uma subdivisão da classe de idade dos meninos, cujas funções não consegui determinar.

(13) Os Kayapó distinguem entre *u-kane-dywúdn* e *vayaná*. Os primeiros são curandeiros que aplicam magia profana, e se distinguem por sua maior ou menor competência. O *vayaná* é o representante da magia superior, a que o Kayapó recorre em todos os apertos e ocasiões em que outras tribos apelam para divindades, demônios ou almas de defuntos. Eles são distintos da classe dos chefes e do Conselho, e também diferem dos *vayangá* dos Apinayé por não basearem o seu poder no trato com as almas de defuntos.

(14) O caracol é o principal remédio mágico para onças: quando se teme o assalto de uma onça na mata, esquentam-se um caracol no fogo, movendo-o na direção do lugar onde se presume estar o animal.

(15) Imediatamente depois do parto, pai e mãe são postos em reclusão, submetendo-se, em favor da saúde do recém-nascido, a uma dieta de batatas e beijos de mandioca, até a queda do cordão umbilical da criança.

(16) Esse *Kaben-dywúdn* dos Kayapó tem mais ou menos as funções dos conselheiros dos Apinayé (pessoas que têm a função de admoestar em discursos públicos os habitantes da aldeia e de cuidar do cumprimento das tradições).

(17) Ver nota (1).

(18) Certos cacetes dos Kayapó terminam em forma de ponta de lança, e como tal podem ser usados. Ver Krause, *In den Wildnissen etc.*, estampa 24-2 (o primeiro homem da esquerda).

(19) Provavelmente para evitar que a pele do ventre se torne flácida em consequência do parto.

(20) Bebida fermentada de milho.

(21) Os Kaingang do Ivaí reconheciam, em ambas as suas metades exogâmicas, quatro (ou mais?) classes, consideradas de maior ou menor sensibilidade quanto a influências más, e conseqüentemente com funções cerimoniais diversas. A classe dos *Pényé* era considerada inferior, sendo a menos sensível a feitiço, impureza e doenças. Aos *Pényé* cabiam as funções de mais importância na ocasião de um óbito, pois só eles podiam lidar sem prejuízo com o cadáver e com a viúva.

(22) A tribo dos Palikur é composta de sete (antigamente, onze) clãs patrilineares não-localizados. O clã *Kamōhiyune* estava, em 1925, já praticamente extinto, visto não existir mais nenhum representante masculino dele.

(23) Saco de carga trançado em malha, usado por muitas tribos do Nordeste do Brasil.

(24) Os dois episódios fragmentários dessa lenda indicam que os *Mašakarí* possuem um mito de Sol e Lua, semelhante ao dos *Kamakā*, e também ao dos *Šerente* e *Timbira*. O fato de que no mito *Mašakarí* a Lua, feminina, também toma parte no roubo das flechas torna provável que eles, ou adotaram a lenda de outra tribo onde Sol e Lua são ambos masculinos, ou adotaram secundariamente o conceito de que a Lua é feminina. Em favor da segunda hipótese fala o seguinte: no vocabulário *Mašakarí* de Saint-Hillaire, Sol e Lua ainda não se chamam, como hoje, *Manyuán* e *Maniyuán-hey*, mas *Apocai* e *Puá*, como entre as tribos, estreitamente relacionadas aos *Mašakarí*, dos *Makuní* (*Apucaai* e *Puaan*) e *Kapošó* (*Apucój* e *Pua*). Os nomes atualmente usados pelos *Mašakarí* procedem visivelmente da língua dos *Patašó*, que chamam Sol e Lua de *Manū* (cf. Wied: *Mayon*) e *Manun-tiá* (cp. *Patašó: bek-tiá* = mulher).

(25) *Wadyé* é também o nome de uma das metades (não exogâmicas) que formam os *teams* dos *Kamakā* nas corridas de tora, sendo que a outra é *Wanā*. A mãe da criança escolhe a metade a que esta deve pertencer por toda a vida.

(26) Os *Patašó*, inimigos principais dos *Kamakā*, são uma tribo de língua isolada e de cultura extremamente primitiva que habitava o interior entre o rio Contas e Mucuri, no sul do Estado da Bahia. Em 1938 existia ainda uma dúzia de remanescentes no Posto Paraguaçu do Serviço de Proteção aos Índios, no rio Cachoeira de Itabuna*.

(*) Trata-se provavelmente dos *Pataxó Hã-hã-hãe*, que hoje habitam duas aldeias em Pau Brasil e Itaju de Colônia, no sul da Bahia, onde continuam a resistir aos fazendeiros e políticos interessados em lhes roubar as terras. São cerca de 2.600 indivíduos. (N. do R.)





Indio Mura Alexandre Ferreira, Viagem Filosófica a Capitania do Cabi-Pira